

MARIA DO CARMO CANTO MARTINS

**JOVENS ESTUDANTES: INTERDIÇÃO E INSERÇÃO NO CONSUMO DE
SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**

Universidade Católica de Goiás

Mestrado em Educação

Goiânia – 2003

MARIA DO CARMO CANTO MARTINS

**JOVENS ESTUDANTES: INTERDIÇÃO E INSERÇÃO NO CONSUMO DE
SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação da
Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação
da Profa. Dra. Maria Tereza Canesin Guimarães.

Universidade Católica de Goiás

Mestrado em Educação

Goiânia – 2003

Soneto da perda esperança

Perdi o bonde e a esperança.

Volto pálido para casa.

A rua é inútil e nenhum auto
passaria sobre meu corpo

Vou subir a ladeira lenta

Em que os caminhos se fundem.

Todos eles conduzem ao

Principio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo

Ou se é alguém que se diverte

Por que não? Na noite escassa

Com um insolúvel, flautim.

Entretanto há muito tempo

nós gritamos: sim! Ao eterno.

Carlos Drummond de Andrade

A meus filhos, João Renato e Ludmila, razão da escolha deste tema.

A meus pais, que souberam dar o melhor de si para minha formação.

Ao casal Roberto e Inezita Bucci, sem cujo apoio não seria possível a realização este trabalho.

A José Meloni, que nos últimos meses, tem oferecido seu apoio carinhoso.

À amiga Joana Peixoto, pela presença constante, mesmo estando geograficamente distante.

AGRADECIMENTOS

À Professora Maria Tereza Canesin Guimarães, pela condução ética e responsável deste trabalho, colocando-se disponível para dirimir as dúvidas que surgiram ao longo da pesquisa. Ressalto as suas qualidades de ser humano que sabe respeitar as possibilidades e os limites individuais.

Aos seis jovens que se dispuseram a dar seus depoimentos, pela franqueza ao relatar acontecimentos de sua vida íntima.

Às Professoras Elza Guedes Chaves e Raquel Aparecida Marra da Madeira Freitas que compuseram as bancas de qualificação e defesa, contribuindo com valiosas sugestões.

A todos os professores e colegas de mestrado da Universidade Católica Goiás (UCG), por momentos de convívio de valiosa reflexão sobre as teorias as quais puderam ser transformadas em saber pessoal e, conseqüentemente possibilitar o aperfeiçoamento docente e pessoal.

À professora Darcy Costa, pela ajuda valorosa nos aspectos da redação, superando o trabalho de revisão do texto.

Esta dissertação foi orientada, avaliada e aprovada pela Comissão de Dissertação da candidata e aceita como parte dos requisitos da Universidade Católica de Goiás para a obtenção do grau de

MESTRE EM EDUCAÇÃO

Políticas e Gestão da Educação

Área de Concentração

JOVENS ESTUDANTES: INTERDIÇÃO E INSERÇÃO NO CONSUMO DE
substâncias psicoativas

MARIA DO CARMO CANTO MARTINS

PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
STRITO SENSU

Comissão:

Profa. Dra. MARIA TEREZA CANESIN GUIMARÃES

Orientadora

Profa. DRA. ELZA GUEDES CHAVES

Profa. DRA. RAQUEL APARECIDA MARRA DA MADEIRA FREITAS

Data

SUMÁRIO

RESUMO.....	7
ABSTRACT.....	8
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	
Conceitos de juventude e suas interfaces com o fenômeno da drogadição.....	15
Juventude e drogadição.....	23
O ser jovem nas relações com as agências socializadoras	29
CAPÍTULOII – Jovens estudantes e os mecanismos de interdição no consumo de drogas	
A jovem Elisa	34
O jovem Bruno	51
A jovem Ângela	68
CAPÍTULOIII – Jovens estudantes e as experiências com o consumo de drogas	
A jovem Roberta.....	78
O jovem Carlos	87
O jovem Hélio	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	123

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa abordando o consumo de substância psicoativas entre jovens estudantes. O fenômeno da drogadição imbrica-se a fatores fundamentais, que são as agências socializadoras, sobretudo a família e a escola. Portanto, investiga-se o papel dessas agências na formação do jovem e seus significados na constituição do jovem como sujeito. Neste sentido, o jovem foi tomado como sujeito social, portador de uma historicidade, uma origem familiar, ocupando um lugar determinado na sociedade. É um ser singular, que age sobre o mundo, e nesta ação, se produz e é produzido no conjunto das relações sociais a que pertence. Ao definir o jovem como um sujeito social, adota-se uma postura metodológica em que o jovem é percebido como capaz de refletir sobre suas ações, ter posicionamentos diante da vida, o que requer do pesquisador distanciamento e auto-reflexão. O método que melhor se adequou às especificidades da pesquisa foi o fenomenológico, por possibilitar adentrar no universo conceitual dos sujeitos e perguntar quem são estes jovens, verificar sua realidade cotidiana, o significado que atribuem a ela, seus anseios e seus dilemas. Utilizou-se como instrumento de pesquisa a técnica de depoimentos. Foram entrevistados seis jovens, divididos em dois grupos: o primeiro, composto por jovens escolhidos em virtude do não-uso de drogas, exceto álcool e tabaco, o segundo, por usuários de drogas em processo de recuperação. Os critérios seguidos nos dois grupos foram: estarem na faixa etária de 15 a 24 anos; terem frequência escolar e pertencerem ao mesmo estrato sócio-econômico. As entrevistas seguiram um roteiro em que foram inquiridos aspectos fundamentais da vida do jovem: lazer, participação política, atividade remunerada, vida escolar, consumo de drogas, e prevenção. A intenção principal desta pesquisa foi a de organizar um conhecimento que possa subsidiar a formulação de projetos de prevenção ao uso de drogas nas escolas.

Palavras-chave: jovens; drogas; interdição; inserção.

ABSTRACT

This paper deals with research about the use of psycho-active substances among young students. The phenomenon of drug addiction shows that the fundamental factors are: the socializing agents, above all the family and the school. Therefore I investigated the role of these agencies in the formation of the young person, what significance they have in the make up of the young person as a subject. In this sense, the young person was taken as a social subject, carrier of a history, a family origin, having a determined place in society. He is a unique being, who acts upon the world and within this action he produces himself and is produced within the whole of the social relationships to which he belongs. When defining the young person as a social subject one adopts methodological posture in which the young person is perceived as capable of reflecting upon his actions, taking positions in the face of life, which requires that the researcher distance himself and reflect. The best method that was adequate for this research was the phenomenal, because it permitted entering into the conceptual universe of the subjects and asking who these young people are, checking their everyday reality, the significance given to it, their anxieties and their dilemmas. The technique of testimonies was taken as the instrument of research. Six young people divided into two groups were interviewed: The first was made up of young people because they don't use drugs except alcohol and tobacco, the second group was made up of drug users in the process of recuperation. Criteria followed in the two groups: belong to the age group from 15 to 24 years; school attendance; belong to the same social stratum. The interviews followed a script in which they were asked fundamental aspects of a young person's life: leisure activities, political participation, paid activity, school life, use of drugs, and prevention. The main intention of this research was to organize knowledge that could aid in the formation of projects of prevention of drug abuse in the schools.

INTRODUÇÃO

A juventude na sociedade brasileira tem constituído tema de investigação, seja na perspectiva das instituições diretamente responsáveis pela socialização, como escola, família, Igreja e outras, seja na ótica dos enfoques que examinam como esses sujeitos vivenciam as suas experiências e as elaboram em termos de percepção (Abramo, 1997; Sposito, 1994; Dayrell, 2002).

Bourdieu (1983) insere-se na discussão dos aspectos da classificação etária, argumentando que a juventude, assim como a velhice, são categorias cujas fronteiras são definidas tendo como referência o contexto histórico, as divisões de classes, os gêneros (masculino e feminino). “As classificações por idade (mas também por sexo, ou, é claro, por classes...) acabam sempre por impor limites e produzir uma ordem, onde cada um deve se manter, em relação à qual cada um deve se manter em seu lugar”, afirma Bourdieu, (1983, p.112). Para o autor, a intenção da classificação de idades está vinculada ao poder que os mais velhos procuram manter sobre as gerações mais novas, os setores dominantes sobre os setores dominados, os homens sobre as mulheres.

Estudos recentes, sobretudo pesquisas realizadas pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrid) têm revelado um aumento do consumo de substâncias psicoativas entre os jovens brasileiros, na última década. Em quatro levantamentos realizados pelo Cebrid nos anos de 1987, 1989, 1993 e 1997, entre estudantes da rede pública (estadual) de ensino em dez capitais brasileiras, os dados sinalizam um aumento de consumo de drogas, em especial maconha e cocaína, e um consumo acentuado de álcool, tabaco, solventes e medicamentos (Bastos e Carlini-Cotrim, 1998).

Também, os dados do *IV Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1ª e 2ª graus* (Cebrid, 1997), realizado em dez capitais brasileiras em 1997, confirmam que a defasagem série/idade entre não-usuários e usuários de drogas (com exceção do tabaco e do álcool) apresentam índices de discrepância significativos. Ressalta-se que, no Brasil, a defasagem entre série/idade não está somente relacionada ao uso de drogas, mas que o seu consumo contribui para elevar os índices.

Segundo o *Research and Reporting Project on the Epidemiology of Drug Dependence* (WHO), o jovem estaria mais propenso a usar drogas quando não dispõe de informações adequadas sobre os efeitos das drogas, tem saúde deficiente, está insatisfeito com a qualidade de vida, tem fácil acesso às drogas. O Cebrid (1997) traça um paralelo entre as características propostas pelo WHO (1980) e os resultados da *IV Levantamento* e conclui que a defasagem

escolar pode causar insatisfação com a qualidade de vida e, por consequência, a escola não estaria exercendo sua função de agência socializadora, para esse grupo de jovem em particular.

O estudo sugere que o ensino no Brasil continua sem atrativos, o que, certamente, levaria à frustração, trazendo consequências imprevisíveis à sociedade, talvez mesmo atuando como fator facilitador do abuso de drogas, já que estas proporcionam alívios imediatos e ilusórios aos dilemas do ser humano (Galduróz *et al.*, *apud* Cebrid, 1997).

O *IV Levantamento* (1997) realizou, ainda, análise de falta às aulas, constatando que os estudantes que relatavam uso de drogas faltavam mais à escola do que os alunos que nunca usavam drogas (exceto tabaco e álcool), evidenciando a correlação entre o baixo rendimento escolar e o uso de drogas. A pesquisa, também, acaba com a crença de que o uso de drogas é apanágio de alguma classe social. Mesmo o uso de inalantes não é feito somente pelos jovens dos estratos sociais menos favorecidos economicamente. Estudantes pertencentes a classes sociais médias e altas consomem esse tipo de droga com relativa frequência. O estudo mostra que, de maneira geral, não existe predomínio de usuário para determinados segmentos sociais da população estudantil pesquisada.

O estudo do Cebrid (1997) ainda constata que o consumo das substâncias psicoativas aumenta à medida que se eleva a idade dos estudantes, e que há diferenças importantes em relação ao tipo de substância usada e o gênero masculino ou feminino. Jovens estudantes do sexo masculino tendem a utilizar as denominadas *drogas de rua* (maconha, cocaína e inalantes), ao passo que entre as mulheres se destaca o consumo de medicamentos à base de anfetaminas, similares e ansiolíticos (Bastos, Carlini-Cotrim, 1998, *apud* Cebrid, 1997).

A Organização Mundial de Saúde OMS, 1981, (*apud* Cebrid, 1997) define droga como “qualquer entidade química ou mistura de entidades (mas outras que não aquelas necessárias para a manutenção da saúde, como por exemplo água e oxigênio), que alteram a função biológica e possivelmente a sua estrutura”. E ainda considera como droga “qualquer substância capaz de modificar a função de organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento” OMS, 1981 (*apud* Cebrid, 1997).

No cenário da drogadição¹, cabe ressaltar que uma forma de estabelecer distinção entre as drogas consiste em classificá-las quanto à maneira como elas são tratadas pela legislação. São denominadas lícitas as drogas cuja produção, comercialização e consumo são

¹ Drogadição provém da junção dos termos droga e adição (do inglês *addition*, que significa adição, soma). Drogadição refere-se, então, às várias modalidades de dependências químicas, e drogaditos diz respeito ao

regulamentados por lei e geralmente aceitas cultural e socialmente. As drogas ilícitas ou ilegais são proibidas pela legislação e sua produção, comercialização e consumo são considerados crimes.

O consumo de substâncias psicoativas por parte dos jovens brasileiros constitui uma realidade que necessita ser explorada, em busca de determinações e fatores que dêem conta das especificidades de gênero, de localidade, de classe social, do papel das agências educativas e outros aspectos relevantes para a compreensão desse fenômeno complexo e multifacetado. Estudos que possam subsidiar ações de políticas públicas de prevenção e investigações específicas se fazem necessários, com o objetivo de compreender fatores qualificadamente distintos – simbólicos, sócio-culturais – que permeiam a cotidiano dos jovens, perspectiva para a qual o presente trabalho pretende contribuir.

O eixo orientador deste trabalho consiste em investigar, por intermédio dos depoimentos de jovens-estudantes que transpuseram ou não o mundo do consumo de substâncias psicoativas, o universo sócio-cultural desses jovens, os aspectos que demarcam suas realidades cotidianas, os significados que atribuem a ela, os papéis das agências socializadoras, em especial a escola e a família, na vivência da transitoriedade do *ser jovem* e, por fim, os anseios e dilemas que permeiam suas vidas.

Neste momento, cabe lembrar que, ao iniciar o curso de mestrado em educação na Universidade Católica de Goiás, a pesquisadora tinha a intenção de desenvolver uma pesquisa-ação sobre o tema em virtude da atividade profissional que desenvolvia na época. Com as orientações da Professora Doutora Maria Teresa Canesin Guimarães, o projeto de pesquisa foi redimensionado.

O propósito do ponto de vista metodológico é adentrar o universo conceitual dos sujeitos, com o objetivo de entender como eles constroem o seu cotidiano e sob quais parâmetros se ancoram ou não no consumo de drogas. Procura-se compreendê-los como sujeito social, no sentido proposto por Charlot (2001), para quem o sujeito é um ser humano, portador de uma historicidade, ocupando um lugar determinado na sociedade. O jovem é um ser singular que age sobre o mundo, e nesta ação, se produz e é produzido no conjunto das relações sociais a que pertence. Ao conceber o jovem como sujeito social, faz-se a opção por uma posição metodológica que o percebe como capaz de refletir sobre suas ações e ter posicionamentos diante de sua vida.

usuário de drogas. Esses termos, empregados pela primeira vez por Richard Bucher, na década de 1980, ampliam o significado de dependência química.

Com tais preocupações, realizou-se uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento as técnicas da entrevista e depoimentos, visando investigar a forma como os jovens atribuem significados as suas experiências.

Um fator fundamental para este trabalho foi considerar o processo, os significados atribuídos aos diferentes acontecimentos da vida de cada jovem que permitem compor o mosaico que vai se configurando à medida em que se recolhem e se examinam os dados. De acordo com Bogda e Biklen, (1994, p. 51)

os investigadores qualitativos estabelecem estratégias e procedimentos que lhes permitam tomar em consideração as experiências do ponto de vista do informador. O processo de condução de investigação qualitativa reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não abordados por aqueles de uma forma neutra.

Neste sentido, é pertinente a abordagem fenomenológica que possibilita verificar o significado que o sujeito

atribui às suas experiências, bem como o processo de interpretação, são elementos essenciais e constitutivos, não acidentais ou secundários àquilo que é experiência. Para compreender o comportamento é necessário compreender as definições e o processo que está subjacente à construção destas.(Bogda e Biklen, 1994, p. 55)

No formato proposto de pesquisa, foram entrevistados seis jovens², escolhidos com base nos seguintes critérios: estarem na faixa etária de 15 a 24 anos; ter a escola como referência; pertencerem a estratos sócio-econômicos das *camadas populares* ou camadas média-baixa; não terem feito uso de drogas, exceto álcool e tabaco, ou serem usuários de substâncias psicotrópicas em processo de recuperação. Esses critérios foram estabelecidos na tentativa de responder à questão central da pesquisa – como realizar na escola a prevenção ao uso de substâncias psicotrópicas. As entrevistas seguem um roteiro em que são inquiridos aspectos da vida do jovem: relações familiares, vida escolar, trabalho, religião, relação com os pares e lazer.

Uma vez decididos os critérios de escolha, o próximo passo foi localizar jovens de acordo com o perfil traçado. No primeiro grupo (jovens que não experimentaram drogas, exceto álcool e tabaco), dois jovens foram localizados em escolas públicas. Coordenadores e professores informaram que esses jovens não fazem uso de substâncias psicotrópicas. O

² Os nomes dos jovens entrevistados são fictícios, com o objetivo de resguardar a identidade de cada um deles.

terceiro jovem foi indicado pelo coordenador do grupo de jovens AE³, o qual participa do grupo com a intenção de ajudar na prevenção ao uso de drogas.

No segundo grupo de jovens, dois fazem parte do grupo do AE, e o terceiro foi localizado no atendimento do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Os depoimentos eram gravados após um primeiro contato com o jovem, no qual era explicado o objetivo da pesquisa, a necessidade de gravar os depoimentos, o sigilo em relação ao conteúdo das gravações e transcrições das fitas e a probabilidade de haver dois ou mais encontros. A pesquisadora frequentou por vários meses as reuniões do AE que aconteciam às quartas-feiras, em um salão paroquial de uma Igreja Católica, situada em um setor central da cidade. Após um período de convivência, estabeleceu-se um clima de confiança, e dois jovens em recuperação dispuseram-se a conceder seus depoimentos sobre o tema que envolve muitas transgressões de regras morais e legais da sociedade, razão pela qual alguns jovens, que preenchiam os requisitos exigidos, quando convidados a relatar seu cotidiano e o consumo de drogas se recusaram a participar da pesquisa.

Os resultados da investigação estão dispostos em três capítulos.

O primeiro capítulo busca elencar e percorrer as dimensões conceituais que abrangem a categoria juventude sob o enfoque das Ciências Sociais, rompendo com concepções naturalizantes e universais de juventude, escola e família. Consideram-se estudos que tratam a temática da juventude à medida que eles contribuem como referências importantes para a existência de traços comuns que compõem a condição juvenil, como a busca por autonomia dos vínculos familiares e a transitoriedade. Ressalta-se que a ênfase da pesquisa está nos conceitos de juventude propostos por estudiosos (Mannheim, 1968; Lapassade, 1968; Eisenstadt, 1968; Bourdieu, 1983; Ianni, 1968, Sposito, 1997; Abramo, 1997; Guimarães, 1998). Estes estudos tratam dessa etapa da vida em que diversos fatores sociais, culturais, de gênero, regionais e outros, são sinalizadores da existência de diferenças e de uma pluralidade de juventudes.

O segundo capítulo analisa entrevistas realizadas com três jovens estudantes – Elisa, Bruno e Ângela – qualificados como usuários ocasionais de álcool, na intenção de escutá-los e conhecer sua vida cotidiana, os significados atribuídos às agências socializadoras, seus modos de conceber o *ser jovem*, suas expectativas de vida futura. Pretende elucidar fatores de ordem

³ Inicialmente, era um setor da Associação Promocional Oração e Trabalho (Apot), fundada pelo Pe. Haroldo Joseph Rahm, e desde 18 de novembro de 1994 passou a ser Federação Brasileira do Amor Exigente (AE), que congrega os vários grupos de AE de todo o país. O AE também atua na linha da prevenção e orientação para a família em relação ao consumo de drogas.

sócio-cultural que contribuem em seus processos de formação, interditando a inserção no consumo de substâncias psicotrópicas de uso ilícito.

O terceiro capítulo tem por objetivo apresentar e discutir os depoimentos de três jovens – Roberta, Carlos e Hélio – que estão em tratamento, em razão do consumo de drogas, como maconha, cocaína e outras. Tendo como referência os procedimentos adotados no capítulo anterior, procura-se apreender quem são esses jovens, qual é o seu universo sócio-cultural, bem como as formas de sua inserção no mundo das drogas.

Procura-se apreender o universo sócio-cultural em que os jovens estão inseridos, os significados atribuídos às agências educativas, os fatores imbricados e as referências culturais que orientam as expectativas e as ações. Nesse contexto, examina-se a experiência ou não do consumo de substâncias psicoativas.

Por fim, há uma parte denominada de considerações gerais em que, tendo em vista a questão norteadora do trabalho, buscou-se sinteticamente discutir os fatores de interdição e de adesão ao consumo de substâncias psicoativas pelos jovens estudantes.

CAPÍTULO I

CONCEITOS DE JUVENTUDE E SUAS INTERFACES COM O FENÔMENO DA DROGADIÇÃO

O presente capítulo pretende sinalizar as referências teóricas que orientam a análise do objeto de estudo deste trabalho. O primeiro tópico elenca as diversas abordagens pertencentes às diferentes dimensões conceituais que abrangem a categoria juventude, em especial, sob o enfoque das Ciências Sociais. O segundo define os parâmetros do fenômeno da drogadição. O terceiro aborda as instituições socializadoras presentes na vida dos jovens, notadamente a família, a escola e a religião.

Conceitos de juventude

Primeiramente, cabe considerar os estudos que tratam a juventude sob o enfoque geracional. Eles contribuem com elementos que evidenciam a existência de traços comuns que compõem a estrutura de socialização do jovem à condição juvenil, como a busca por autonomia dos vínculos familiares e a transitoriedade.

Mannheim (1968) explica a existência da juventude, tendo como referência as situações limites vividas pelos jovens na transitoriedade para a vida adulta. Afirma que se deve considerar o contexto histórico em que gerações novas e velhas convivem; por exemplo, o fato comprovado de que a juventude, nas sociedades primitivas, não passa pelos conflitos vividos pelos jovens das sociedades atuais, “pois não há uma separação radical entre as normas ensinadas, pela família e as que predominam no mundo dos adultos” (Mannheim, 1968, p.74). Na interpretação do autor, os conflitos juvenis são gestados fora, pela sociedade. Assim, a categoria juventude não se constitui em uma mera efervescência biológica, mas sociologicamente, trata-se do ingresso do jovem ao mundo adulto em que hábitos, costumes e sistema de valores são diferentes dos que conhece ou que lhe foi ensinado por ocasião da infância. Portanto, a juventude deve ser conceituada tendo como parâmetros os valores, a ideologia, a cultura da sociedade na qual está inserida, e não se deve percebê-la de maneira abstrata, mas vinculada aos dados históricos e ao contexto concreto.

O referido autor também chama a atenção para os estereótipos classificatórios que permeiam as interpretações da juventude e assinala: “A juventude não é progressista nem conservadora por índole porém, é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade” (Mannheim,

1968, p. 74). O autor conceitua a juventude como uma importante reserva latente, dado que não aceita como natural a ordem consagrada da sociedade. Contudo, ressalta que é uma armadilha a crença de que a juventude é progressista por natureza, visto que esta premissa se revelou falsa, ao se verificar historicamente que movimentos reacionários ou conversadores foram formados por jovens.

Para Mannheim (1968), as sociedades estáticas não atribuem à juventude uma função histórica, em razão das mudanças acontecerem lentamente, de a experiência das gerações mais velhas ser prioritária e de haver uma relutância em motivar os jovens a participarem da vida política e econômica. Os jovens vivenciam um processo educativo que prima pela transmissão de valores tradicionais e pela formação de tipos sociais ajustados à lógica da sociedade, que negligencia o desejo da juventude em buscar novas referências. Por outro lado, as sociedades dinâmicas, segundo o autor, utilizam a força renovadora da juventude para provocar mudanças na ordem social ou política, e valem-se da juventude como agente revitalizante.

Nessa linha de raciocínio, o autor diz que, em uma sociedade, as mudanças são geradas ao serem utilizadas as *forças latentes* dos jovens. Na sua perspectiva, os movimentos juvenis e a educação devem pautar-se em valores de cooperação, solidariedade e tolerância democrática, o que implica uma formação embasada nos direitos democráticos, sem abuso dos privilégios assegurados pela liberdade. Mannheim (1968) posiciona-se contrário às ditaduras, que só admitem um modelo de pensamento, e também, aos movimentos do *laissez-faire*, que tornam o jovem passivo.

A relação de adequação da juventude ao mundo adulto é, também, discutida por Georges Lapassade (1968, p.115) segundo o qual, a decantada *crise de adolescência* deve ser compreendida como um fenômeno de ordem psico-social, típico de uma idade, que varia com as culturas e as classes sociais. Questiona o tratamento dado à juventude como se vivenciasse momentos de *crise* e pontua a necessidade de estabelecerem-se algumas distinções entre as estratificações sociais e a denominada *crise de adolescência*. A experiência da crise deve ser examinada tendo como referência as diferentes culturas das classes sociais. Nesse sentido, considera que não cabe generalizar, visto que a crise da juventude trabalhadora não se manifesta meramente pela oposição à autoridade da família, mas pela rejeição à autoridade dos adultos empregadores e ao poder constituído. Assinala que algumas pesquisas feitas por etnólogos, em especial os trabalhos de Margareth Mead, evidenciam que a crise não é universal, pois “o conflito entre os jovens e a sociedade não tem em todo lugar o mesmo significado” (Lapassade, 1968, p.117). Entendendo que a crise é característica da sociedade

moderna, considera importante verificar as situações sociais e psicológicas de que se originam as manifestações juvenis, muitas vezes, carregadas de violência. A crise constitui um pretexto para a revolta, os jovens não estão só buscando a si mesmos, mas sobretudo manifestam a sua insatisfação com a estrutura social. Segundo Lapassade (1968), na *fase da vida* em que estão presentes os aspectos relacionados às transformações biológicas, a crise da juventude tem uma amplitude maior, e o jovem questiona a estrutura social.

A recusa em dialogar com o jovem é própria das sociedades contemporâneas, que têm expectativas quanto à sua atuação ativa mas, quando o jovem se mostra mais crítico, a sociedade usa de mecanismos de repressão para inibi-lo. Por outro lado, a sociedade precisa da inserção do jovem ao mundo adulto para reproduzir-se.

Cabe ressaltar, ainda, mais um ponto de convergência entre Mannheim e Lapassade no estudo do significado da juventude nas sociedades contemporâneas. Trata-se da quase inexistência de ritos de iniciação à vida adulta nas sociedades modernas, diferente das sociedades primitivas, nas quais existem os ritos de passagem, e o processo de integração ocorre sem conflitos e sofrimentos.

A temática da juventude é tratada por outros autores, como Eisenstadt (1968), na perspectiva dos agrupamentos juvenis que se constituem nas sociedades modernas. Esses grupos têm especificidades organizacionais democráticas pelas condições de classe, de sexo, de valores, o que possibilita identificá-los na relação de conflito com o mundo adulto. O referido autor pesquisou os grupos *fraternities* e *sororities*, associações estudantis das universidades americanas que congregam apenas rapazes. Alguns grupos podem também estar filiados a organizações formais, ou aos movimentos juvenis, como o escotismo, as organizações juvenis de partidos políticos ou entidades esportivas, e até a instituições religiosas. Verifica-se, em relação à liderança, que em razão de uma estrutura de solidariedade e autonomia desenvolvida nos grupos, freqüentemente, as orientações vindas de fora não são bem aceitas.

Eisenstadt (1968) considera que a organização e os valores aceitos estão intrinsecamente relacionados à classe social e à composição étnica do grupo. O autor constata: “É interessante notar que a maioria desses grupos informais é geralmente homogênea do ponto de vista de classe e filiações étnicas” (1968, p.14). Observa que alguns aspectos da estrutura funcional do grupo e os valores de diferentes jovens de classes alta e média apresentam especificidades de um país para outro, mas nas questões de valores e normas são similares. Outro aspecto semelhante da cultura juvenil refere-se à oposição aos papéis dos adultos, encontrados, também, nas pesquisas realizadas por T. Parsons (*apud*

Eisenstadt, 1968) com estudantes americanos, em que a característica principal é se divertir acompanhado do sexo oposto, existindo um antagonismo em atender às exigências do mundo adulto. Esse antagonismo, para o autor, pode manifestar-se na participação em atividades políticas. Um outro aspecto, relacionado ao gênero masculino refere-se à importância do esporte – o esportista é o *rapaz bacana*; para o feminino, prevalecem os atributos físicos que caracterizam a *garota atraente*. Esses são estereótipos valorizados pelo grupo.

Os grupos de jovens da classe trabalhadora, para Eisenstadt (1968), guardam algumas especificidades, em relação, por exemplo, ao tempo de duração menor da fase de juventude, se comparados aos grupos das classes altas e médias. Quanto à vida escolar, a importância está na educação profissional, na menor ênfase à prática de esporte, e também na participação em movimentos juvenis, em organizações políticas, excetuadas as atividades vinculadas a movimentos específicos das classes trabalhadoras.

Eisenstadt (1968) observa que o grau de conflito entre adultos e jovens é menor nos estratos sociais baixos e percebe-o como um paradoxo. Explica que os conflitos entre as gerações têm formas diferentes de manifestações, chegando até a fuga da moradia. Considera que a cultura dos grupos juvenis de classes trabalhadoras “de algum modo, é uma continuação da forma de vida adulta dentro daqueles setores; ou, pelo menos, atribui-se maior importância a algumas das formas do comportamento aceitas no grupo adulto, e não uma nítida oposição a ele” (Eisenstadt, 1968 p.18). Segundo o autor, a pouca diferença com o mundo adulto evidencia-se, uma vez que não se apresentam comportamentos distintos entre o mundo adulto e o agir do jovem, que são coincidentes na motivação para a bebida, para o jogo e para uma recreação não-organizada.

Eisenstadt (1968) faz uma breve referência aos grupos, denominados por ele de delinquentes juvenis – as *gangues*. Em seu conceito, estes grupos têm origem nas *culturas juvenis* ambivalentes, ou subgrupos das classes operárias. Cita como principais características desse tipo de grupo as atividades estarem sempre ligadas à violação de regras, de normas da sociedade (furtos, roubos, comportamento agressivo), direcionadas a pessoas ou a regras e símbolos sociais e culturais. Assinala Eisenstadt (1968, p. 19): “Uma característica sociológica importante desse grupo é que sua marginalização está mais dirigida aos meios normativos das sociedades do que a seus fins, os quais procuram atingir por meios ilegais”. Este agir, segundo o autor, é associado às motivações ideológicas peculiares da juventude de *homem forte*, evidenciando o inconformismo do jovem com os valores estabelecidos pelo mundo adulto.

Bourdieu (1983) adverte: “O que quero lembrar é simplesmente que a juventude e a velhice não são dados, mas construídos socialmente na luta entre os jovens e os velhos. As relações entre a idade social e a idade biológica são muito complexas”, declara Bourdieu (1983, p. 113). O autor considera o aspecto biológico “um dado socialmente manipulado e manipulável” (1983, p.113). Para ele, a juventude não é universal, mas existem grupos de jovens com interesses específicos de sua origem social. O autor compara as condições de vida, a gestão do tempo dos jovens trabalhadores com os jovens estudantes provenientes das classes abastadas, que têm sua vida facilitada pelo poder econômico da camada social a que pertencem, e conclui pela configuração de duas juventudes. Segundo Bourdieu (1983, p. 113-4),

uma é constituída pelos filhos de famílias operárias desprovidas de recursos materiais, na qual o trabalho é a busca principal para se pertencer ao mundo; não tem estudo, segurança e outros elementos identificatórios (lazer, roupas, etc) definidos ou estáveis. Há outra juventude que é constituída por pessoas oriundas da burguesia, que tem nas necessidades assistidas pelos pais, que cultivam sonhos e tem apoio para realizá-los; são, em geral, apenas estudantes, e o trabalho é uma pretensão adiada extensamente, pois há um longo preparo nos bancos escolares e uma boa disputa pelas melhores oportunidades.

Na literatura sociológica, Ianni (1968) estuda o comportamento dos jovens, rompendo com o enfoque reducionista do aspecto geracional e chamando atenção para o caráter político da contestação juvenil. Interessa-se em compreender a origem do *desajustamento* do jovem em uma perspectiva histórica da sociedade. Segundo Ianni (1968, p. 226), as contradições das sociedades capitalistas conduzem “os jovens procedentes das diversas camadas sociais a desenvolverem atuações políticas geralmente incompatíveis com interesses de suas classes”. Essas contradições fazem com que o jovem passe por um período em estado, denominado pelo autor de *desvinculado*, momento em que o jovem se encontra aberto à aceitação de diferentes doutrinas políticas, muitas vezes, com interesses distintos da classe a que pertence.

Ianni (1968, p. 228) interpreta a origem do inconformismo juvenil não como uma crise própria da idade, mas como uma manifestação da estrutura social em que o jovem está inserido e afirma: “O inconformismo juvenil é, ao contrário, um produto possível do modo pelo qual a pessoa globaliza a situação social“. É interessante lembrar que Ianni (1968) estudou jovens da classe média e da burguesia e relata o momento da inserção do jovem no mercado de trabalho, quando se abrem novas possibilidades de compreender a sociedade mais

ampla, e o jovem está em fase de estruturação da consciência, o que o leva a questionar a estrutura social.

“A revolta contra a ordem social tem sido encarada *como manifestações da revolta original*, contra os pais. Tratar-se-ia de um processo fundado em condições psico-sociais peculiares às possibilidades de expressão da libido”, assinala Ianni (1968, p. 229). O autor busca explicações para a chama *crise da adolescência* com base nos conceitos da libido, formulada por Sigmund Freud. Trata-se de momento da vida em que o sujeito está construindo sua autonomia e, para conquistá-la, se afasta dos progenitores.

Ianni (1968), tendo como referência Mannheim, considera que a origem da *crise* da juventude está no desejo do jovem pela autonomia e na resistência dos pais em ajudá-los nesta conquista. Ainda que essa tese explique alguns comportamentos do jovem, Ianni (1968, p. 230) acredita que ela não esclarece a atitude *divergente* do jovem, e assinala: “O radicalismo político é a manifestação de um tipo peculiar de consciência social, isto é, histórica, desenvolvida pelo jovem em condições determinadas”.

As contradições da estrutura social produzem a atuação política radical dos jovens que, negando o presente vivido, constroem uma visão de mundo mais abrangente da sociedade em que vivem. Ianni (1968, p. 242) declara:

Como a estrutura do sistema social é alienadora, produz-se, em conseqüência, o radicalismo, que se funda numa consciência adequada, sintetizadora. Daí a atuação política radical como uma relação de negatividade com o presente. No processo de retotalização da personalidade em desenvolvimento na adolescência, o jovem organiza intelectualmente a sociedade global em termos concretos, totalizando a sua personalidade com base numa nova e muito mais ampla visão do mundo.

Na última década, o tema juventude tem sido pesquisado no Brasil por autores como Abramo (1997), Sposito (1994), Guimarães (1998), Peralva (1997), que têm procurado explicitar concepções que configuram a juventude como um *momento da vida*, tendo como referência os diferentes percursos dos segmentos juvenis, com base no recorte de classe, gênero, etnia, etc. As interpretações do que significa juventude dependem das diferentes abordagens teóricas construídas historicamente. *Grosso modo*, na perspectiva funcional, a juventude é compreendida como uma fase da vida em que se verifica uma crise de valores e conflito de gerações, portanto, um *problema social* no terreno dos comportamentos éticos culturais. Os aspectos comportamentais da instabilidade, da insegurança, da rebeldia são vistos como desvios.

O estudo do tema juventude pela Sociologia funcionalista enfatiza as disfunções que acontecem nessa fase como falhas e desajustes do desenvolvimento ou do processo de integração. Nessa perspectiva, a juventude recebe enfoque moralista, desde a metade do século XX. Com um tratamento também de problematização social, com proposições de medidas com a finalidade de intervenção ou salvação, quando os conflitos assumem dimensões significativas.

Estudos mais recentes apontam a necessidade de investigar *essa fase da vida* como um problema sociológico, o que significa entendê-la como um fenômeno social que tem dimensões históricas e sociais, especificidades locais, condições de vida que envolvem fatores como classe social, gênero, etnia e outros. Nessa ótica, não se pode falar de juventude e sim de juventudes. Na perspectiva de que o *modo de ser jovem* é formado na pluralidade de situações e condições sociais, as pesquisas buscam indagar quem são esses jovens, de que lugar estão falando, quais suas perspectivas e dilemas, compreendendo-os teoricamente como uma categoria fecunda que simboliza os dilemas da contemporaneidade.

Examinando o novo significado dos estudos sobre juventude, Peralva (1997) chama atenção para o fato de que importantes mudanças sociais e culturais incidem sobre o modo como a sociedade atual trata esse momento no ciclo de vida. Em uma sociedade em que ocorre um conjunto de transformações, é oportuno interrogar sobre a juventude, pois “enquanto o adulto vive ainda sob o impacto de um modelo de sociedade que se decompõe, o jovem já vive em um mundo radicalmente novo, cujas categorias de inteligibilidade ele ajuda a construir” (Peralva, 1997, p. 23)

Abramo (1997) refere-se à década de 1950 como um período em que a juventude foi caracterizada como um problema social e vista, de uma maneira geral, como transgressora da ordem social, e objeto de atenção das autoridades constituídas. Esses estudos sinalizam como ocorrem as classificações dos grupos ou setores juvenis em anômalos ou desviantes.

Nas décadas de 1960 e 1970, os estudos sobre os jovens localizam-se em dois eixos. O primeiro interpreta os jovens como uma ameaça à ordem social, como nos movimentos estudantis, em oposição aos regimes autoritários, às tecnocracias e às demais formas de dominação, e nos movimentos *pacifistas* e *hippies*. Naquela época, a sociedade conservadora afligia-se diante das possibilidades de o jovem não se integrar à sociedade e sua rebeldia não ser uma fase passageira mas permanente, em razão da recusa do jovem em assumir um emprego formal e outros comportamentos que denotam integração à sociedade. Outro eixo de estudo reconhece a juventude como uma fase de vida, fonte de inovação e revigoração sociais. Com esta interpretação, as gerações da década de 1960 são vistas posteriormente

como idealistas, generosas, criativas, que ousaram sonhar e se comprometerem com a mudança social.

Os estudos sobre a juventude dos anos 1980 são feitos com referência às gerações dos anos 60 e 70, e o significado do papel dos jovens é na perspectiva de inovação cultural. Portanto, a questão relativa à juventude passa a ser a sua incapacidade de resistir ou de oferecer alternativas às tendências inscritas no sistema social.

Estudos de Abramo (1997) e Sposito (1994) constataam que a apatia e a desmobilização dos jovens nos anos 80 são suplantadas na década de 1970 pela presença de várias figuras juvenis nas ruas, envolvidas em diversos tipos de ações individuais e coletivas. “Nesta conjuntura, o tema da juventude – em especial dos jovens filhos de trabalhadores – torna-se mais visível, revestido de novas indagações, podendo ser analisado sob vários aspectos”, assinala Sposito (1994, p. 162). Aparecem novos atores com diferentes formas de apropriação do espaço urbano e emergem os conflitos mais especificamente com os jovens filhos de classes trabalhadoras.

Sobre os jovens da década de 1990, o estudo de Guimarães – *Escola, galeras e narcotráfico* (1998) – pesquisa a escola pública e sua relação com três movimentos distintos e a ela exteriores: o narcotráfico, as *galeras* (ou gangues juvenis) e os movimentos juvenis (*funk* e *house*). Os grupos foram analisados segundo o estilo específico que os compõe: de linguagem, vestuário, tipo de música e dança, aspectos que evidenciam a formação de uma identidade coletiva.

Guimarães (1998) confirma o desinteresse atual dos jovens pelas questões políticas e sociais, mas não concorda com a caracterização da juventude como um segmento hedonista, pragmatista e individualista. Considera que os jovens, como agrupamento, promovem um aparecimento espetacular no espaço público produzindo por esse meio, sua intervenção crítica como resposta à sociedade que lhe nega o diálogo. Ressalta que o agir do jovem na década de 90 teve sua raiz no regime militar, quando os movimentos de jovens no país sofreram sucessivas frustrações em suas intervenções críticas e, em consequência, se expressavam por meio do vestir, do uso de adereços, do tipo de música e dança, de caminhar em grupo, muitas vezes usando a violência. Este conjunto de ações simbólicas pode ser interpretado como uma maneira de chamar a atenção da sociedade. Nessa perspectiva, os códigos de conduta desses grupos constituem o reverso e a resposta pela qual são tratados pela sociedade, caracterizados pela segregação e pela exclusão sistemáticas (Guimarães, 1998).

Em seus estudos sobre juventude, Sposito (1997) aponta que o fenômeno contém dimensões complexas que precisam ser investigadas. É preciso reconhecer sua diversidade

social e cultural como uma categoria historicamente determinada. A juventude tem sido considerada como uma fase da vida, mas este recorte tem que ser ampliado para o entendimento de como a sociedade dá sentido e significado a esse *momento da vida*. Segundo a autora,

é preciso reconhecer que, histórica e socialmente, a juventude tem sido encarada como fase da vida marcada por uma certa instabilidade, associada a determinados problemas sociais, mas os modos de apreensão de tais problemas também mudaram (Sposito,1997, p. 18).

As análises de Sposito (1997, p. 38) identificam que os critérios que constituem a juventude como sujeito são históricos e culturais e, assim, “os estudos sobre tais sujeitos também sofrem essas influências ao elegerem suas âncoras teóricas e respectivas formas de apropriação do objeto”.

Juventude e drogadição

De forma geral e *grosso modo*, pode-se notar que os meios de comunicação, assim como agentes políticos, instituições governamentais e não-governamentais manifestam preocupação com os jovens e sua relação com problemas sociais, tais como: a violência, a exploração sexual, o homicídio e a drogadição. Verifica Carlini-Cotrim (2000, p. 75), em pesquisa realizada sobre a sociedade contemporânea, que “são os jovens do sexo masculino, em sua maioria que se envolve com substâncias ilícitas”. Observando o consumo de drogas em um foco mais ampliado, constata-se que, na atual sociedade, todos, adultos ou jovens, homens ou mulheres, de alguma maneira, estão consumindo alguma substância para a manutenção da saúde ou para propiciar o bem-estar, em uma relação de dependência ou não. Por outro lado, lembra a autora que “a partir do ponto de vista do que é permitido por lei e do que não é, isto é, segundo o enfoque da realidade, o consumo maior é do jovem” (Carlini-Cotrim 2000, p.75). Trata-se de uma visão parcial, constata Carlini-Cotrim (2000), a que considera que os adultos optam por drogas mais *educadas* e os jovens, por *drogas de jovens*. Nas escolhas de roupas, filmes, e outras opções, são pertinentes as motivações geracionais. Segundo Carlini-Cotrim, (2000, p. 75) ”não há provas, porém, de que temos que concentrar nossas forças nos jovens, estes sim sob desconfiança, em princípio, e sob o risco, em princípio, de usar mais drogas que os adultos”.

Para compreender o fenômeno da drogadição entre os jovens, torna-se necessário qualificar droga. Desde as civilizações antigas, há evidências de que o homem faz uso de substâncias que alteram o estado psíquico, permitindo experimentar sensações inimagináveis de prazer, capazes de suprimir temporariamente as angústias e os medos.

Há quem aponte, generalizadamente, os jovens como maiores consumidores de drogas nas sociedades atuais. Contudo, há que se distinguir o uso de drogas feito pelos povos antigos e o fenômeno da drogadição das sociedades contemporâneas. O uso de drogas na antigüidade era restrito a rituais religiosos ou festas comunais, consumidos em seu estado natural, quando se tratava de plantas.

No caso da sociedade moderna, há que se compreender o processo em uma perspectiva da complexidade da diferenciação, imbricado aos aspectos sociais e simbólicos. A própria classificação de drogas deve ser feita com base na contextualização e na relativização do conceito, e dependendo do critério de análise, alcança diferentes tipos de drogas. Existem particularidades no consumo, diferentes orientações e tradições culturais, e a história mostra que a mesma droga tem usos e padrões específicos.

Para Carlini-Cotrim (2000, p. 72), “do ponto vista orgânico, drogas são aquelas substâncias que possuem a capacidade de alterar nosso estado de consciência, nossa percepção”. A autora, que desenvolveu pesquisas sob o enfoque da *saúde e da manutenção da integridade do ser humano*, considera relevante a discussão de dois aspectos ligados ao consumo de drogas. O primeiro refere-se à classificação de droga em lícita e ilícita. O segundo aspecto, também fundamental para entender as motivações para o uso de psicotrópicos entre os jovens, são os efeitos da droga no corpo humano. O fato de o álcool ser aceito pela sociedade como uma bebida socialmente consumida e, ser uma droga lícita, possibilita o raciocínio de que é uma droga que não causa problemas ao funcionamento do organismo. Por outro lado, drogas classificadas como ilícitas são tidas como danosas ao ser humano. São premissas incorretas, pois tanto as drogas lícitas quanto as ilícitas causam problemas de saúde ao usuário. Pela capacidade de alterar o estado de consciência e a percepção, desde os primórdios da humanidade, o homem tem feito uso das drogas, talvez para facilitar a convivência consigo mesmo (Carlini-Cotrim,1992). Interessa saber que as substâncias químicas levam à dependência do indivíduo, que apresenta dificuldades de controlar quanto e quando as usar. Mesmo em casos de uso ocasional por aqueles que não desenvolveram dependência, os efeitos das drogas expõem o indivíduo a envolvimento com violência ou acidentes.

A análise das várias abordagens sinaliza que a sociedade tem conferido diferenças significativas às drogas em diversos períodos históricos e lugares. Carlin-Cotrim (2000) constata que, no início do século XIX, nos Estados Unidos da América (EUA), a cocaína e a morfina eram comercializadas livremente nas farmácias. A própria marca de refrigerante coca-cola continha na sua fórmula cocaína, e o vinho Mariani, produzido na Europa, também continha cocaína. No período da chamada *Lei Seca*, nos EUA, era proibido o consumo de bebidas alcoólicas. O consumo de álcool era considerado imoral, uma agressão às normas sociais. Em contrapartida, a cocaína tinha consumo liberado, mesmo causando muitas mortes.

Nas sociedades contemporâneas, o uso de álcool é permitido, e a cocaína tornou-se *a droga* da atualidade. Carlini-Cotrim (2000) conclui que o sensacionalismo da imprensa em divulgar notícias referentes a drogas ilícitas só tem contribuído para o distanciamento da questão realmente relevante, a de perceber que tanto drogas lícitas, como álcool e tabaco, ou ilícitas, como a cocaína, causam perturbações ou alterações psíquicas que levam a comportamento de risco, e que não se deve diferenciar ou aceitar o uso episódico de um tipo mais do que de outro.

Por meio dos dados estatísticos de pesquisas realizadas pela Universidade Federal de São Paulo, na região da grande São Paulo, Carlini-Cotrim (2000) questiona: por que as pessoas estão tão preocupadas com o uso de drogas pelos jovens? A hipótese levantada é que a preocupação da sociedade se justifica pelos altos índices de óbitos de jovens, que são associados ao uso de substâncias psicoativas. Constata Carlini-Cotrim (2000) que a primeira causa de mortes são os problemas decorrentes de doenças crônicas degenerativas do aparelho circulatório e relativa ao coração, como infarto ou isquemia.

Em segundo lugar, há entre os jovens 14% de mortes provocadas por câncer ou neoplasia e por causas externas – estas últimas referem-se a mortes relacionadas a situações de acidentes e de violências assassinato, suicídio, atropelamento, afogamento, queda. O dado reveste-se de importância, uma vez que “60% das pessoas que morrem por causas externas se situam na faixa etária dos 15 aos 29 anos” (Carlini-Cotrim, 2000, p. 76). No ano de 1994, Carlini-Cotrim (2000) realizou uma pesquisa no Instituto Médico Legal, da cidade de São Paulo-SP. De acordo com o exame toxicológico, de cada jovem que havia morrido por causas externas, constata-se que “50% desses jovens estavam fortemente alcoolizados no momento em que morreram” (Carlini-Cotrim, 2000, p.77). Dos 6.940 jovens que morreram por causas externas, 3.470 estavam alcoolizados, o que representa 63% das mortes por causas externas. Carlini-Cotrim (2000) assinala que a causa das mortes por suicídio, acidentes, afogamento, atropelamento está associada ao consumo do álcool.

Esses dados não causam estranheza à sociedade, e nem a mídia noticia sobre eles. A imprensa alerta os jovens em relação somente ao consumo das drogas ilícitas. Possivelmente, existe um tipo de recorte da realidade que constitui um mecanismo pelo qual a sociedade percebe “como patológico aquilo que se origina da curiosidade do jovem, na necessidade de pertencer a grupos e também do fato do jovem olhar para a transgressão com certa curiosidade” (Carlini-Cotrim, 2000, p.78).

Assinala Bologna (2000, p. 84) que a juventude “é presa fácil da imitação; para os educadores que tendem a advogar a favor da censura, o jovem imita o próprio jovem”. Assim os jovens estão mais propícios ao consumo de drogas que estão disponíveis com facilidade e, à medida que alguns jovens iniciam o uso, outros os imitam.

Bucher (1996), considera de primordial importância realizar uma profunda análise da função social da droga. Deve-se compreender o seu uso, considerando-se os fatores econômicos e mercadológicos envolvidos, os aspectos legais e os efeitos farmacológicos das substâncias psicoativas. Ressalta, entretanto, que quando se enfatiza um desses fatores, ou mesmo o conjunto, chega-se ao reducionismo, “por falta de uma visão abrangente no tocante à dimensão social, histórica e antropológica que o determina” (Bucher, 1996, p. 11).

Para Bucher (1996) não existe uma sociedade humana sem uso de drogas, isso só é possível em sociedades animais, como de formigas ou abelhas. Na perspectiva antropológica, percebe-se o uso das drogas “como problemática especificamente humana, presente desde os primórdios da humanização como revelam os mais antigos vestígios arqueológicos” (Bucher, 1996, p. 11).

“As recomendações internacionais são unânimes quanto ao direcionamento de programas de prevenção a drogas (e *Aids*) no sentido de não focalizar o produto tóxico e seus efeitos, mas o homem dentro do contexto social”, assinala Bucher (1996, p. 19). Para o autor, existem diferenças de padrões de consumo no primeiro e no terceiro mundos, entre classes sociais de maior poder aquisitivo e classes sociais populares, as quais têm carências do mínimo necessário para uma vida digna, o que justifica a contextualização nas intervenções, para não serem aplicados *pacotes* prontos para realidades diferenciadas.

Para Carlini-Cotrim (2000), a prevenção ao uso de drogas deve realizar-se com a incorporação da participação do jovem na sua própria prevenção. O jovem deve aprender que a sua curiosidade não é doença, que fazer parte de grupos é saudável, que a transgressão e a curiosidade podem apontar caminhos novos que não necessariamente envolvam comportamentos de risco. Neste sentido, a família e a escola, que são agentes de socialização primária e secundária, respectivamente, têm papel relevante na prevenção.

O senso comum tenta responder à questão da dependência às drogas, apontando fatores de classe social. O uso de drogas em famílias de classe média e alta acontece em decorrência de os filhos não saberem lidar com as frustrações, com as limitações e com outras contingências existenciais. Nas famílias das classes populares, a situação é inversa, ou seja, a carência acentuada de serviços e bens sociais (educação, moradia, alimentação, vestuário, transporte, saúde, lazer) conduz ao consumo de drogas. Embora pareçam coerentes, essas hipóteses não situam a questão em toda sua abrangência. Existem ainda abordagens moralistas e emocionais, que projetam culpabilidade, ora nos filhos, ora nos pais, resultando em tomadas de posicionamentos defensivos que impedem a compreensão do consumo de drogas que afeta toda a família.

Na perspectiva sistêmica, Sudbrack e Costa (*apud* Baumgarten, 2002) percebem o fenômeno da drogadição como um sintoma, em que o jovem busca o uso de substâncias psicotrópicas para solucionar as suas dificuldades. Não se trata de banalizar o consumo pelos jovens de substâncias tóxicas. O fenômeno é complexo e multifacetado. Não se pode ainda o compreender como um ritual de passagem ou como uma doença incurável. Essa perspectiva não contribuirá para esclarecer o jovem. O posicionamento mais adequado, segundo a abordagem sistêmica, é ter uma postura científica. Neste sentido,

o jovem não deve ser visto como um delinqüente ou como um doente, mas como um agente de mudança, que vive num processo de constante reflexão sobre suas experiências, com capacidade de avaliar as conseqüências de seus atos, de fazer opções e tomar decisões, tornando-se mais fortalecido para negociar regras, tolerar frustrações, respeitar as diferenças e construir o caminho de sua autonomia. (Baumgarten, 2002, p. 48)

Segundo a abordagem sistêmica, o sintoma do sujeito tem um significado para a família e para o meio social. Amplia-se o espectro, incluindo-se o contexto em que o sujeito está inserido – família, grupo de pares, instituições. A leitura sistêmica enfatiza o contexto sócio-familiar-cultural, buscando a compreensão do consumo de drogas, com base na visão do todo que envolve o dependente. Os sujeitos são percebidos como adolescentes que estão vivendo uma fase do ciclo de vida, com muitas descobertas, possibilidades, riscos e soluções, em um determinado momento histórico, fazendo parte de um grupo familiar e de pares, dentro ou fora de instituições, recebendo influências e influenciando o contexto social.

Pesquisas realizadas por Velho (1998) com grupos de jovens, resultou no livro *Nobres e anjos*. O autor analisa os estilos de vida e visões de mundo que estão associados ao consumo de drogas, o que é relevante para este trabalho. Foram pesquisados dois grupos pertencentes às camadas médias habitantes da cidade do Rio de Janeiro-RJ, especificamente da Zona Sul. A escolha dos dois grupos deu-se pelo consumo usual de tóxicos ser considerado pela sociedade de uma maneira geral como transgressor, como uma anormalidade.

O caráter ilegal do consumo da maconha, cocaína, LSD, segundo Velho (1993), leva os grupos a assumirem posicionamentos específicos para garantir sua segurança, desenvolvendo estratégias para conseguir a droga, tais como: uma linguagem diferenciada muito especializada e de rápida e constante mudança, “sinais visuais de identificação, roupas de determinado tipo, expressão corporal” (Velho, 1998, p. 14). Esses aspectos possibilitam compor a caracterização do grupo, lembrando que existe uma certa flexibilidade de comportamentos. Ressalta Velho (1998) que se trata de um universo heterogêneo, justificando sua opção em analisar os estilos de vida, as diferenças internas quanto ao tipo de substância usada, faixa etária, características de estratos social, que possibilitam perceber as fronteiras entre os grupos que compõem esse universo bastante diversificado. O autor esclarece: “a droga não cria uma categoria única, mas sim uma constelação de grupos que têm em comum uma atividade clandestina e ilegal” (Velho, 1998, p. 16).

Esses indivíduos e grupos, em virtude do caráter ilegal do consumo de drogas, estariam assumindo característica de comportamentos desviantes? Para o autor, a definição do processo desviante evidencia “a existência de uma relação de poder de certos grupos que impõem certas regras a outros. Estas são legitimadas na nossa sociedade por um sistema jurídico. Embora nem todas as regras existentes traduzam-se em leis, no caso examinado isso se dá” (Velho, 1998, p. 15). Velho (1998) compreende que não pode dizer que esses grupos sejam subculturas. Em razão de aspectos conceituais, apresenta o conceito de subcultura formulado por J. Milton Yinger, que assinala:

É freqüentemente usado para assimilar sistemas normativos de grupos menores do que uma sociedade, para enfatizar os modos como esses grupos diferem em coisa como língua, valores, religião, dieta e estilo de vida da sociedade maior de que são parte. (Yinger, apud Velho, 1998, p.17)

Velho (1998) também apresenta o conceito de contracultura de Yinger, que afirma: “Para chamar a atenção para os aspectos especiais desse tipo de sistemas normativos, sugiro o

termo contracultura (...) sempre que um sistema normativo de um grupo contenha, como elemento básico, um tema de conflito com os valores da sociedade total” (Yinger, *apud* Velho, 1998, p.17). Velho (1998) percebe na análise dos dois grupos pesquisados algumas semelhanças no tocante à existência de um *tema de conflito* com os valores dominantes. Em relação à existência de uma homogeneidade na *cultura envolvente*, o conceito torna-se problemático, tendo em vista que são grupos que apresentam heterogeneidade, anteriormente comentada.

Aspecto pertinente à apreensão do fenômeno cultural a ser considerado, segundo Velho (1993), refere-se às redes nacionais e internacionais do tráfico, perpassadas por interesses políticos e econômicos, que expressam a dimensão do poder. O uso de drogas envolve circunstâncias sócio-políticas, são inegáveis o lucro e a fragilidade das atividades comerciais legais e ilegais, sua delimitação é tênue, aliadas a “certos aplicadores de capital menos éticos”, que inviabilizam, quase que por completo, o controle da circulação de drogas por meio de medidas policiais e repressivas. “A magnitude dos recursos, a extensão de redes e a articulação de setores e interesses variados configuram um quadro em que as batidas policiais para prender usuários e pequenos traficantes soam inúteis e ridículas”, declara Velho (1993, p. 278).

O ser jovem nas relações com as agências socializadoras

Por ocasião da juventude, os vínculos familiares tendem a enfraquecer-se, momento em que o jovem busca o grupo e sua integração na sociedade, com participação em diferentes instituições, como a Igreja, os movimentos juvenis e outros.

A escola ocupa relevante função nesse processo de socialização secundária, pois é incumbida de transmitir os valores sociais mais amplos e instrumentalizar o jovem para o trabalho. O trabalho do jovem também constitui uma categoria de socialização, interferindo nas dinâmicas familiares e escolares, consecutivamente.

Segundo Sarti (*apud* Canesin *et al.*, 2002), os estudos realizados por Lévi-Strauss interpretam a família com base nas relações culturais, superando as fronteiras biológicas: “Além de regular as atividades de base biológica – nascimento, sexo, reprodução humana, morte etc – a família tem, historicamente, como função manifesta a concretização da forma dos homens viverem os fatos da vida” (Canesin *et al.*, 2002, p. 66). Sarti (2000, p. 98) entende a família como “um grupo social concreto através do qual se realizam estes

vínculos”. O parentesco é composto de três elementos: a consangüinidade, a dependência parental e a aliança por meio do casamento. Uma estrutura universal que não pode ser confundida com parentesco significa ir além da unidade biológica, uma vez que o homem, como um ser social, realiza escolhas, diferenciando-se dos animais pela capacidade de simbolização. Neste sentido, “as famílias se constituem como alianças entre grupos” (Sarti, 2000, p. 41). A aliança por meio do casamento constitui-se em agrupamentos e combinações com a finalidade de redimensionar as relações entre os grupos.

Baseando-se nessa abordagem, uma via possível de investigação supõe enfocar o modo como os jovens vivem e elaboram suas experiências e as formas de atuação em instituições ou agências socializadoras, como a família, a escola, a Igreja.

Como agência de socialização primária, a família exerce influências duradouras na constituição psíquica dos indivíduos. Os jovens, envoltos em processos culturais e simbólicos que a condição familiar propicia, formam hábitos, definem valores, atitudes e opiniões que traduzem a posição social que ocupam na sociedade. Mesmo as escolhas futuras, que se apresentam como *exclusivamente individuais* contêm a força das condições estabelecidas pela rede de relações sociais em que se inserem.

Nas sociedades contemporâneas, com a institucionalização de inúmeras agências – escolas e meios de comunicação de massa – a família não é o agente exclusivo na realização da ação. Nem por isso se pode minimizar sua importância e eficiência na construção de *habitus*, uma vez “que é marcada por fortes componentes emocionais que estruturam de forma profunda a personalidade de seus membros” (Reis, 1984, p.104).

Canesin (2001, p.125), fundamentada em Bourdieu, afirma que a ação pedagógica, como um sistema subjetivo de um grupo, esquema de percepção e concepção imprime um matriz de ação e atua cotidianamente no indivíduo, e é condição fundamental para estruturação das experiências escolares.

Na concepção de Bourdieu (1968), a família, nas sociedades modernas, constitui-se em importante sujeito das estratégias de reprodução, uma vez que legitimamente atua como transmissora de privilégios econômicos, culturais, simbólicos. Canesin (2002), compartilhando esse pressuposto, declara:

A família como categoria naturalizada tem o “privilegio simbólico” de instituir como se deve sentir e agir dentro da norma para obter o “lucro simbólico da normalidade” nos parâmetros de adequações. Na condição de norma universal legítima e naturalizada, oculta o fato de que as condições sociais não são distribuídas

uniformemente e de que na constituição dos grupos familiares há uma diversidade de “condições de acumulação e de transmissão de privilégios econômicos, culturais, simbólicos” e eles constituem espaços específicos de reprodução. Para Bourdieu, a família é o sujeito principal das estratégias de reprodução. (Canesin, 2002, p. 71)

Ao refletir sobre a família, Roure *et al.* (2001, p. 197) pontuam dois aspectos marcantes na sociedade atual: o consumo e a cultura do individualismo e do narcisismo, decorrentes do distanciamento dos valores simbólicos tradicionais, em um contexto no qual as identificações imaginárias com os atores, personagens de novelas, músicos, jogadores de futebol e outros elementos do mundo midiático adentram sub-repticiamente nas instâncias simbólicas, de tal maneira que enfraquecem instituições, como família, escola, Igreja, em razão “das identificações marcadas pelas imagens propostas por um repertório midiático – identificações imaginárias – do que por identificações referenciais por instâncias simbólicas”.

Ao examinar o lugar da família na política social, na última década, Carvalho (2000, p. 13) observa a presença de idealizações no imaginário coletivo: “A maior expectativa é de que ela produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem”.

A revalorização da família não é realizada por meio dos modelos tradicionais, pois os parâmetros que norteiam a nova interpretação consideram que a família exerce o papel de proteção e de renovação das relações interpessoais: “a família continua sendo lugar privilegiado de proteção e de pertencimento a um campo relacional importante na reenergização existencial dos indivíduos” (Martin, *apud* Carvalho, 2000, p. 17). O Estado fica incumbido então de assegurar a proteção social e o acesso das famílias aos serviços e bens sociais (saúde, escola, transporte, lazer e outros), de possibilitar o desenvolvimento do potencial de proteção, sobretudo das famílias em situação de exclusão.

O modelo de família nuclear burguesa surgiu em meados do século XVIII, com o advento da escola pública e desde desse momento a instituição familiar passou a ser considerada como “o *locus* potencialmente produtor de pessoas saudáveis, emocionalmente estáveis, felizes e equilibradas, ou como o núcleo gerador de inseguranças, desequilíbrios e toda sorte de desvio de comportamento” (Symanski, 2000, p. 23). O modelo idealizado de família tem gerado estigmas, pois, quando as famílias não se adequa ao modelo preconizado são consideradas *incompletas* e *desestruturadas*. Pôster analisa a família e “ressalta de sua análise a conclusão de que a história da família é descontínua, não-linear e não-homogênea:

consiste, isto sim, em padrões familiares distintos, cada uma com sua própria história e suas próprias explicações” (*apud* Symanski, 2000, p. 24).

Na concepção de Bourdieu (*apud* Canesin, 2000, p.69), a família, nas sociedades modernas, constitui-se de formas de vínculos “de indivíduos aparentados, ligados entre si por aliança, casamento, filiação ou excepcionalmente, por adoção (parentesco) vivendo sob o mesmo teto (coabitação)”.

Canesin (2000) considera relevantes os estudos realizados por Bourdieu sobre a família e a escola para entender não somente essas instituições, mas as práticas sociais perpassadas pelos referenciais simbólicos. Para tanto, o conceito de *hábitus* assume relevância. Segundo Canesin *et al*, (2002, p. 427),

Hábitus é compreendido como um conjunto de valores, costumes, formas de percepções dominantes, esquemas de pensamento que são incorporados pelo indivíduo e que possibilitam a ele, interpretar o mundo social e, assim, orientar e regular as práticas sociais.

Velho (1999) constata que, no Brasil, a família é um tema pouco explorado. Algumas pesquisas realizadas tendem a uma interpretação universal e *natural* e adotam uma linguagem psicologizante. Ainda que se busquem subsídios na Sociologia, a leitura do lugar da família e a sua importância ideológica para a sociedade permanece em nível de análise de aspectos relacionados à dominação e ao poder. “O significado de família para um grupo social ou universo particular está vinculado a outros *significados* e supõe-se, falando de cultura, que de alguma forma estes constituem um todo mais ou menos sistemático embora não necessariamente ajustado ou harmonioso”, assinala Velho (1999, p. 69). O autor realizou estudos sobre as acusações que ocorrem em famílias de estratos sociais médios, nas quais existe usuário de drogas, e verificou um conjunto tênue de representações associadas ao domínio e às esferas culturais, como moral, política, religião e mitologia. Ressalta Velho (1999) que a importância da percepção dessas associações, ligada a diferentes domínios e esferas, consiste em considerar aspectos inconscientes da questão, que não são percebidos pelos sujeitos, e compreender que os sujeitos não estão completamente submetidos aos aspectos inconscientes, mas que por outro lado, não têm total liberdade de agir cognitiva e existencialmente.

A partir de meados do século XX, a escola tomou para si a função de preparar o jovem para a vida adulta, momento em que a juventude começou a se constituir como uma categoria

social. “A escola passa a ter uma importância como espaço do encontro com pessoas com as quais mantêm uma relação diferente do que a família e no trabalho”, declara (Marques, 1997, p. 73).

Nas sociedades modernas, portanto, a escola tem a função de preparar o jovem para o ingresso na vida adulta, significando um tempo de espera, em razão, também, da escassez de vagas no mercado de trabalho. A permanência prolongada na escola constitui uma maneira de atenuar o desemprego. Eisenstadt (*apud* Marques, 1996) considera o surgimento do sistema escolar como uma primeira etapa da passagem da vida familiar para a vida em sociedade, e a família não é mais capaz de transmitir os conhecimentos aos jovens. Para Ianni (*apud* Marques, 1997), o significado da escola para o jovem contemporâneo é o de iniciar o processo de *estranhamento*, quando o jovem se dá conta de que os valores instituídos pela sociedade são, por vezes, antagônicos daqueles transmitidos pela família no período da infância, ou seja, o jovem começa a perceber as contradições do sistema sócio-cultural e econômico das sociedades atuais.

A escola, como “agência privilegiada nessa fase da socialização secundária estaria encarregada de transmitir os valores sociais mais amplos” (Sposito, 1994, p. 164). Observa a mencionada autora: “sobretudo naquelas escolas que dizem respeito à preparação profissional e ao credenciamento, este fato parece orientar somente o nível de algumas frágeis expectativas” (Sposito, 1994, p.166). No contexto histórico atual, em que o mercado de trabalho apresenta maiores exigências em relação à qualificação profissional, a escola como instituição parece não conseguir desenvolver sua função de produtora do conhecimento sistematizado, tanto no aspecto pedagógico, quanto no social.

Frustradas as expectativas de ascensão social e de melhoria da qualidade de vida gestadas pela família, o jovem das classes trabalhadoras passa a ter uma relação de descontinuidade com a escola, evidenciada pela baixa frequência às aulas. Mesmo para aqueles que se submetem ao sistema escolar, a escola pouco contribui para uma socialização significativa (Sposito, 1994). “As referências à escola, quando existem, mesmo positivas, decorrem muitas vezes do trabalho pessoal e das características de personalidades de alguns professores” destaca Sposito (*apud* Guimarães, 1992, p.166).

CAPÍTULO II

JOVENS ESTUDANTES E OS MECANISMOS DE INTERDIÇÃO NO CONSUMO DE DROGAS

Este capítulo analisa entrevistas realizadas com três jovens estudantes – Elisa, Bruno e Ângela – qualificados como usuários ocasionais de álcool, na intenção de escutá-los e conhecer sua vida cotidiana, os significados atribuídos às agências socializadoras, seus modos de conceber o *ser jovem*, suas expectativas de vida futura. Pretende elucidar fatores de ordem sócio-cultural que contribuem em seus processos de formação, que possivelmente interditaram a inserção no consumo de substâncias psicotrópicas de uso ilícito.

A jovem Elisa

Trata-se de uma jovem com 17 anos, que, na ocasião da primeira entrevista, cursava o terceiro ano colegial em uma escola pública da capital goiana. Reside com a avó materna, dois tios e uma tia, na região sul da cidade, em um bairro de classe média baixa. Tem três irmãos, dois do sexo masculino, um com vinte e três e outro com dez anos; a irmã tem vinte e um anos. Os dois irmãos são filhos do mesmo pai, e a jovem entrevistada e a irmã têm pais diferentes. O progenitor de Elisa faleceu quando a mãe estava no oitavo mês de gestação. A renda familiar é proveniente de aposentadoria da avó e da pensão do avô falecido, completada pela ajuda da tia. Até os 12 anos, Elisa morava com a mãe e os irmãos em uma pequena casa construída no mesmo lote da casa da avó materna. Nessa época, a mãe mudou-se para um bairro periférico da cidade, e a jovem, por escolha, permaneceu morando com a avó.

Família

As entrevistas aconteceram em dois momentos: o primeiro, anterior aos exames vestibulares, e o segundo, após a reprovação da jovem nas provas classificatórias para ingresso na universidade. Elisa relata, inicialmente, que a sua família, como grupo real e concreto, não se apresenta de acordo com os parâmetros da família nuclear designada como *normal* pela sociedade. Esta condição familiar é fator de constantes conflitos e não lhe serve como modelo, embora a avó constitua referência afetiva e normativa, capaz de impor limites e regras de ação. Nesse cenário, Elisa conta o sofrimento que teve ao escolher continuar morando na casa da avó e se afastar da mãe. Morar com a avó significou conviver com tios

considerados *desregrados* por consumo de bebidas alcoólicas e drogas. Morar com a mãe, porém, significava perder a segurança afetiva e acesso aos poucos bens de consumo proporcionados pela avó: “Eu tinha doze, mas eu sempre morei (...), praticamente na casa da minha avó, só tinha eu e minha irmã de neta mulher e o resto era homem, (...) e a partir daí eu morei com a minha vó”. Assim se refere aos conflitos sobre as relações afetivas com a mãe: “Agora está bem, ela [mãe] entendeu, (...) ela me ama. Ficava falando que eu não a amava, para mim é difícil. Tipo assim, eu falo; mãe não tem nada a ver uma coisa com a outra, como que você vai explicar?”. Elisa declara: “Hoje não teria ido morar com a minha vó definitivamente. Por causa dos meus tios é muito estressante, porque fazem minha vó sofrer (...), eu já vi eles usando drogas”.

Embora a sua família apresente uma dinâmica interna considerada *desestruturada*, segundo críticas da jovem, consegue se organizar de tal maneira que passa uma imagem de uma família que guarda os princípios e tradições do que se concebe socialmente como *família conservadora*. A preocupação com o que os *vizinhos podem falar* fica evidenciada em seu discurso: “uma família que é errada, mas que ao mesmo tempo tenta manter a pose fora”. Para Elisa, trata-se de uma hipocrisia. O *inconformismo* juvenil, presente no depoimento da jovem, é abordado por Ianni (1968) que o compreende como uma das possíveis manifestações do jovem às incoerências entre os valores preconizados pela família e ações discrepantes praticadas pelos seus componentes.

A dinâmica familiar é permeada pela presença da avó, figura forte, que procura estabelecer os limites de atuação de Elisa, alertando-a para *os perigos da geração*:

Porque chega uma certa idade que você tem que determinar o que você quer. (...) sei que muitas coisas minha vó fala: ‘Ah! Cuidado e tal’, é com medo de acontecer algo, é por bem. Mas tem algumas coisas que ela também tá errada, que eu não sou da mesma geração que ela criou os filhos dela.

Elisa relata a dificuldade de convívio no espaço familiar denunciada pela falta de diálogos e os constantes atritos ali presentes:

Em casa não posso conversar sobre sexo, (...) converso com amigas minhas colega, (...) eu sou duas pessoas; em casa sou uma menina certinha, uma menina que não fala de sexo, uma menina que não fala em coisas depravada; e fora eu tenho a liberdade com as pessoas, liberdade na casa das pessoas.

Embora, os conflitos estejam presentes, observa-se a necessidade de pertencimento, de ser aceita pela família: “Eu não fico calada nem um momento e acho que estou certa e não fico calada quando falam que estou errada, sou nervosa, muito nervosa”.

Elisa relata as dificuldades financeiras da família, da qual provêm os recursos para mantê-la estudando. Seus cursos, como o preparatório para o exame vestibular e o curso de informática, são pagos pela avó e por uma tia que reside nos Estados Unidos da América (EUA) e servem como *moeda de troca* para concessões que faz à avó em termos de ajustamentos às regras impostas e privações de atividades de lazer com os amigos. Elisa declara:

Deixei de ir a muitas festas para poder ter o que eu tenho, porque minha mãe não tem condição, minha avó me dá as coisas, minha tia que paga, por exemplo o meu cursinho, e minha tia mora que nos EUA, se eu entrar numa faculdade particular, ela vai me ajudar.

Elisa compreende que não é tarefa de sua avó proporcionar-lhe condições de estudo, o que faz aumentar o sentimento de gratidão em relação a ela:

Assim, porque você mora com seu pai e sua mãe, um filho briga, vai mal no colégio, vai pra farra, chega bêbado (...) o pai ainda dá dinheiro, tem uma obrigação. Agora, quando você mora com sua avó, não. Porque eu sou neta (...) filho é diferente de neto, (...) minha vó me adora, minha vó me ajuda.

A avó, no contexto familiar, tem a função de prover e proteger todos os familiares: “minha vó ajudaria qualquer um dos filhos, em qualquer dívida, em qualquer coisa, ela sempre ajudou”. A jovem percebe, ainda que a avó faz uma distinção entre os gêneros, e concede maiores privilégios aos familiares do sexo masculino: “Ela é machista, os homens têm direito e as mulheres não”. Essa avaliação é contraditória uma vez que a própria jovem comenta o tratamento da avó em relação a sua mãe: “Minha mãe, a mais custosa, sempre tem atenção maior, por ser a mais custosa”. E aparece, também, uma preocupação ou uma expectativa da família, mais especificamente, da avó com as possíveis transgressões da jovem em relação à própria história da mãe: “Porque se eu erro, eles tão esperando um dia eu errar”.

A jovem parece ter traçado um plano, que tem como estratégia um comportamento diferenciado para não cometer transgressões que a possam desviar do formato desejado: “Eu

(...) sabia se eu tivesse um erro, alguém ia falar: ‘Você errou’ e ninguém investe em gente errada”. O fato de não ter cometido transgressões é motivo de satisfação pessoal para a jovem, que parece se sentir diferente, por considerar-se com maior resistência aos sofrimentos da vida que seus familiares: “Eu não erreí, eu passei por tudo e tô aqui, ninguém pode falar alguma coisa pra mim” .

A jovem traça o perfil da mãe, revelando que a considera desestruturada em vários aspectos afetivos, psicológicos e profissionais e justifica a escolha de permanecer morando com a avó. Os depoimentos indicam que a mãe não assume a educação dos filhos, transferindo para a avó materna essa tarefa:

Mas, minha mãe (...), não conta, eu acho que eu sou mais adulta que ela, porque minha mãe não precisou criar seus quatro filhos (...) minha mãe, sempre morou do lado da casa da minha vó (...). Minha mãe sempre teve ajuda da minha vó, pagava dívidas e dívidas, pagava aluguel, compra casa pra minha mãe, minha mãe vende, some com o dinheiro, já deu problema de três mil reais de dívida.

Ainda, sobre a mãe, afirma que, no aspecto profissional, ela não tem estabilidade nos empregos: “Minha mãe é toda desestruturada, entra num emprego, sai do emprego”. Sobre os relacionamentos afetivos da mãe, evidencia-se o mesmo comportamento instável: “Casou, largou do marido”. Elisa critica a mãe em relação à criação do único filho que permaneceu com ela: “Ela só tem meu irmão dez anos, pra criar, ele é terrível, já é meio revoltadinho, (...) nervoso, puxou ela, totalmente (...)”. Quanto a irmã, Elisa comenta: “minha [irmã] é custosa (...) gosta de farra, (...) é mãe solteira”.

Embora considere a mãe *desestruturada*, Elisa demonstra afeto por ela e desabafa:

Mas, gosto da minha mãe, é minha mãe acima de tudo, mas é muito difícil, é uma complicação, é uma mulher de 41 anos, mas esqueceu que tem 41 anos, esqueceu que tem filho, que tem responsabilidade total sobre isso, é meia depressiva e tal.

Apesar de o relacionamento com a família apresentar-se conflituoso, Elisa esforça-se para compreender e aceitar a sua família com as dificuldades que tem. No contexto familiar, a jovem procura ressignificar as relações, com a intenção de dar sentido à vida, o que se evidencia em sua declaração:

Minha família tem problema, minha mãe tem problema. Sou feliz do mesmo jeito! Como queria ter uma família mais normal (...) Não sou bem financeiramente, mas sou feliz, (...). Tem que ver que tem muitas coisas bonitas na vida, tem muita coisa para você descobrir ainda. (...) Tem muita coisa ruim, tem! Mas infelizmente é isso, a gente convive com isso.

Escola

Em relação à escola, Elisa identifica a baixa qualidade do ensino público e estabelece comparações com o ensino particular. Por ocasião da primeira entrevista, a jovem cursava concomitantemente o terceiro ano do ensino médio, em uma escola pública, e o curso preparatório para o exame vestibular, em uma escola particular. Busca subsídios em suas experiências para estabelecer comparações:

Infelizmente não dá essa estrutura no colégio público que há trinta, vinte anos atrás o povo disputava para estudar em colégio público. Agora mudou muito, incomparável, a defasagem é muito grande porque eu faço cursinho (...) é incomparável. Na escola pública o professor já entra na sala com desânimo. Os professores são bons [escola particular]. E os alunos que fazem o colégio [particular] (...) têm ânimo de estudar. Além do colégio ser estadual, público, não ensinava tudo, a gente aprendeu muita coisa, porque o que a gente quis aprender, (...) tinha uns professores horríveis, principalmente História, que a gente não aprendeu nada (...) o professor passava muito trabalho, eu acho que trabalho não ensina ninguém, principalmente na adolescência, o povo copia tudo, copia de outro, deixa tudo pra última hora.

Em sua explicação, divide a responsabilidade pela baixa qualidade do ensino público entre professores despreparados e alunos desmotivados, porém faz uma ressalva: “Mas tem muitos professores bons, às vezes a gente não aprende alguma matéria, pela gente mesmo (...) que não presta atenção. Elisa, ainda formula crítica ponderada em relação à política educacional: “Mas não posso falar que o ensino é só culpa do governo. Poderia investir mais, isso é verdade, incentivar mais, essa é a realidade”.

Afirma que a escola pública não aborda assuntos como drogas, política e outros temas relacionados ao cotidiano do jovem:

Na matéria, não acho que fala tanto sobre drogas, (...) não levam isso firme, a sério não comenta, acho que nada que é social (...) que abrange (...) política, não abrange

(...) nada , nem drogas eu nunca tive uma palestra de drogas”. Cita a televisão como um veículo que aborda a questão: “ (...) se fala muito na televisão (...) sobre drogas.

Recordando momentos de sua escolarização Elisa enfatiza a importância da escola como agência socializadora, encarregada, também, de transmitir valores sociais:

Ai eu participava de tudo que tinha no colégio, desfile, festa Junina, sempre participei (...) quando a gente era pequeno (...) conhecia todo mundo, nossa foi uma ótima fase . (...) Na hora do recreio que a gente dançava, colocava o som, a gente dançava também na hora da Educação Física.

Em relação à autoridade do professor, a jovem afirma ser conquistada pela maneira como ele faz as cobranças, percebe o educando como um ser em desenvolvimento, e está atenta aos aspectos afetivos e emocionais, fundamentais para a formação humana. O ideal de bom professor, para Elisa, é materializado na figura da professora Eunice da terceira série do ensino fundamental. Considera que o rigor não atrapalha o exercício da atividade docente, desde que esse se realize associado à afetividade. A jovem conta: “Ela [professora Eunice] era muito calma, (...) rigorosa nas coisas que fazia, mas era um amor de pessoa”.

A jovem considera-se uma boa aluna, pois toma como referencial a nota obtida por meio de uma avaliação, apesar de confessar sua falta de disciplina, a não-dedicação aos estudos e que conversa muito em sala de aula, comportamentos que atrapalham sua produção.:

Todos os professores falam que eu sou uma boa aluna, só que o meu único defeito mesmo é conversar demais, isso atrapalha um pouco. Olha, eu devo aprender com facilidade viu, porque eu não pego em livro de jeito nenhum, não consigo pegar no livro e ler, leio no máximo que eu escrevi no caderno, os exercícios, e deixo tudo pra última hora, mas minhas notas são boas. Aí vou lembrar da prova e tá em cima, vejo...relembro as coisas, tiro nota boa né, (...) não é aquela coisa, dez, não.

Elisa relata, freqüentemente, sem constrangimento, a sua falta de atenção às aulas, fato que poderia ser entendido como uma necessidade de verbalizar seus sentimentos, emoções ou mesmo falar de seu cotidiano. A compulsivamente em falar confirma-se em seu depoimento: “Às vezes, a gente perde tempo conversando com amigas, mas já é costume (...) eu gosto de estudar (...) mas, não diria (...) pessoa fanática”.

Revivendo as lembranças escolares, Elisa comenta seu desapontamento de permanecer estudando no mesmo colégio em que cursara a primeira fase do ensino fundamental, porque o seu desejo era estudar mais distante de sua casa e usar o transporte coletivo, o que significava para ela ter maior independência e liberdade: “Eu queria ir pra algum colégio que pudesse pegar ônibus, que fosse longe de casa, eu queria isso, mas nunca consegui”.

As demais lembranças escolares estão ligadas às experiências com novas amizades, sobretudo com a descoberta do sexo oposto. Nas relações de amizade, Elisa enfatiza a importância de uma amiga que teve desde a terceira série e que lhe dava suporte para se conduzir como uma aluna mais aplicada. O reconhecimento de que as amizades contribuem para o agir do jovem denota um grau de maturidade: “Eu regredi, daí eu não queria estudar e chegava atrasada no colégio, foi até que eu briguei com essa amiga minha, daí eu voltei a estudar normalmente”. Um aspecto considerado por vários estudos sobre a juventude é a importância do sentimento de pertencimento ao grupo, e Elisa o demonstra na fala: “Por isso que eu falo, que amizade às vezes influencia sim, ainda mais nessa idade, porque você quer ser aceita (...) você acha que ser aceita e ir pela influência dos outros”.

Outros relatos de Elisa relacionam-se à imposição dos familiares sobre a escolha do tipo de escola de ensino médio, o que resultou em uma série de desajustamentos e inadequações da jovem na organização escolar:

Mudei de colégio, mas também era perto de casa por que o povo não queria que fosse para outro lugar, por que eu queria pegar ônibus, (...) era um colégio conveniado, o primeiro ano, a gente era um desastre, a gente (...) não gostava do colégio.

Nessa escola, a jovem viveu momentos de transgressão às regras escolares, e, nesses acontecimentos, é revelador eles terem ocorrido, em sua maioria, no período em que a avó esteve viajando para o exterior, por vários meses seguidos. Evidencia-se que a presença da avó oferece suporte para a neta, estabelecendo limites ao seu agir: “Foi quando minha vó foi pro Estados Unidos, ficou cinco meses lá, a gente fazia farra lá em casa pra não precisar ir na aula, a gente acordava de manhã, ficava na porta do colégio e falava – ‘Ah, não vamos entrar não’ – e ficava sentada na porta de alguma casa”.

A jovem só conseguiu ajustar-se à lógica da escola quando se transferiu para um outro colégio: “Daí eu me revoltei, falei: ‘Eu não estudo nesse colégio de novo não, de jeito nenhum, fico sem estudar, não fico nesse colégio’”. Declara que a mudança foi positiva, pois

possibilitou a jovem ressignificar seu papel de estudante: “conhecemos professores ótimos, [foi] um segundo ano ótimo” .

Elisa valoriza a escola pública sobretudo por ser espaço de sociabilidade, um local de encontros com colegas e amigas. As lembranças da primeira fase do ensino fundamental são relacionadas às atividades festivas da escola:

Tinha dia dos professores, a gente sempre fazia festinha (...) dia das crianças, geralmente era feriado, (...) dia das mães a gente fazia ... envelopes, cartas, (...) tinha Descobrimento do Brasil, dia do Índio a gente fazia apresentação, (...) época da Páscoa, comprava ovinhos de chocolate, (...) sempre tinha alguma coisa (...) a gente sempre participava.

A importância da escola como espaço de socialização permanece no ensino médio, evidenciada no depoimento de Elisa, ao dizer: “ Ai era todo mundo amigo de todo, a sala tinha o que 25 alunos, todo era amigo (...) era no segundo e terceiro ano”.

Em sua perspectiva, a escola e trabalho estão interligados, uma vez que a realização de um curso de nível superior possibilita a entrada no mercado de trabalho: “É importante, (...) porque agora (...) o mercado está superdisputado quem tem mais curso superior, quem tem especializações é que consegue a vaga”. Quanto à escolha do curso superior mostra-se indecisa, ora pensa em fazer o curso de Direito, ora em cursar Psicologia e avalia: “Infelizmente, (...) as pessoas não olham nem o que gosta, mas sim pelo mercado de trabalho, (...) o que é ruim, porque você tem que conciliar”. Algumas opções angustiam a jovem, pelas suas condições objetivas de realização:

Infelizmente é assim, tem muitas faculdades, mas não é todas as pessoas que tem condições de pagar, a maioria das pessoas melhores de vida estão na Federal [Universidade Federal de Goiás], na UEG [Universidade Estadual de Goiás] (...) eu queria Psicologia, mas, (...) acho o curso caro, só tem na UNIP [Universidade Paulista] ou na Católica [Universidade Católica de Goiás]. Na Católica é mais barato (...) minha tia, pode pagar para mim, porque minha mãe não tem condições.

Confirma a sua indecisão: “Mas, (...) eu nem sei que curso eu quero, cada dia eu quero um curso”. Depois das provas de exame do vestibular para Direito, cujo curso é muito concorrido, a jovem se deu conta de que o sonho de cursar uma universidade gratuita não é fácil de alcançar, mas não consegue perceber que se trata, também, de uma questão social. A

grande maioria da população juvenil, sobretudo jovens oriundos do ensino público, não consegue ser aprovada em exames vestibulares de universidades federais, em razão do grau de dificuldade das provas, do elevado número de candidatos concorrendo a uma vaga e à defasagem de conteúdos dos egressos do ensino público, o que os deixa em condições de desigualdades para competir com os jovens oriundos das escolas particulares: “Vestibular, eu não sei bem, muita coisa que caiu, Matemática e Física eu nem resolvi, porque eu aprendi muita coisa no cursinho em um dia”. Entretanto, não está disposta a desistir do sonho e diz: “Eu não tava preparada, tenho mais dois vestibulares ainda (...), vou prestar pra um outro curso (...) quero ver se eu faço cursinho de novo, porque se eu não passar eu quero estudar mesmo, fazer específica de algumas matérias porque eu quero fazer faculdade”.

A desmotivação diante da reprovação em uma primeira tentativa e a falta de compreensão dos familiares e amigos aparece em seu discurso: “O povo fala, ‘não você tem que ter perspectiva’”. Elisa entende que só a religião não vai levá-la a uma aprovação no exame vestibular, pois “Deus não pode fazer a prova pra você”. A busca persiste, pois se trata de um projeto de vida, por isto decide, fazer os exames vestibulares para outro curso:

Eu pensei melhor em que Direito não é um curso que eu quero, (...) também, (...) eu tenho que estudar mais e brincar menos (...) tá todo mundo tentando, (...) e com certeza tá todo mundo (...) igual eu, tenta, quer passar, mas não faz por onde.

No momento de uma possível tomada de consciência da realidade, a jovem pensa em trabalhar: “Então, agora vou ter que começar a trabalhar, vai ser mais puxado, quem sabe eu leve mais a sério”. O ingresso no mundo do trabalho parece significar uma contingência da vida, uma vez que o sonho de realizar um curso em uma universidade pública foi postergado com a reprovação no exame de vestibular; em sua percepção, lhe resta o trabalho.

Drogas

Uma fala entrecortada de gagueiras e de pausas evidencia dificuldades em relatar aspectos da convivência familiar que lhe causam sofrimento, como o consumo de drogas dos tios, e se solidariza com a dor da avó:

A partir da hora que os filhos (...) fazem a mãe sofrer, não importa porquê motivo (...). Você está fazendo sua mãe sofrer, se está usando drogas, mas não está interferindo na

vida da sua família, tudo bem! (...) Mas se você está atrapalhando a sua vida e ainda colocando a vida de outras pessoas, então é bem diferente.

Ao mesmo tempo que critica o posicionamento omissivo da avó em relação ao consumo de drogas dos tios, considera o relacionamento da avó com os tios como um comportamento machista: “E minha vó defende, minha vó é muito machista, ela não tem coragem de fazer nada (...) poxa ela sabe que eles usam drogas”. Seu relato evidencia um diálogo difícil e conflituoso com a avó: “Eu uso palavras pesadas e minha vó diz que eu tenho que respeitar (...) minha avó é mãe (...)”. Revela não ter afeto nenhum pelos tios: “(...) não tenho carinho por eles porque a gente nunca teve um elo, tio com sobrinha, (...) para ela (avó) é estranho? (...) Eu prefiro às vezes ter um carinho por uma pessoa de fora”. E cobra da avó um posicionamento mais enérgico com os tios:

Então, acho (...) que ela deveria tomar alguma providência, mesmo sendo mãe, lógico, mãe (...) não consegue, mas é o jeito. Porque (...) infelizmente, um usuário de drogas, você lógico, tem que ajudar, mas a pessoa tem querer também, eles não querem, eu convivo, eu sei que não querem.

Elisa está ciente de morar em um bairro em que o uso de drogas é habitual entre os moradores: “Eu vivo (...) num bairro onde tem drogas facilmente é perto do Parque (...) onde tem drogas (...)”. Evidencia um grau de maturidade ao falar do mau exemplo que os tios estão passando aos seus primos, filhos dos tios drogaditos. Considera que o gênero masculino é mais propenso ao uso de drogas “E os meus primos, (...) que vêm, o exemplo do pai, (...) sou realista, com certeza, um filho vai fazer você sofrer (...) a maioria, principalmente do sexo masculino, os filhos se revoltam (...) não vai para o lado bom”. Considera o fato de não ter usado drogas, mesmo convivendo de perto com os tios, uma exceção: “Eu convivo, porque eu nunca usei drogas? Mas daí é uma coisa que para mim”. As apreensões em relação aos seus familiares diretos também estão presentes em seus depoimentos:

Minha mãe teve sorte que nenhum dos filhos dela mexe com isso (...) minha irmã não é muito para esse lado, é custosa (...) gosta de farra (...) já usou drogas pesadas, ela já usou cocaína. Mas, não nunca viciou. Meu irmão gosta de igreja, e meu irmãozinho eu tenho medo do mais novo. Porque essa onda agora, é tudo (...) liberado ele vai crescer com isso, (...) eu não posso dizer (...) é isso que acontece. A vida é um problema sério!

O relato anterior evidencia afeto ao descrever a mãe, os irmãos, e mesmo a irmã que já fez uso de cocaína. Parece existir uma certa tolerância com o uso de drogas da irmã, justificando-o pelo fato de não ter desenvolvido a dependência química, e evidenciado na linguagem – Elisa usar a palavra *custosa* para denominar as transgressões da irmã. A tolerância não ocorre em relação aos tios drogaditos, por quem a jovem diz não sentir carinho.

A jovem manifesta sua posição em relação ao consumo de droga, tendo em vista que percebe os preconceitos existentes e, por fazer parte de uma família que tem dois dependentes em ativa, acaba por ser atingida pelo estigma: “Eu falei sou contra, mas não posso fazer nada, são eles. Porque há um preconceito, se na sua família tem um errado você também é errado”. A jovem rebela-se contra os tios por não aceitar o seu consumo de drogas: “Eles são ignorantes, eles acham que estão certos, super ignorantes! Já discuti com eles, eu que tô errada, por que eu não uso drogas, eu que tô errada de discutir. (...) Brigas feias (...) eu tento não discutir, tento não conversar, o mínimo”. A jovem evidencia seus desentendimentos com os tios e se revolta com o seu comportamento, mas afirma que pelos laços de consangüinidade, tem que conviver com eles :

Criei talvez, repulsão deles. São pessoas que não fazem diferença na minha vida. Respeito por serem filhos da minha avó. Isto não é ser desumano, é ser realista. Você não pode porque é sua família (...) talvez, por isso, brigas, muitas brigas. Mas, é tempestades que vem e voltam. Às vezes, tem brigas e daí fica tudo normal, aquela família mesmo. *Briga volta acalma, volta a conversar, briga de novo.*

Os relatos confirmam que toda a família sofre, em decorrência das transgressões sociais que seus vários componentes cometem com o consumo de drogas. Esta situação permeia o olhar e a escuta que a jovem tem de sua própria família, sua percepção de que esses comportamentos fogem ao formato convencional e acabam influenciando sua vida, “porque as pessoas se afastam, tive amigas que conheciam, o jeito que era minha família e afastaram”. Neste contexto, acrescenta: “não tem muito tempo aprendi a não comentar sobre a minha família. (...) comento com quem entende. Agora, a gente vai aprendendo que com certas pessoas a gente tem que comentar as coisas, mas com outras não”. Aspecto recorrente na fala da jovem é a reserva que mantém nas conversas com colegas e manifesta preocupação em não falar de certos assuntos como os conflitos familiares, o uso de drogas dos tios e o

relacionamento com o sexo oposto. Ela trata esses assuntos apenas com as amigas mais próximas e em quem pode confiar suas intimidades.

Por ocasião da primeira entrevista, estava em cartaz nos cinemas da cidade o filme *Cidade de Deus*, sobre o qual a jovem tece o seguinte comentário:

Eu assisti o filme *Cidade de Deus* muito bom o filme, (...) um menino, principalmente homem, que está nos seus treze, quatorze, quinze anos, assiste aquele filme, ele cai usar drogas, com certeza. Porque (...), no final no filme (...) como que era o tráfico (...) o problema está no tráfico (...) como que surge a droga (...) o principal não um usuário ou outro (...) a maioria da população brasileira não está bem estruturada para assistir um tipo de filme onde dá ênfase ao tráfico, as pessoas não sabem separar as coisas.

A interpretação que a jovem faz do filme é que se trata de uma apologia ao tráfico, o que evidencia o seu medo em relação ao consumo de drogas.

Elisa relata que lhe oferecem drogas, mas que ela se recusa a experimentá-las: “Na oitava série, uma amiga minha ofereceu, (...) não considero amiga mesmo quem oferece. Mas, conheço gente saiu que viu que aquilo não era, nossa! Como conheço!”.

Quanto, ao consumo de álcool, comenta suas experiências com a bebida alcoólica e suas preferências, com duas conotações: a primeira de que o álcool, como uma droga lícita, é consumido sem a consciência de que se trata também de uma droga; a segunda evidencia que o ato de experimentar essa droga faz parte do rito de passagem de uma fase da vida para outra, no contexto de socialização mais amplo, Elisa declara:

Eu já experimentei tudo tanto é tipo de bebida, a bebida em si é ruim (...) mas às vezes dependendo (...). Hoje tá gostosa. Já bebi (...). Mas hoje, eu quase não bebo, (...) numa festa tomo uma cervejinha, mesmo normal, já fui de fase, já preferi (...) uma bebida energética, uma mais docinha, já preferi vinho. Atualmente prefiro uma cervejinha básica, nada de demais, uns três, quatro a cinco copos, não mais.

A experiência com o consumo de bebida alcoólica é relatada com prazer e toma o significado de busca de identidade, que a torna diferente dos seus familiares, uma vez que não comete excessos. Relaciona-se pois com algo passageiro, que constitui uma característica do *ser jovem*: “Eu gosto de sair [e], às vezes eu gosto de tomar uma bebida”.

Trabalho

Elisa entende que o mercado de trabalho é muito concorrido e ambiciona trabalhar em uma função que a realize pessoalmente com um salário compensador, que será obtido, segundo a percepção da jovem, mediante curso universitário e várias especializações. Sustenta que não trabalha no momento por considerar a sua *voz ruim* e as *feições faciais feias*, por ainda não ter 18 anos. No primeiro depoimento, a jovem relata que planeja ingressar no mercado de trabalho quando tiver concluído o ensino médio. Em sua concepção as dificuldades serão solucionadas e as portas serão abertas para um primeiro emprego:

Nunca trabalhei, pela minha idade não seria fácil eu conseguir emprego, ainda mais com a minha voz com a minha cara, aí que eles não dão emprego mesmo (...) *estou esperando eu completar 18 anos para eu começar no meu primeiro emprego. Daí eu já vou ter terminado o segundo grau [ensino médio]*, espero estar na faculdade, daí é só começar a minha independência, como se diz.

Após a reprovação no exame de vestibular, o trabalho aparece como uma última opção. É quase uma sentença, em que está implícita uma aceitação de sua incapacidade para realizar algo mais *nobre*, como cursar a universidade. Entretanto, sua prioridade é perseguir o sonho de cursar o ensino superior, ainda que não tenha definido o curso. Tem consciência de que deve gostar da profissão que irá abraçar, e que um bom desempenho profissional depende de dedicação ao curso. Compreende que não está apta para tentar o exame vestibular para o curso de Medicina, o qual acredita ser sua verdadeira aptidão, em razão da deficiente formação obtida na escola pública.

Implicitamente, confessa que também a sua falta de dedicação aos estudos a deixa em situação de desvantagem em relação a alguns candidatos, mais estudiosos e melhores preparados no domínio de conteúdo:

[O curso escolhido] é Medicina, porque eu apaixonei, mas eu sei que eu não tenho como passar, (...) você tem que saber além, eu (...) nem o segundo grau [ensino médio] fiz direito, imagina pra passar em Medicina (...), mas eu vou tentar numa área biológica, (...) que aproxime mais.

Movimentos estudantis

A participação em movimentos estudantis, como grêmios escolares, não é valorizada por Elisa, que considera a atuação política do jovem de sua geração quase inexistente: “Mas o jovem de agora não é igual ao jovem de antigamente (...). Os jovens de agora não fazem nada eles não querem saber disso (...) o país está andando mal, vamos fazer alguma coisa! Vamos mostrar, porque os jovens que é o futuro”. Uma razão para não participar de movimentos de estudantes diz respeito à experiência de uma amiga, que se tornou dependente de drogas após ter começado a participar do grêmio da escola em que estudava. Relata esse acontecimento com muita ênfase: “Minha colega já participou do grêmio, (...) só rolava droga, droga e droga (...) ela começou a usar drogas”. Afirma gostar de política, mas se nega a abordar assuntos como política e religião: “Acho interessante, política eu gosto, (...) coisas que eu não gosto de discutir com ninguém é política e religião. São as guerras [que] até hoje (...) são sobre política e religião!”. A jovem afirma não acreditar em políticos: “Acho que a educação influi muito nesse assunto (...). Mas, é difícil confiar em alguns políticos”.

Relacionamentos com os pares

Defende que existe uma distinção entre amigos para sair e conversar sobre assuntos de menor importância, e amigos, verdadeiros, em especial uma amiga, com quem a jovem confia a sua intimidade. Ela chama de *malícia*, adquirida com a vida, que a levou a perceber que não pode se relacionar com todas as amigas com o mesmo grau de intimidade e, por isto, estabelece diferenciações nos vínculos das amizades:

A questão é quando a gente vai pegando certa idade vai encarando as coisas de uma nova forma, (...) vai tendo aquela palavrinha a malícia (...). Não que você [deve] fingir que (...) é uma pessoa certa, que sua família não tem problema. Mas, a pessoa não precisa saber, também de tudo que ocorre na sua vida (...), família que não tem problema (...) financeiro, acaba levando tudo (...) com ele. As pessoas são preconceituosas em qualquer parte do mundo, mas você tem que saber lidar com o preconceito.

No momento, não tem grupo de amigos no bairro onde reside e também não se identifica com o estilo de vidas dos moradores do setor. Um aspecto da socialização da jovem é o de não fazer parte de grupos de jovens da igreja de seu bairro. Argumenta:

No meu setor é mais pagode, eu não gosto, só pensa em pagode, aquela coisa de dançar igual axé, eu não gosto do povo do bairro (...), gosto de conhecer pessoas totalmente diferentes. Eu sou muito ligada em festinhas de bairro. Essas festas que tem igreja. Vou à igreja perto da minha casa. Mas, não participo de grupos de jovens.

Ao falar das horas reservadas ao lazer, revela que este aspecto da vida ocorre com pouca frequência. Entretanto, manifesta prazer em participar de atividades esportivas e esclarece que, no momento atual, não está praticando nenhuma atividade esportiva para se dedicar aos estudos. Com insistência, relata suas preferências em ouvir música, dançar, assistir à televisão, às vezes ir ao cinema, ressaltando o *gosto em dormir* e, ainda estar acompanhada pelos amigos. É interessante a jovem considerar *dormir* uma diversão: “Eu gosto de sair, eu gosto de ouvir música, assistir televisão, filme. Adoro, amo dormir. Dormir para mim é essencial, consigo dormir a tarde inteira, sem nenhum problema. Gosto de sair, dançar. Amo estar com amigos, eu odeio ficar sozinha”.

Ao relatar as preferências musicais, assinala sua rejeição pela música sertaneja: “É muito sertaneja! (...) aqui é a cidade do sertanejo (...) música sertaneja, você fica fora do padrão social (...) mas o estilo de música que eu curto que é mais rock”. Acredita que o *rock* seja considerado pelas pessoas da cidade como um gênero de música da contravenção: “Você gosta de rock, você é um maconheiro, um drogado um louco, um lunático, aqui em Goiânia”.

Estilo de vestuário

A jovem considera que seu modo de vestir reflete um padrão próprio: “Eu não sou muito de moda, eu odeio moda, (...) cada verão uma moda, (...) roupa no colégio, tem que ser (...) adequada, você não pode ir com uma saia curta, com uma blusinha, mostrando um decote, (...) acho que tem que ter um uniforme, mesmo”. Torna-se evidente que seu estilo de roupa é mais convencional, mostra menos o seu corpo. Reprova o estilo de vestuário sensual, usado por algumas colegas: “A roupa que eu gosto (...) de sapato baixinho, tamanquinho baixo, amo tênis, uma calça *jeans*, uma blusinha de alcinha, talvez, com um decote, mas nada provocante”.

Religião

Para a família, segundo a jovem, a religião tem o significado de mostrar para os outros, (parentes, vizinhos) que seus membros seguem valores e princípios morais definidos,

com base em preceitos religiosos. Entretanto a jovem constata as incoerências entre os ditos preceitos e os comportamentos de seus familiares. Comenta:

Minha vó é crente, minha mãe é crente, e todo mundo é crente, que pelo amor de Deus, não agüento ficar perto, mas eles são assim, querem seguir certinho. Não são a melhor família (...) são umas das piores famílias que tem, as piores pessoas, meninos custosos, meninos que aprendem a fumar, que bebe (...) mas tem os crentes (...).

Sexualidade

É interessante observar outro aspecto que denota a singularidade da vida dessa jovem. Não obstante a insistência do namorado em ter intimidades sexuais, ela resiste, diz não estar preparada para tanto e que não gosta de se sentir pressionada pelo namorado: “Eu não senti (...) vontade de transar com ele (...) se eu não senti”.

A jovem assegura que evita se engravidar no atual momento, e sabe que, para não ocorrer uma gravidez indesejável, há recursos médicos eficazes, dos quais quer lançar mão em época oportuna, pois “arranjar uma barriga, (...) eu não vou arranjar”.

Perspectiva de futuro

Quanto à perspectiva de futuro, a jovem pensa em conquistar uma independência, ter uma vida tranqüila, possuir bens materiais: “Eu quero ser independente primeiro, quero ter meu apartamento (...) meu carro (...) pelo menos isso, pelo menos dar conta de me sustentar com uma vida boa”. E acrescenta: “ Ter a vida digna, ter acesso a tudo. Não precisa ter o carro do ano, uma mansão. Mas, viver com dignidade. Isso que eu penso para o meu futuro, nada mais do que isso”. Ao mesmo tempo diz que “a vida é uma caixinha de supressas”, e parece não acreditar na realização de seus sonhos. Não tem planejamento para o futuro, busca” viver a vida como ela acontece”.

Sua perspectiva de futuro não inclui o casamento, a curto e a médio prazos mas tem projeto de se casar por volta dos trinta anos de idade. A razão da demora em casar-se é a experiência dos irmãos, que têm filhos, mas que não se acham em condições emocionais, psicológicas, afetivas e financeiras para oferecer aos filhos uma educação de qualidade. Elisa assinala: “Lógico, eu quero me casar, [como] acho que a maioria das garotas, mas eu não quero pensar nisso agora, eu penso daqui uns 15 anos e olhe lá”.

A jovem almeja ter filhos em um futuro mais distante, quando acredita que estará com uma situação profissional definida, e conseqüentemente em condições financeiras

melhores que a atual e poderá proporcionar aos filhos uma vida com maior qualidade da que recebeu. A jovem evidencia as condições materiais que pretende:

Eu não quero ser rica, eu quero ter pelo menos, se eu quiser comprar alguma coisa, principalmente de alimentação, poder comprar de tudo, poder cuidar do seu bem estar, poder ter um plano de saúde bom, as coisas dignas que a maioria das pessoas não tem, isso primeiro eu tenho que batalhar.

Medos

Perpassam a sua existência o medo de não conseguir realizar seus sonhos, desejos ou mesmo projetos de vida, o medo de envelhecer e não ter vivido uma história diferente da família, o medo de não ser aprovada no exame vestibular, o medo de não concluir o curso superior, o medo de não conseguir oferecer aos filhos uma vida melhor do que a que recebeu, enfim, o medo de repetir a história dos seus familiares. Contraditoriamente, ao revelar seus medos, Elisa declara ser muito feliz:

Sou superfeliz com os problemas que eu tenho, (...) tenho medo, às vezes de eu não conseguir terminar um curso superior, (...) de não conseguir passar no *vestibular, deu desanimar, eu tenho medo (...) de me olhar com trinta, quarenta anos, eu tenho medo dessa idade. (...) como faz pra você ter um filho, você dar uma vida melhor pra ele, se você tiver condições (...) algumas vezes, eu penso nisso, penso muito no momento.*

Em relação aos sonhos não-realizados, Elisa destaca o ensino médio que pretendia realizar nos EUA, mas que não se concretizou: “Ter ido para o EUA morar lá, passar minha adolescência lá, porque eu sou muito apegada a minha tia que mora lá. (...) Tinha esperanças, tem dois anos, que eu já perdi as esperanças (...)”. Uma fantasia da jovem que adquire significado de aspiração à ascensão social refere-se ao desejo de realizar uma viagem, um cruzeiro, com um namorado: “Deve ser maravilhoso fazer uma viagem, lógico que isso é meio fora do cotidiano de cada um (...) sonho de qualquer mulher na vida de poder”.

A história dessa jovem evidencia os dilemas, os anseios, o estilo de vida e o modo como ela está construindo o *ser jovem*. Pertencente a uma família que lhe oferece precárias condições afetivas, intelectuais e econômicas, Elisa vive contraditoriamente os limites da sua existência. Mesmo com fatores favoráveis para o ingresso no mundo das drogas, não o faz, e não inviabiliza a sua busca em realizar seus projetos de vida. Na singularidade da vida dessa

jovem, estão presentes aspectos da sua história familiar que poderiam atuar como determinantes ao consumo de drogas. Entretanto, ocorre apenas o uso ocasional de álcool, sem se caracterizar como uso dependente. Para a jovem, a escola deve ter também por função transmitir valores sociais mais amplos. Pela falta de compreensão do seu papel, a escola não ocupa o lugar destinado a transmissão dos valores sociais, deixando de discutir assuntos do cotidiano que são importantes para a formação, a reflexão e as relações sociais da juventude.

O Jovem Bruno

Bruno é um jovem de 22 anos que cursa o quinto período de Publicidade, em uma faculdade particular, mantida por meio de bolsa concedida pela Organização das Voluntárias de Goiás⁴ (OVG). A sua família nuclear consta de pai, mãe, dois irmãos mais novos (18 e 16 anos) e uma tia materna. Reside em um setor localizado na região norte da capital goiana, tendo como vizinhos os avós e os tios paternos casados. A proximidade com os familiares tem influência direta na vida do jovem. Pertence à classe média baixa. O pai é funcionário de uma empresa estatal na área de tratamento de água e esgoto da cidade, e a mãe, dona de casa e feirante, vende produtos alimentícios, como autônoma. O jovem trabalha desde os 14 anos de idade, e atualmente, exerce a função de coordenador de um departamento da Secretária Municipal de Saúde. O pai tem o ensino médio completo, a mãe não terminou esse nível de ensino. O irmão de 18 anos, por ocasião da entrevista, estava em fase de preparação para o exame vestibular, e atualmente não trabalha. O outro irmão de 16 anos, dedica-se aos estudos, cursa o segundo ano do ensino médio.

Família

Bruno é primogênito e considera-se com o dever de ser exemplo para irmãos e primos. O jovem evidencia um certo prazer em cumprir o papel de ser o *melhor*. O conflito manifesta-se com maior intensidade ao dar-se conta de que existe um outro lado da questão, as cobranças internas de manter-se como *melhor* :

No começo era ótimo, porque eu era papricado o príncipe de Gales da família. Mas, depois que começaram a vir os irmãos, os primos, eu deixei a vida de *glamour*, para vida de responsabilidade, porque tem que ser exemplo pra isto, exemplo pra aquilo outro. Minha família sempre me cobrou muito isto, este negócio de ser norte pro

outros que estão vindo atrás. (...) por um lado foi bom (...) em termos de crescimento, responsabilidade (...) que eu sempre foi, (...) muito precoce em tudo. Mas, por outro lado, também, você cria meio que uma paranóia quer ser o bom sempre. De não poder errar, de querer tá sempre agradando a vontade da família. Então, isto, sempre (...) me atordoou muito.

O jovem acredita que *querer agradar* tem por conseqüência a ansiedade que se reflete em outros aspectos de sua vida: “Eu sou muito ansioso, muito ansioso, mesmo! Quando eu tô ansioso minhas pernas ficam batendo o tempo todo, (...) é muito ruim essa sensação (...) de ter que agradar, e eu acabo levando isto pra outras coisas, outras áreas, também”.

Conta que nos últimos meses está ocorrendo uma mudança para melhor no relacionamento da família nuclear, e sobretudo com o irmão do meio, o que não era habitual, pois antes havia muita rivalidade entre os irmãos:

Agora tá tendo (...) mais, interação, até com relação a questão de sair juntos (...) a gente sai todo mundo junto, senta para conversar, conta piada, fala bobagem, às vezes, a gente pega o violão o cavaquinho e senta lá na casa da *minha vó e canta junto. E pra mim, (...) tá sendo novo. Eu sempre tive muito atrito com meu irmão do meio, o Fred, e agora estamos conseguindo conviver bem.*

Bruno relata a influência da extensa família (avós, tios e primos) na condução de sua vida. Em especial, dá destaque às pressões, movidas por preconceitos, que surgem em razão do seu interesse pelo teatro:

Se (...) você tem vontade de fazer determinadas das coisas, mas você é reprovado, não só (...) pela sua família mesmo, (...) não tanto meu núcleo familiar central, meu pai, minha mãe, meus irmãos, até pelo contrário, eles até incentivavam (...) mas, pela minha família – tio, avós – sempre foi visto com muito preconceito, por sinal. Meio que eles ficavam esperando uma coisa anômala a qualquer momento. Se eu deixasse a barba crescer, se eu deixasse cavanhaque, tudo era motivo para comentários alfinetosos.

⁴ A OVG coordena o Programa Bolsa Universitária por meio do convênio do governo de Goiás com instituições de ensino superior. Para participar do programa, são exigidos alguns requisitos. O governo custeia, em muitos casos, mais de 80 % das mensalidades dos estudantes.

O preconceito familiar relativo à atuação do jovem no teatro aparece na frase: “como se todo artista fosse doido da cabeça,(...) como se não soubesse (...) o que tá fazendo”. Bruno diz que a maior preocupação da família extensa concentra-se na sexualidade do jovem: “parece que a questão da homossexualidade (...) mexia mais com a questão do pudor, da imagem (...) nunca me falaram a respeito de drogas”.

O jovem considera boa a qualidade das relações com os pais, embora as conversas não abordem conflitos ou polêmicas: “apesar da gente ter (...) um relacionamento bom, nunca foi (...) um relacionamento próximo, no sentido de tá falando dos problemas (...) contando o que tá acontecendo”. Por isso, o jovem não contou aos pais que estava passando por uma depressão: “essa questão da depressão (...) que tive agora, eles só perceberam que eu andei passando mal. Mas, (...) dei outra desculpa, contei outra coisa, não mostrei os remédios. Acabei (...) não contando pra eles”. É interessante, quase uma incoerência, o jovem relatar que confia na possibilidade de seus pais o ajudarem, mas alega que não se sente à vontade para conversar com eles sobre a sua depressão: “Eu sei que são (...) pessoas que eu posso contar, sempre qualquer o problema que eu tiver, qualquer coisa que seja eu posso conta sempre”. Explica o fato de não buscar ajuda nos pais no período da depressão com o argumento:

Não me sinto com liberdade pra falar dessas coisas (...) de fala das minhas coisas mais intimas (...) minha mãe e meu pai já (...) luta tanto pra dá e pra manter aquilo que a (...) que a gente tem hoje. Então, (...) acho que (...) são problemas, mais ligados a mim, que de repente se eu fosse tá colocando isso *pra eles, também, estaria piorando a situação. Dando mais peso de consciência (..) que eles não fizeram tudo certo que poderiam ter feito melhor.*

Bruno denota forte sentimento de gratidão pelos pais: “Na verdade, eles sempre fizeram muito bem, (...) no sentido de criar eu e meus irmãos com muita dignidade, com os preceitos (...) religiosos, mas preceito de dignidade da vida mesmo”. O jovem esclarece em que *consistem os preceitos de dignidade* transmitidos pela família: “questão de viver sempre correto, de ser honesto, de buscar as coisas por aquilo que você faz, sem (...) tá querendo, puxar (...) tapete”. E conta o exemplo do pai: “Meu pai é uma pessoa super dedicada àquela empresa. A empresa nunca vai conseguir pagar (...) para ele o que ele faz (...) ele é (...) super (...) responsável com a função que ele desempenha, sempre, todas as funções que ele desempenhou”.

A mãe dedica-se à educação dos filhos nos diferentes aspectos – afetivo, material, psicológico – e o jovem assim a percebe:

Minha mãe não tem nem o segundo grau completo, mas, sempre cuidou da gente com carinho, com atenção. Ela tem (...) uma atenção (...) além do (...) que a gente precisava (...) com relação a tudo (...) a roupa, a comida, a saber se a gente tá comendo, saber o que a gente tá fazendo, (...) cuidado com (...) a segurança, com quem tá saindo.

Bruno acredita que a mãe tem maiores cuidados com ele em razão de ter tido na infância algumas complicações de saúde: “E comigo isso é mais ainda porque, eu sempre foi (...) o doentinho da casa. (...) Então, parece que ela tem (...) um cuidado a mais com relação a questão de saúde, alimentação”.

Relata que os pais são muito dedicados à educação dos filhos. O sentimento de gratidão pelos pais é recorrente: “E o próprio convívio se vê (...) que são duas pessoas que procuram (...) viver pra família, pro nosso bem-estar. Às vezes, de abdicar (...) de coisas que gostariam de fazer, de usar, de tá fazendo, em função (...) da gente”. A gratidão transforma-se em angústia, por não conseguir melhorar a qualidade de vida dos pais: “às vezes, eu fico (...) angustiado de não poder ainda retribuir um pouco disso (...) dá (...) maior momentos de descontração, de prazer de vida (...) pra eles”.

A dinâmica familiar evidencia-se quando o jovem relata o cotidiano da família, um cotidiano em que cada um desempenha a sua função. A mãe, em seus afazeres domésticos – só recentemente iniciou atividade de trabalho fora de casa para ajudar no orçamento doméstico. Dada a natureza da atividade desenvolvida pela mãe – preparo de alimentos que ela própria vende em feiras livres da cidade – ela permanece muito tempo em casa. O pai trabalha na empresa estatal de prestação de serviço – tratamento de água e esgoto da capital e os filhos estudam. Como cada um trata de sua luta diária, parece não sobrar tempo para o diálogo, para uma aproximação afetiva, para a percepção do outro como um sujeito com singularidades, expectativas de vida, dúvidas, angústias e medos:

Até um tempo atrás, não rolava muita conversa (...) em termo da questão de horário, porque minha mãe sempre ficou em casa, mas meu pai trabalhava o dia todo e sempre com plantão na Saneago [Secretaria do Meio Ambiente e Recursos Hídricos] até às 11 horas da noite. E eu também sempre fiquei o dia todo fora. (...) mesmo antes da faculdade, na escola de manhã e fazia teatro à tarde e trabalhava à noite.

Religião

Quando o jovem aborda o tema religião, percebe-se que sua experiência de socialização primária construiu *habitus* ou disposição para internalizar concepções religiosas que dão sentido a sua vida: “Eu sou católico desde criancinha (...) minha família toda é católica, meus avós, meus pais. No começo é (...) questão de família, de tradição. Mas, hoje eu tenho (...) consciência da religião que eu vivo, da fé que eu acredito, não é mais somente uma questão familiar”.

Bruno tem uma participação ativa em um grupo de jovens católicos. Foi coordenador geral do movimento em Goiânia, e, por ocasião da entrevista estava preparando-se para coordenar um evento de grande porte, envolvendo vários grupos de jovens de diferentes paróquias da capital. O jovem percebe o distanciamento existente entre as regras impostas pela Igreja e o estilo de vida dos jovens:

Eu que trabalho muito com a juventude, quando (...) vai lidar com as questões mais polêmicas como (...) a sexualidade, sexo antes do casamento, contraceptivo, e questões que estão tão ligadas ao nosso dia-a-dia, com a comunicação que a gente é torpedeado dos os dias. Às vezes, eu acho a Igreja muito engessada com relação a isto, muito arcaica.

Compreende que a Igreja, como instituição com tradições seculares, tem a função de transmitir preceitos, valores e regras, e que ela própria não consegue seguir suas orientações, o que ele chama de hipocrisia:

Ainda, ela que às vezes, prega um mundo, uma realidade que às vezes, nem a própria Igreja instituição consegue vender, (...) eu tenho (...) muito choque ideológico com relação principalmente com este fator da sexualidade. Primeiro, (...) acho que (...) quando (...) fiz teatro isto me amadureceu muito, me abriu (...) a cabeça.

A sexualidade é um tema recorrente na fala do Bruno, denotando uma preocupação constante com os aspectos ligados a esse assunto e a questões religiosas: “Porque inúmeros são os casos de amantes, de filhos, homossexualismo, pedofilia. (...) acho que talvez, pela questão da sexualidade ser uma questão tão íntima”. Bruno acredita que a Igreja usa regras para ocultar os seus problemas internos, sobretudo quanto à sexualidade: “às vezes, acho, ela

até usa um pouco disto, desta questão, destas regras todas, até pra resguardar um pouco a instituição”.

Outro aspecto recorrente no discurso de Bruno é a intenção de libertar-se de algo que o reprime. O jovem assim se expressa: “a gente fica preso a tanta coisa, tanta regra, tanta hipocrisia, tanta vontade de ficar agradando os outros que você acaba não se agradando e acaba não vivendo”.

Bruno acredita que a religião desempenha basicamente duas funções, a de transformação e a de alienação, quando impõe uma visão de mundo cerceadora da autonomia do pensamento. Critica outras religiões que não a sua, subentendendo que a religião que ele segue está livre desse aspecto alienador das demais religiões:

As pessoas não tem a noção de como a religião (...) funciona como fator de (...) transformação (...) do comportamento, às vezes até da personalidade. Dependendo da forma da metodologia que (...) usa fica alienada e (...) fica doída. (...) o que tem de gente pinel (...) que pega as regras que são impostas por determinadas religiões e seitas.

Nessa linha de raciocínio, o jovem aborda outro aspecto relacionado à religião, que é a *falsa moral*. Na sua concepção, existe um distanciamento entre o falar e o agir, o que concebe como hipocrisia: “o que eu fico mais indignado, principalmente em relação a religião, porque (...) existe uma distância muito grande (...) entre a teoria e a prática”. O jovem chegou a se afastar da Igreja, mas no momento ele está em um processo de retomada das atividades religiosas:

Não que eu tenha deixado de participar da Igreja (...) sempre tive envolvido em outras coisas, ajudando de outras maneiras. Mas, neste último (...) um ano e oito meses, eu tenho (...) estado bem mais afastado do movimento em si. Agora mesmo que surgiu (...) comecei a me reaproximar para vê o que a gente faz.

A vida de Jesus é tomada como referência, para criticar as normas da Igreja, que, segundo o jovem, distorcem o verdadeiro significado da religião:

Porque eu acho que Jesus Cristo foi o cara mais revoltado da época dele, o cara foi contra tudo, às vezes a gente desvirtua aquilo que ele tava com vontade mesmo que

acontecesse. (...) acho que a essência da pregação da vida de Jesus é a nossa felicidade (...) que a gente alcance a nossa felicidade.

Escola

Na história do jovem, predomina o estudo em escolas particulares e conveniadas: “O primário eu fiz em escola particular (...) depois eu entrei em escola conveniada com o Lions Club, (...) passei no concurso da Escola Técnica ⁵[Escola Técnica de Goiás] (...) estudei lá quatro anos, fiz Mineração e fiz teatro. Mais teatro que Mineração e aí depois passei no vestibular pra uma universidade privada”. Ele não teve reprovação na sua vida escolar.

Nas lembranças relatadas, Bruno enfatiza no curso técnico as atividades extraclasses: “A escola, o cara entrava além do conhecimento técnico que ia adquirir (...) tinha *N* atividades, opções de atividades esportivas, *N* opções de atividades culturais, podia aprender tocar piano, instrumento de sopro, tocar violão, fazer teatro, fazer dança, fazer artes plásticas”. A Escola Técnica desempenhou papel importante na formação do jovem: “A escola me marcou muito, (...) porque foi (...) o lugar onde foi quatro anos, que eu vivi muito a minha vida, foi muito feliz”. Duas professoras foram significativas para a sua vida escolar. Os parâmetros para avaliá-las são o domínio do conteúdo, metodologia e os vínculos positivos na aprendizagem: “Em termos (...) de envolvimento com alunos, de conhecimento, de didática, foram as duas mais interessantes, nem da faculdade (...) acho que conseguiram ultrapassar elas duas, eram muito boas”. Destaca, também, um professor de teatro que foi importante em sua vida, uma vez que o fez compreender o significado do mundo. O referido professor é valorizado pela sua própria história de vida:

Ele me ajudou demais com relação a isto [sentimento de ser oprimido pelas regras] e ele tinha tanta história pra contar pra gente. Ele contava tanta coisa, tanta coisa, que a gente ficava babando, (...) um cara que chega nos quarenta anos tem vida, que tem história se ele morresse naquele dia (...) acho que ele teria aproveitado muito bem a vida dele.

Parece que a expectativa do jovem em relação à universidade não foi realizada, tendo em vista que o seu discurso apresenta recorrência na comparação da universidade com o curso técnico:

⁵ Atualmente, Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet)

Nem lá na faculdade, (...) os quatro anos que eu passei lá [Escola Técnica] me prepararam muito bem. (...) agora quando eu entrei na faculdade, não que eu não tenha (...) amadurecido (...) com relação ao intelecto, (...) mas (...) a Escola Técnica continuou sendo (...) o período dos anos dourados da minha vida.

Bruno entrou no mundo adulto com direitos e deveres concernentes a essa fase da vida e, ao enfrentar as frustrações que a vida apresenta, percebeu que o mundo idealizado não existe, que o tempo de moratória ficou no passado saudoso. O *período dos anos dourados*, denominação citada pelo próprio Bruno, refere-se ao período da vida que aconteceram em uma escola pública com um ensino de qualidade, no qual o jovem participava de diversas atividades extraclasse, exemplo o teatro, que teve função importante na sua formação e na sua construção subjetiva.

Teatro

O teatro possibilitou ao jovem a busca pela autonomia. A possibilidade de diferenciar-se da família também contribuiu para a compreensão de aspectos subjetivos ou conflitos internos: “uma das maiores faltas que eu sinto hoje de não ter o teatro é porque era o momento que eu tinha, (...) pra mim mesmo”.

O teatro assume papel relevante para a estruturação do jovem como sujeito, pois tem o objetivo de permitir-lhe entrar em contato com as frustrações causadas pelo modelo idealizado no contexto familiar, expresso no desejo de agradar a todos, aspiração inalcançável: “Mas, é de quer ser sempre o melhor, (...) querer receber mais elogios (...)”.

As aulas de teatro e a convivência com o grupo adquiriram grande importância para Bruno, uma vez que constituíam momentos para vivenciar seus dilemas, angústias, medos e outros sentimentos que ele reprimia ao longo do dia, na procura de sempre *agradar*: “depois que eu parei de fazer teatro, eu simplesmente acabei com o tempo livre que eu tivesse (...) pra relaxar. (...) buscar minha a própria (...) satisfação”.

O jovem parece sentir-se oprimido pelas convenções sociais, e o grupo de teatro lhe oportunizava espaço para mostrar-se por inteiro, sem críticas e sem repressões, e de *viver sem pudor, sem regras*. Também no teatro o jovem encontrou o grupo de pares, com quem manteve amizade durante os quatro anos do curso:

Quando eu passei lá na escola eu tinha 15 anos (...). Foi em 95, não aliás, eu tinha 14 anos, (...) eu fiz 15 em agosto (...) logo comecei a participar (...) do grupo de teatro de lá, participei os quatro anos. (...) foi muita gente que passou pelo grupo, entrava

gente, saia gente. Alguns ficaram o tempo todo; eu o Alberto, a Camila, a Rê e o Roberto. (...) a gente tinha uma convivência muito boa.

Drogas

Na concepção do Bruno, droga é: “tudo aquilo que te aprisiona (...) às vezes, nem sempre (...) é uma coisa, (...) necessariamente química, um álcool, um cigarro, um *crack*, uma coisa da vida”. O conceito de droga remete o jovem a contar sobre a crise de depressão que estava vivendo:

Eu nesse último ano (...) tem sido um ano, muito difícil pra mim, porque tô tendo (...) que lutar muito contra (...) mim mesmo. A minha droga ultimamente anda se chamando depressão. Eu tive uma crise de depressão (...) tive que tomar remédio, calmante é (...) antidepressivo. Então, pra mim esse ano a minha droga foi esse, problema, tô ainda me recuperando. (...) nem todos os dias você acorda tão bem como você queria, acordar.

Relaciona o consumo de drogas com a perda da liberdade: “é tudo aquilo que te aprisiona, que te faz viver uma outra vida. (...) Acho que a questão da droga te condiciona uma vida que não, que não é sua vida”.

O jovem acredita que as drogas podem referir-se a qualquer situação que impedem alguém de realizar a vida idealizada e, assim, transforma o drogadito em prisioneiro: “acho que te leva não a ter a vida que você merece (...) acaba sendo uma droga a sua vida”. Assinala que há preconceitos em relação aos grupos de teatro, e em geral, as pessoas associam as atividades artísticas/criativas com o consumo de drogas, o que é um equívoco, de acordo com a sua experiência: “Eu tinha até vontade de experimentar alguma coisa, algum dia pra saber como é (...) qual é a sensação o quê (...) qual (...) é o sabor (...). Aí tem o outro lado da questão (...) o que isso vai me causar, também. (...) prazer daquele dia, daquela sensação que você teve e depois se eu não conseguir me livrar disso”.

Em sua concepção, a prevenção inicia-se com a tomada de consciência pelo próprio jovem de que a droga conduz a uma vida com disfunções e privações de liberdade pessoal causadas pela dependência química, aspecto relevante para Bruno, que busca desatar as amarras sociais que o oprimem. Outro fator de importância na prevenção, apresentado pelo jovem e comprovado por estudos, é a necessidade de o jovem ter projeto de vida: “Eu acho que a primeira prevenção que você (...) é a gente mesmo, (...) saber daquilo que você quer

pra sua vida, daquilo que você gosta de fazer, você pensa um pouquinho mais antes (...) de dar o primeiro passo”.

Destaca que um aspecto determinante pela opção em não experimentar drogas, como maconha e cocaína, foi o medo da dependência química causada pelo uso: “Não sei, já aconteceu de gente que experimentasse e que (...) não ficasse dependente, que nunca mais viesse a usar. Mais, pelo menos o que se vê por aí é a experiência vira dependência é o meu medo. Não que eu não tenha vontade, tenha tido vontade”. O conhecimento dos efeitos e das conseqüências negativas do uso de drogas, o jovem adquiriu-o por meios diversos, como reportagens em jornais, depoimentos na igreja de jovens em tratamento, e enumera vários aspectos dessas conseqüência: ”tanto (...) em jornal, que você ouve falar (...) na própria questão de Igreja, eu já vi muitos depoimentos de ex-viciados. Então, ninguém nunca contou (...) que é bom, a maioria das vezes que já ouvi a pessoa falando (...) que foi uma auto destruição”.

Bruno concebe o consumo de psicotrópicos como uma fuga dos dilemas da vida, e não acredita que seja a maneira adequada para conviver com as limitações e dificuldades pessoais:

Porque, (...) existem alternativas pra você dá um jeito na vida. Eu acho que existe N formulas de fuga, se o problema for encontrar um ponto de fuga pra algum problema, alguma (...) deficiência, alguma limitação. Existem outras quinhentas mil formas de fuga de você encontrar pra você se enfiar, do que alguma coisa que vai te destruir tanto, quanto a dependência química.

Bruno formula críticas à Igreja e à escola, duas instituições percebidas por ele como *hipócritas*. Cita como exemplo de *hipocrisia* a escola não abordar acontecimentos históricos de relevância, como o Descobrimento do Brasil, com informações corretas, e critica o tratamento dado a outros temas relacionados à juventude, como a droga:

A escola (...) como a Igreja, também, (...) são muito hipócritas com relação às coisas que são ligadas à vida mesmo pra valer. Você imagina com relação a própria história (...) até hoje ainda (...) tem gente que acha (...) que o Pedro Álvares Cabral, chegou no Brasil de bobeira, quanto mais com assuntos (...) que são polêmicos (...) são ligados à vida da gente (...) diretamente.

Segundo Bruno, a escola, como instituição responsável pela sua formação, não aborda conteúdos relevantes para o jovem: “Drogas e, acho, sexualidade também. Porque eu não consigo conceber que hoje exista gente que tá ficando grávida com quinhentas mil formas de prevenção. (...) é inconcebível um negócio desse”.

Toma seu exemplo, lembrando que na vida escolar teve apenas duas ou três aulas em que o conteúdo ministrado era o uso de drogas:

Até com as próprias drogas (...) do jardim II até o quinto período de universidade, eu tive alguma coisa relacionado a isso dentro da escola um ano só. Foi numa disciplina (...) Programa de Saúde, duas ou três aulas que o tema foi abordado durante o ano todo, da carga horária toda. (...) numa vida toda de estudo é uma coisa insignificante.

Acredita que seja necessário um trabalho de prevenção nas escolas, pois muitos jovens não são informados sobre os efeitos do consumo de drogas na vida. Bruno assim se expressa: “Eu posso ter essa consciência que (...) o prazer não paga a consequência depois. Mas, tem muita gente que não tem, não tem isso”.

Ainda, critica a metodologia utilizada para tratar o assunto, pois raras são as vezes que a escola aborda o tema do consumo de drogas, e, quando o faz, é de maneira repressora, negando o lado do prazer proporcionado pelas drogas:

Saber que existem (...) dois pólos, lógico que existem, a parte que você vai se sentir bem, sei lá, quem (...) já usou fala que vê estrelas, que viaja e tudo mais. E, acho que tem o outro lado (...) que é muito pior (...) não paga, não paga o desprazer.

Ao contar sobre o seu consumo de bebida alcoólica, evidencia o aspecto da classificação das drogas em lícitas e ilícitas. A ingestão de álcool não é compreendida pelo jovem como uma droga que causa a dependência química, fator de impedimento de experimentar as drogas ditas ilícitas. Declara fazer uso de álcool com moderação, para alívio das pressões sentidas no dia-a-dia, sem se dar conta de que o relaxamento é obtido por alterar o estado de consciência:

Eu (...) não gosto de cerveja, então, não bebo cerveja. Adoro vinho (...). os vinhos são os preferenciais, mas, também (...) os coquetéis, alguma coisa legal (...) diferente. Não eu não sou de (...) beber. Mas, às vezes, eu acho que é (...) me faz bem, que eu sou

uma pessoa (...) muito tensa, muito ansiosa. E aí de vez enquanto (...) acho que me ajuda (...) alivia, relaxa, alivia um pouco o estresse, as tensões.

Em relação às experiências com o tabaco, o jovem conta: “quando eu era pequeno, eu revolvi, acho que com uns dez anos de idade, acender um cigarro, mas eu engasguei, e foi horrível, eu nunca mais, hoje eu odeio cheiro de cigarro, fumaça (...) me incomoda muito. Cigarro não”

Lazer

A referência ao lazer remete o jovem às queixas da situação financeira que dificulta a sua participação em atividades que impliquem gastos:

Eu ando fazendo o que o dinheiro dá, parece que cada dia que passa eu vou conseguindo fazer (...) menos coisas com o meu dinheiro, (...) para você ter o seu lazer que você gosta de fazer, às vezes eu vejo N espetáculos passar aqui por Goiânia, eu fico (...) babando de vontade de ir. Mas, é vinte, trinta, quarenta reais, então é dinheiro (...) O próprio lazer do dia-a dia de ir pra um barzinho. Então, a gente tem que ficar (...) otimizando as coisas (...). Então, às vezes, eu me vejo vivendo uma vida (...) muito engessado. (...) Principalmente, com relação a dinheiro e isto me tortura muito.

Bruno considera-se consumidor por querer ter maiores possibilidades de lazer, o que não acontece em razão de suas condições sócio-econômicas, e se angustia por não poder proporcionar a seus pais programas de lazer em finais de semana: “[sou] muito consumista na sentido (...) de quer fazer as coisas que eu gosto muito de fazer (...) me divertir, às vezes, de pensar um programa com minha família, que ela não tem costume de fazer, que eu poderia proporcionar.

As atividades de lazer restringem-se à ida aos domingos à casa dos avós paternos e participar das atividades do grupo de jovens da Igreja, o que motiva queixas de Bruno: “ir pra casa da vó e pra Igreja no domingo é só”. Bruno percebe que o tempo está passando e evidencia a preocupação de não estar se divertindo em uma fase da vida em que se sente inteiramente motivado:

Acaba não sendo (...) viver (...) a pessoa (...) que não consegue (...) aproveitar a vida.(...) fica (...) às vezes, me torturando muito por causa tô com 22 anos hoje. Eu

sei que quando eu tive com 40, 45 eu não vou tá nessa, eu vou tá em outra muito melhor, eu sinto falta disto (...) de ter mais lazer, isso me (...) aprisiona muito.

Trabalho

O jovem trabalha desde os 14 anos, e ficou em situação de desemprego por um mês. O trabalho permitiu-lhe conquistar a autonomia financeira:

Foi bolsista por um ano. Eu sempre desde dos 14 anos (...) eu trabalhei. Aos 14 anos (...) tinha aquele programa do governo chamado Pró-Jovem aí eu trabalhei dois anos e um pouquinho na Secretaria de Promoção Social. (...) eu saí de lá quando eu consegui a bolsa lá na Escola. (...) eu trabalhei lá um ano, (...) conseguiu um estágio, atendimento 120 e 96, (...) lá eu trabalhei 2 anos e 3 meses. (...) fiquei desempregado um mês (...) entrei na secretaria e tô lá até hoje.

Queixa-se novamente da condição financeira que restringe sua vida: “eu nunca parei de trabalhar (...). Só (...) que as suas despesas, as suas necessidades, elas vão mudando, elas vão aumentando”.

Seus irmãos têm histórias diferentes: o de 18 anos, por ocasião da entrevista, tinha optado por deixar o emprego para preparar-se para as provas do exame vestibular: “parou em função do vestibular. Agora ele não tá trabalhando (...) de agosto pra cá em função do vestibular que ele quer passar na Federal [Universidade Federal de Goiás]. Ele estuda no colégio da Polícia Militar”. Quanto ao caçula, está estudando, concluindo a primeira fase do ensino fundamental.

Participação em movimentos estudantis

Bruno relata que o único grêmio estudantil que conheceu foi o da então Escola Técnica Federal de Goiás, na qual cursou Mineração: “A única escola que eu estudei que teve grêmio foi na escola que fiz o curso técnico”. O jovem e seu grupo do teatro formaram uma chapa e concorreram a uma eleição do grêmio: “No último ano eu até entrei numa chapa”.

Bruno não concordava com a atuação política do grêmio: “o grêmio sempre foi muito ligado às questões do contra. Acho que não é assim. (...) não que tenha que haver oposição, divergências de idéias. Mas, acho que nós temos que lutar para procurar o bem comum do

máximo”. O jovem critica também o modo de agir dos integrantes do grêmio: “o que eu via do grêmio era ponto de truço, de fumo, gente que fumava cigarro, fumava maconha, fumava *bali*. Ficava lá com desculpa de matar aula, pra não produzir nada, o grêmio funcionava mais como um centro de improdutividade”.

Grupo de pares

Bruno tem como referência de bom relacionamento com os pares as pessoas que participavam do grupo do teatro na época do ensino médio. Parece que existia uma grande afinidade com o grupo: “Quando fazia teatro, tinha a turma do teatro, que era (...) muito ligado com eles, (...) tinha (...) a turma de sair da Igreja que fazia (...) programas distintos (...)”.

Ultimamente, seu relacionamento é com os jovens da Igreja, certamente pertencentes ao mesmo estrato social que Bruno, o que viabiliza a integração ao grupo:

Agora, mais a turma (...) da Igreja, que é (...) a turma que eu saio freqüentemente, com quem me relaciono mais (...). Até pela questão (...) do tipo de relação ser (...) mais informal. É porque na faculdade minha turma é (...) legal (...) mas – (...) a gente não criou, não conseguiu criar aquele vínculo afetivo de sai mais, de ir pra casa um do outro. É mais ligado lá com os temas da faculdade mesmo.

A Igreja ocupa a função de agência socializadora. Na Igreja, o jovem conheceu a namorada, pode interpretar peças sobre a vida de Cristo, realizando o seu gosto pelo teatro. Viagens também acontecem como parte das atividades do grupo de jovem da Igreja:

Foi na Igreja,(...) na sexta-feira da Paixão na nossa Igreja tem um teatro quase duas horas, de toda a Vida, Milagre, Paixão de Jesus Cristo, (...) envolve muita gente. (...) eu sou (...) apaixonado por isso, (...) gosto muito de participar (...) de fazer esse teatro. (...) nós combinamos de ir pra Caldas Novas na sexta-feira da Paixão depois do teatro (...) Fomos na sexta-feira pra passar a sábado e o domingo lá. E acabou que rolou, foi (...) um negócio tão inesperado, que tomou (...) proporções que eu nem imaginava que tomaria.

Preferências musicais

As preferências musicais de Bruno estão de acordo com os parâmetros da maioria dos jovens estudantes e o gosto pela música popular brasileira (MPB) pode ser uma influência da

escola na qual cursou o técnico e do grupo de teatro: “Eu gosto muitíssimo de MPB (...) Gilberto Gil, do Caetano Veloso (...) os clássicos (...) Adriana Calcanhoto, Marisa Monte, Elis Regina, (...) Nelson do Cavaquinho, Jorge Aragão, Titãs, gosto muito dos Titãs, também, Legião Urbana, não tem deixar de gostar”.

Conta sobre seu gosto de dançar forró: “Agora pra dança, eu gosto muitíssimo de dança, Forró, eu acho ótimo, é muito bom, me desestressa, me relaxa. Eu gosto de baile de Forró, muito curto dançar”. Bruno declara que não faz restrições quanto as preferências por outras modalidades de danças, enfatiza sua falta de habilidade para as danças em que exigem maior domínio corporal. Neste momento do depoimento aparece o uso da bebida alcoólica como desinibidor: “Outras coisas, *tchan*, esses negócios (...) eu não consigo aprender, aquelas coreografias (...) só quando eu tô de fogo, que eu não tô nem aí pra saber o que o povo tão pensando de mim mesmo”.

Estilo de vestuário

Quanto à maneira de se vestir, o jovem acredita que a imagem é fundamental na sociedade atual. Por isso mostra-se cuidadoso com o tipo de roupa adequada ao lugar freqüentado e, sobretudo, aquele capaz de transmitir uma imagem positiva de sua pessoa. Entretanto, não tem preocupação em usar roupas de *marcas*, em virtude do fator de classe sócio-econômica, que o impossibilita de ter acesso a bens de consumo de preços mais elevados:

Ultimamente, eu ando gostando de usar as minhas, as que tenho em casa, (...) eu sou muito de quer saber (...) a onde (...) que eu vou estar pra saber (...) como estar porque eu acho que essa questão de você ter o bom senso com relação aquilo que você veste.

Bruno acredita que a roupa é um tipo de comunicação visual que transmite uma informação implícita sobre o indivíduo: “Eu acho que a imagem (...) é tudo, (...) às vezes você (...) nem (...) precisa (...) conversar diretamente com as pessoas. Mas, pelo simples fato das pessoas tarem te olhando você já (...) comunica um pouco de você”.

O jovem tem como parâmetro de escolha de seu vestuário as roupas que lhe proporcionem bem-estar: “Acho que a gente tem que se vestir, lógico, primeiro com aquilo que te dê prazer, que você goste de tá vestido, calçando. Que você não fique se sentindo constrangido”.

Perspectiva de futuro

Ao descrever os seus planos para o futuro, Bruno divide-os por aspectos: profissional, familiar, religioso e pessoal. Em seu relato, Bruno define algumas metas a serem alcançadas: “Espero bastante crescimento com relação a vida profissional, espero me formar logo. É não quero parar de estudar, quero continuar estudando, sei lá, fazendo especialização (...) ou um mestrado logo direto, não sei”. A função do estudar está relacionada ao desenvolvimento pessoal, também: “Eu gosto de estudar, acho que quando a gente pára de estudar, mesmo que você esteja trabalhando no dia-a-dia, você fica meio que atrofiado, bitolado, você não tem (...) novas informações, a sua fluência de informação é muito menor”.

Bruno assinala a sua frustração por não ter concretizado o seu sonho de iniciar uma atividade empresarial. Acredita que havia encontrado uma forma de conjugar aptidão com ganho financeiro, pois a microempresa no ramo de eventos lhe possibilitaria essa realização:

Comecei a mexer com uma empresa de eventos no começo do semestre, (...) eu entrei com um projeto em uma incubadora. Só que eu não foi aprovado. Pensei que fosse (...) a oportunidade de minha vida. Porque acho que é um negócio (...) clamoroso, que tem luz, que te bota em evidência,(...) eu gosto disso, eu acho que isso é bom..

E o teatro aparece como referência de aptidão profissional: “Porque teatro apesar (...) de gostar demais, de amar muito, de ser apaixonado, não dá dinheiro.

As perspectivas familiares são relatadas com a confiança de existir uma tendência a melhorar a qualidade dos relacionamentos, tendo em vista que seus irmãos e primos vão se tornando jovens e, conseqüentemente, com interesses de agir mais próximos dele. Acredita, também, que a mudança aconteça espontaneamente: “Com relação à minha família, eu acho que a gente tem (...) só a melhorar mais ainda à medida que esse tempo for passando, (...) porque eu acho que a gente já cresceu muito com relação à interatividade do relacionamento”.

Admite sua dificuldade em confidenciar sua intimidade. Segundo Bruno, esse aspecto será resolvido de maneira natural, à medida que ele e seus familiares vão se tornando mais compreensivos e próximos uns dos outros, pois os adultos têm melhor compreensão dos aspectos peculiares das relações interpessoais:

Não sei de repente até essas dificuldades (...) que eu tenho hoje de me abrir mais de me relacionar mais de perto com relação as minhas questões particulares com os meus

pais (...) com o tempo, com (...) meu próprio amadurecimento com as coisas que podem ir acontecendo comigo.

Bruno mostra a sua intenção de permanecer participando das atividades da Igreja com maior frequência e intensidade. Tem expectativas positivas em relação a um evento de grande porte que vai coordenar, no ano de 2003. Seu ideal religioso é transmitir a fé por meio do exemplo da vida de Jesus: “Com relação a minha religião, eu pretendo continuar pra sempre, não penso nunca em deixar, porque eu acho que faço tudo com dedicação, com carinho, com amor, porque eu gosto de fazer”.

Bruno vai continuar a persistir no seu ideal de fé e buscar modificar alguns aspectos da Igreja que ele próprio considera *hipócritas*. Diz-se consciente de que é um desafio, o que não é impedimento para o jovem:

Porque vou tá coordenando esse trabalho lá, quero procurar trabalhar alguma coisa (...) dentro da minha perspectiva do mundo (...) acho que vai ser um trabalho difícil, (...) porque nem, todo mundo tá aberto pra, pra trabalha essa, algumas questões que a Igreja não gosta que é um pouco (...) hipócrita com relação a nossa vida mesmo. Eu acho que isso é mais interessante a gente consegue atingir mais as pessoas e os objetivo, (...) na própria intenção de mostrar Jesus Cristo às pessoas.

Com a desilusão amorosa que sofreu com o término do namoro idealizado, Bruno passa por um momento de certezas abaladas. Ainda não se deu conta que a vida idealizada na fase dos *anos dourados* ficou para trás e a entrada no mundo adulto muitas vezes traz alguns surpresas, nem sempre agradáveis, pois também requer entrar em contato com a realidade, com alguns maus momentos que a vida por vezes oferece, e o jovem parece estar vivendo uma fase de transição da juventude para a vida adulta:

Com relação a mim, com aos meus sentimentos, eu não sei de mim, o que vai dar essa história. E até hoje (...) eu sempre me relacionei as namoradas que eu tive mais, sempre com aquilo (...) idealizando o que a gente viveu o que tinha acontecido, seria uma coisa que mesmo que a gente ficasse dez anos longe um dia, ainda (...) acabaria junto, (...) só que esse final não vai acontecer, e (...) vou ter que vê o que vou fazer, com relação a isso. Não tá sendo muito fácil.

Bruno tem uma história de vida com algumas singularidades. Participou de um grupo de teatro que teve grande significado em sua formação como sujeito autônomo, reflexivo, crítico. Sempre atuou na Igreja, e apesar de tecer algumas críticas à instituição consegue, entretanto, separar a sua fé das ditas *hipocrisias* da Igreja, e participar, com maior ou menor frequência e intensidade, de suas atividades.

A família de origem do jovem apresenta uma dinâmica de acordo com os padrões que a sociedade caracteriza como *normal* absorvida pelo trabalho cotidiano, pela luta pela sobrevivência, pois pertence a uma classe social e econômica com dificuldade de acesso aos bens de consumo e culturais.

O jovem evidencia suas angústias, seus dilemas, seu estilo de vida, suas expectativas de futuro, seus medos, seu posicionamento em não experimentar drogas, como maconha e cocaína, por temer a dependência química, o que lhe causa pavor, pois leva ao aprisionamento. O jovem mostra seu desejo de conduzir sua vida segundo os objetivos traçados, tendo como meta a *felicidade*, o que significa estar livre das amarras sociais. Na expressão de Bruno:

E se você gosta e se respeita, gosta e respeita as pessoas que estão vivendo com você. Você tá sendo feliz fazendo aquilo que você gosta e tendo condições dignas da vida, de trabalho, de comida, de beber, de ter lazer, ter roupa legal, carrinho jóia para você andar, passear. Que mal tem.

A Jovem Ângela

Ângela tem 19 anos, é caçula de uma família composta por pai, mãe e uma irmã. Os pais são vendedores autônomos; o pai trabalha com vendas de ferro e aço, e a mãe, com jóias. Residem em uma cidade situada na região da grande Goiânia. O pai encontra-se em situação de desemprego. Os pais são *encontristas*, isto é, participam há vários anos de atividades em grupos de casais da Igreja Católica, e as filhas também participam do grupo de jovens da mesma Igreja. O grau de instrução de ambos genitores é o nível médio. Ângela frequenta o Curso Técnico em Enfermagem, em uma escola particular, no período noturno, e trabalha durante o dia exercendo a função de auxiliar de escritório. A jovem realizou o ensino básico em instituições públicas.

Família

A família de Ângela tem uma dinâmica voltada para a participação em atividades de grupos da Igreja Católica. Até mesmo o lazer acontece ligado ao grupo de casais de que os pais de Ângela fazem parte. São as *reuniõezinhas* e churrascos realizados em residências dos *encontristas* – grupo de casais formado com objetivo de refletir sobre os preceitos da Bíblia. A visão de mundo é permeada pelo moralismo religioso, e a preocupação excessiva em evitar situações complexas, como por exemplo, uma gravidez indesejada, conduz os raros diálogos sobre assuntos como sexo e namoro, em tom crítico e jocoso, o que a jovem desaprova completamente. “Conversa muito pouco. Meu pai fala demais de menina grávida. Eu falo para ele não falar isso, porque sempre paga língua. Ele fala demais que menina grávida só engravida porque quer por que hoje em dia com tanto de remédio que tem”. Ângela vive a busca de sua individualização, e a família cerceia esse processo, não deixando espaço para a jovem viver seus dilemas, suas angústias e descobertas. A jovem evidencia seu anseio de distanciar-se dos pais, mas se sente tolhida:

Porque tem vez que eu chego em casa, eu tô chateada com alguma coisa. Alguma coisa que aconteceu no colégio. Você não tá a fim de falar, você tá a fim de ficar mais sossegada, mas não, cada hora vai um lá e pergunta o que foi que aconteceu? Porque você tá assim? Não é possível que não foi nada.

A mãe, especialmente, com sua preocupação excessiva com a filha, parece não perceber que Ângela deseja sua privacidade, motivo para queixas: “Tem vez que você quer só ficar sozinha, colocar seus pensamentos em dia (...), mas a mãe acha que tudo ela tem que tá sabendo, tudo ela tem que tá por dentro ela não pode ficar sem saber nada”.

Ângela não conversa sobre alguns assuntos com a família, prefere contar ao grupo que frequenta – *Amor Exigente* – o qual realiza trabalho com as famílias, para ajudá-las nos diferentes aspectos da condução da vida em familiar, em especial, na prevenção e tratamento ao consumo de drogas de filhos drogaditos. O posicionamento de Ângela confirma o seu anseio de procurar distanciar-se da família: “Dependendo do assunto que tiver você pode até fala sim, mas você não vai falar todo. No *Amor Exigente* acontece da gente falar o que aconteceu com a gente. Aí sim, você fala”.

Escola

A vida escolar de Ângela transcorre de acordo com os parâmetros de *regularidade*. Teve uma reprovação na quinta série do ensino fundamental, que lhe causou sofrimento e lhe serviu de aprendizado: “Eu reprovei na quinta série. Depois disso, nunca mais fiquei nem de recuperação. Eu achei que passei por uma humilhação muito grande vendo todos os meus amigos passando para outra série e eu ficando e procurando a sala da quinta série de novo”.

A jovem não se adaptou às mudanças no sistema de ensino que ocorrem quando o aluno ingressa na quinta série: “Senti muito, porque muda, tem muitas outras matérias que você não tem, são vários professores, cada hora entra um, então é muito complicado, até se habituar”. Ângela assinala: “Toda a minha vida eu estudei em colégio público e nunca estudei em colégio particular”.

No momento atual, estuda em uma escola particular no Curso Técnico em Enfermagem. A razão da escolha do curso deu-se, a princípio, por fatores de ordem financeira, o que oportunizou à jovem compreender a sua predisposição para a área biológica, levando-a a desistir da pretensão em fazer o curso de Psicologia: “Comecei a fazer, mas não pensava nessa área. Pensava em fazer Psicologia, então, eu pensei algum curso técnico para ajudar na renda. Foi por isso que optei, mas tô adorando e já penso em prestar para Enfermagem, não mais para Psicologia”.

Ângela revela a sua expectativa de ajudar os indivíduos que passam por algum tipo de privação: “Toda a vida, eu gostei muito de ajudar as pessoas, entender as pessoas. Quando eu era mais nova, visitava muito asilo de velhos. Adorava ir lá conversar com eles”. A opção pelo curso de Psicologia também é justificada pelo argumento: “Porque eu acho que, por mais que a gente tenha problemas, tem gente que tem muito mais”.

Sobre seus planos para realizar os exames para o ingresso na universidade, ressalta: “Ano que vem. É por que eu trabalho o dia inteiro, a noite eu estudo. Para eu fazer faculdade agora, eu ia ter que deixar um dos dois. Ou o serviço ou meu estudo. Eu sempre gosto de terminar as coisas que começo. Eu comecei o curso, então eu vou terminar para depois fazer o vestibular”. A fala da jovem evidencia um aspecto singular de sua formação e comprova que não se pode caracterizar a juventude como um período de vida marcado pelo hedonismo, pela busca de prazer, pela irresponsabilidade.

Ângela tece críticas à escola por não abordar assuntos relacionados à vida do jovem, em especial, temas como relacionamento familiar, drogas e sexo, e assim se expressa: “Eu acho que deveria falar mais sobre sexo, mais sobre família. Família, drogas, sexo”. Ângela atribui à família a função precípua na constituição da sociedade.

As lembranças do ensino da época que cursou o ensino fundamental são pouco significativas para a jovem: “toda vida meu pai teve que ir no colégio, (...) eu não parava na sala de aula, gostava muito de conversa [mas] eu nunca tive atrito com professor”. As lembranças significativas do ensino médio estão relacionadas, uma vez mais, aos aspectos socializadores da escola: “lembro muito que tinha muita gincana no colégio, muita feira cultural, feira de Ciências, então era muito bom, eu gostava muito dessas coisas no colégio”.

Trabalho

Ângela começou a trabalhar oficialmente, com carteira registrada, aos 17 anos, no Clube de Oficiais do Exército da cidade. Relata que, anteriormente, por volta dos 11 anos, já ajudava o pai, que exercia a função de vendedor em uma loja comercial no ramo de ferro e aço, mas esta atividade não era remunerada, justificada pelo argumento do pai: “Ele fala, ‘não é aquilo que eu te dou, e aquela roupa que eu te dei, não paga não’, nunca pagava”.

O trabalho da jovem na época adolescente tinha o significado de *moeda de troca* pelos bens de consumos recebidos. Atualmente, gasta o salário em alguns itens: “um consórcio de uma moto, fiz um plano de saúde, pago meu curso e pago minhas despesas quando vou sair. Compro roupas, sapatos”. Ela, não contribuiu para o orçamento familiar e mantém suas despesas pessoais, evidenciando sua atenção com aspectos práticos do cotidiano e responsabilidade com suas atividades.

O trabalho adquire a conotação de sobrevivência, em que todos trabalham, mas a soma dos salários é insuficiente para as despesas familiares e, sobretudo pela situação atual de desemprego do pai: “Minha irmã também trabalha. Ela dá aula, faz faculdade. Minha mãe é vendedora autônoma, vende jóias. Meu pai tá desempregado”.

Pretende exercer a função de enfermeira e fazer o curso superior de Enfermagem: “Trabalhar na área de enfermagem, pretendo cursar o superior, formo em julho, depois de julho, eu vou prestar o vestibular pra entrar na faculdade”.

Assinala que os conhecimentos aprendidos no Curso Técnico em Enfermagem, por algumas vezes, lhe foram úteis no trabalho, pois o clube organiza colônia de férias, sobretudo com crianças, e, em caso de emergência, pode prestar atendimento adequado: “no clube, tem colônia de férias, se caso acontece alguma coisa com alguma criança, até mesmo com adulto, você sabe, lidar mais com a situação”.

Trabalho voluntário

A participação no grupo de jovem *Amor Exigente* assume significado relevante na vida de Ângela. *Amor Exigente* é um grupo formado por pais de jovens dependentes químicos, que buscam compreender o filho drogadito e, conseqüentemente, ajudá-lo a superar a dependência. Apresenta-se como independente de religiões, contudo, as reuniões dos grupos acontecem, em geral, em salões paroquiais de igrejas católicas. Há uma metodologia própria de atendimento ao drogadito e à sua família, considerando a dependência química uma doença. O trabalho com as famílias é realizado em reuniões semanais e aberta aos familiares que se dispuserem a participar.

O jovem frequenta seu grupo específico, que também está aberto a irmãos, namoradas e amigos do drogadito. Não há necessidade de ter passado pela internação para fazer parte do grupo de jovens.

O *Amor Exigente* tem a intenção inicial de atender à família em suas diferentes dificuldades e necessidades, mas demonstra uma tendência ao atendimento das famílias de drogaditos e na prevenção ao consumo de drogas e, nessa categoria, Ângela se insere. Revela o seu desejo de ajudar os indivíduos menos favorecidos e, também, por conhecer o coordenador do grupo de jovens do *Amor Exigente*, que é *encontrista* e amigo da família de longas datas. Relata como aconteceu a sua admissão no grupo:

Foi assim: eu sempre falei para o Mario [coordenador do grupo] que eu tinha muita vontade de trabalhar com menino de rua, trabalhar com pessoas dependentes químicos. Trabalhar que eu digo é voluntário, levando a auto-estima, conversando com eles, vendo que eles podem sair dessa vida se eles quiserem. Eu fui lá para o *Amor Exigente* quando tinha 15 anos. (...) Meu pai sabia muito e disse que o Mario trabalha com isso.(...) um dia meu pai me levou na primeira reunião de jovens do amor exigente e nisso eu tô até hoje.

Ângela integrou-se ao grupo de jovens do *Amor Exigente* mostrando-se ajustada às atividades desenvolvidas e com forte adesão aos objetivos do grupo: “Adoro as amizades que tenho lá, acho que não tem nada a ver, pois converso com eles, não tem nada em relação a droga. Eu vou lá para melhorar o convívio com as pessoas, buscar qualidade de vida”. Nesse grupo de jovens, Ângela sente-se à vontade e consegue falar sobre seus dilemas, seus anseios, sua expectativa de vida: “Eu falo que tô chateada. Eu falo também das minhas metas para superar isso”. A jovem acredita que os momentos vividos no grupo são fundamentais para

sua formação como ser humano e assinala: “Eu não consigo pensar que eu não vou mais. Não consigo pensar que eu vou parar de ver meus amigos de lá”.

Depois que iniciou o curso técnico, à noite, tornou-se mais difícil participar das reuniões semanais, mas quando surge uma oportunidade, a jovem comparece às reuniões: “Quando eu vejo que não vai ter nada no colégio, eu vou no *Amor Exigente*. Nas férias, eu sempre tô indo”.

Ângela explica seu gosto em participar do grupo com o argumento: “Porque você vai, você acaba que tá doando e recebendo ao mesmo tempo, troca de experiências. Eu acho muito bom, muito gratificante”. Parece que no grupo *Amor Exigente* Ângela se sente acolhida, uma vez que percebe que seus problemas têm proporções menores se comparados aos de alguns jovens do grupo: “Tanto para mostrar para o outro que se o outro tiver com alguma coisa a gente vê que o meu problema não é grande”.

O espaço do grupo é para Ângela uma referência positiva, e sua aceitação é percebida pela admiração que todos sentem pela jovem, desde o coordenador até os participantes do grupo. A jovem diz que desenvolve o trabalho voluntário com prazer, o que evidencia sua identificação com as atividades e os objetivos do grupo. Certamente, sua atuação sintoniza-se com a sua visão religiosa de mundo: “Eles usam [drogas] e pensam que são felizes, se sentem felizes, eu mostro para eles que eu sem usar nada, também sou feliz, consigo chegar à felicidade. Eu tento mostrar isso”.

Na perspectiva da prevenção, os depoimentos dos jovens em tratamento relatando suas experiências negativas com o uso de drogas adquirem maior legitimidade por ser um jovem comunicando-se com outro jovem, uma comunicação entre pares:

Eu acho assim, muito bom o Amor Exigente como prevenção, porque você conhece muitas pessoas, que usam drogas e você vai vendo o estilo de vida delas, aí, com o estilo de vida delas, você vai tirando a base que não é isso que você quer, sabe, se você começar, você vai ter o mesmo fim que a pessoa que tá usando, vai ter a mesma vida.

O trabalho voluntário constitui-se em uma experiência que atua preventivamente, sinalizando os *perigos* do consumo de drogas.

Religião

A religião é para Ângela suporte fundamental de sua constituição como sujeito social. A jovem assim se expressa: “Eu acho que é tudo (...) não faço nada sem conversar com Deus, nada na minha vida”. Tendo a religião como âncora de sua formação, o grupo de jovens da Igreja é o espaço encontrado para expressar as resistências e diferenças vividas na família: “Desde pequena eu participava do grupo de jovens por causa da minha irmã, e ela cantava na igreja ela odiava aquilo, mas todo mundo adorava me ver lá”. A religião possibilita à jovem um espaço de liberdade individual: “tem aquele momento de oração consigo mesmo, aquele tempo só pra você que você precisa. Talvez porque você não tenha dentro de casa, talvez seja uma casa com muita turbulência”.

Como agente socializador, a religião tem papel importante na história de vida da jovem. As atividades religiosas desenvolvidas em grupo duram da infância até a juventude. Ângela relata que alguns jovens deixam de frequentar as reuniões do grupo quando ingressam na universidade.

Drogas

Na perspectiva de Ângela, a escola aborda eventualmente o assunto drogas, apenas quando percebe estar havendo consumo em suas dependências ou em eventos escolares especiais como feira de Ciências e outros. Não existe um projeto de prevenção que norteie ações refletidas:

No colégio se fala quando tá vendo que tem muito mala no colégio, quando se vê que tem pessoas demais fazendo uso, mas, aí eles começam a falar. Mas, prevenção de verdade, eles não fazem. Feira cultural tem uma vez por ano, feira de ciências uma vez por ano, aí eles fazem com debate, mas eu acho que devia ter mais coisa.

Ângela considera relevante a prevenção ao uso de drogas e acredita que deve iniciar-se na primeira fase do ensino fundamental: “É muito importante, a prevenção é a base de tudo, acho que tem que começar cedo, com os meninos de quarta, quinta séries. De criança, porque deles comecem mesmo, é na adolescência” .

A jovem assinala que a metodologia de prevenção utilizada pelo grupo *Amor Exigente* – histórias de vida dos jovens dependentes químicos em tratamento, as experiências vividas e as conseqüências do uso de drogas – tem para a vida do jovem um significado preventivo: “tem muitas palestras, reuniões como testemunho dos adictos, vão dando seu testemunho e

nisso você vai vendo o que é bom o que é ruim, o que te leva, o que acontece, o que te leva a usar drogas”.

Ângela concebe o consumo de drogas como *uma doença*, “*a adição é uma doença*”, evidenciando um aprendizado obtido do grupo *Amor Exigente*.

Ângela segue as orientações do grupo para evitar até mesmo o uso de bebidas alcoólicas pelos familiares. Esta concepção conduz Ângela à interdição ao pai de fazer uso ocasional de bebida alcoólica: “Eu não vou ser uma facilitadora, se meu pai me liga para colocar uma cerveja na geladeira, eu não ponho de jeito nenhum”. O agir da jovem está legitimado por uma agência, visto que o grupo *Amor Exigente*, indiretamente, por meio da figura do coordenador do grupo, está associado à Igreja, que lhe confere *status* e poder para agir acima da autoridade paterna.

Ângela fala das possíveis influências que o consumo de álcool pelos pais podem exercer sobre a irmã, o que o senso comum chama de *exemplo*, e do ponto de vista sociológico, refere-se à incorporação social de valores familiares: “Se minha irmã não tivesse vendo isso em casa, talvez ela acharia por bem não fazer também. Ela deve pensar – : ‘ah, se meu pai faz, então não tem mal nenhum eu fazer’ ”.

As afirmações da jovem conduzem à hipótese de que a interdição ao uso de drogas está no fato de a religião se constituir em agente principal de sua socialização e, por conseguinte, nortear a sua visão de mundo, formando suas percepções, seu modo de pensar, agir e sentir:

Beber é bom, mas tem as conseqüências depois. Você fica sem moral porque para você ficar um dependente do álcool é daqui para ali. Para você não ter *respeito nenhum*, *você não ter moral também é fácil*, *você perder a moral por causa de cerveja não compensa.*

Grupo de pares

Na juventude conforme os vínculos familiares tendem a enfraquecer-se, a relação com os pares torna-se relevante para a constituição do jovem, possibilitando a troca de experiências, o contato afetivo. Ângela tem reduzido número de amigos e, nesse sentido, o *Amor Exigente* e o grupo de jovens da igreja que frequenta cumprem a função de a integrar a uma rede de relações fora do espaço familiar.

Ângela procura relacionar-se com outros jovens, mas essas amizades não assumem o significado do relacionamento que teve com uma colega iniciado na sexta série do ensino

fundamental e que, no momento atual, mora em outra cidade: “Tenho um monte de amigos, mas não tenho aquela amiga que eu posso contar para o que der e vier como era com ela”.

Lazer

Ângela conta suas preferências no lazer e, não se mostra diferente dos demais jovens. Confirma a importância do grupo: “Gosto de estar junto com os amigos em casa para fazer algum churrasquinho, adoro estar com meus amigos, com as pessoas que eu gosto, adoro viajar, dançar, gosto de ir nos barzinhos adoro festinhas em família, casa de amigo”.

Preferências musicais

No aspecto das preferências musicais, também, o gosto de Ângela apresenta-se de acordo com os parâmetros da juventude: “Forró, sertanejo, samba, axé, eu gosto, eu só não gosto daquele *rock* pesado, sabe, do restante tudo eu gosto, MPB, eu gosto muito”.

O modo de ser jovem

Ângela considera-se uma jovem alegre, solidária e que gosta viver rodeada por amigos. Declara, em primeiro plano, que não gosta de fazer fofoca, indicando uma preocupação com comentários que possam acontecer no ambiente familiar e social em que convive. Assinala desconsiderar detalhes sem significado: “não sou de tá pegando aquelas mínimas coisas”. É otimista: “Eu tento ver o lado bom da coisa”.

A jovem tem uma auto-imagem positiva. Ao analisar-se, Ângela refere-se à Igreja, confirmando-a como agente socializadora principal: “[sou] uma pessoa de dentro da igreja”.

A jovem assim se expressa:

Eu me acho uma pessoa muito alegre, muito amiga, companheira pra qualquer hora que precisa de mim, eu tô disposta, muito carinhosa, estudiosa, inteligente, eu sou modesta, mas, é que eu sou uma pessoa que muita gente quer estar comigo, quer estar na minha companhia. Não sou agressiva, tenho os meus momentos de nervosismo, é muito difícil me ver nervosa, mas eu me acho assim, uma pessoa que pensa no futuro, uma menina alegre, que gosta muito de sair, se divertir, como deve.

Ângela considera-se uma jovem de sorte, e o único aspecto de sua vida não satisfatório é o afetivo. Já teve dois namorados e no momento está só: “Sinto-me muito feliz. eu dou sorte no serviço, nos meus estudos, só não dou sorte no amor, mas no resto, eu sou feliz”.

Perspectiva de futuro

Outro aspecto revelador da semelhança com os demais jovens refere-se à perspectiva de futuro. A busca pela autonomia, a relevância do grupo de pares, o sonho de constituir uma família, poder oferecer uma educação de qualidade para os filhos são perspectivas de futuro que aparecem na fala de Ângela:

Quero ter minha vida profissional estabelecida, quero me formar, quero ter meu emprego garantido, quero ter muito amigo, quero ter uma família, quero poder dar pros meus filhos assim, muito carinho, quero dar base pra eles, quero que em casa eles tenham alicerce, pra eles não crescerem, num mundo mundano.

Ao definir *mundo mundano*, evidencia a sua preocupação com o consumo de drogas. Sua visão de mundo é permeada de preconceitos e moralismos, e a religião apresenta-se como agência formadora de opiniões, e de percepções:

Esse mundo de drogas, bebidas demais, eu quero levar eles desde pequenos pra igreja, pra eles acostumarem, como eu fui acostumada, a freqüentar a igreja, a gostar de ir à igreja, pra não ficar só na diversão também, ficar só em bar, boteco, essas coisas.

Ângela afirma ter “medo de ficar sozinha, de solidão”. Sobre o medo de perder a referência dos indivíduos que pertencem ao ambiente social e familiar, declara:

Sabe, eu tenho muito medo do que pode acontecer, tenho medo de ficar beata, tenho medo de ficar sozinha, sem namorado, tenho medo de ficar sem meus amigos mesmo, tenho medo de perder meus pais, (...) tenho muito medo. E da solidão.

CAPÍTULO III

JOVENS ESTUDANTES E AS EXPERIÊNCIAS COM O CONSUMO DE DROGAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar e discutir os depoimentos de três jovens – Roberta, Carlos e Hélio – que estão em tratamento, em razão do consumo de drogas, como maconha, cocaína e outras. Tendo como referência os procedimentos adotados no capítulo anterior, procura-se apreender quem são esses jovens, qual é o seu universo sócio-cultural, bem como, as formas de inserção no mundo das drogas.

A jovem Roberta

Roberta é uma jovem de 19 anos. Sua família é composta por pai, mãe, duas irmãs e um sobrinho. Reside em bairro de classe média baixa, situado na capital goiana. O pai, atualmente, está nos Estados Unidos da América (EUA). A família é proprietária de uma casa lotérica, administrada pela mãe, e nela Roberta trabalha no período vespertino. Pela manhã, freqüenta o curso preparatório para o exame vestibular.

Roberta relata a sua história, enfatizando o seu consumo de drogas, que teve início aos 13 anos, quando cursava a sétima série do ensino fundamental. A jovem e seus colegas de colégio estavam em um *show* de um grupo musical, quando experimentou o primeiro *brow* – cigarro de maconha, – e, desde então, só parou o consumo quando aconteceu a sua internação em uma *fazenda*, para tratamento de jovens dependentes químicos. Os acontecimentos que desembocaram na internação evidenciam o sofrimento de toda a família pelo consumo de drogas de Roberta.

Roberta considera que as relações familiares são fundamentais para a sua vida: “Eu preciso da minha mãe, acho que eu quero morrer até primeiro, não agüento ficar sem minha mãe e meu pai, e o meu sobrinho também”. Tem lembrança dos constrangimentos do período que antecedeu sua internação, pois acredita que a família sofreu muito. O clima de conflitos constantes, gerados pelo uso de drogas de Roberta desencadeavam transgressões e agressões, relacionados especialmente à mãe: “Era ela falar alguma coisa eu gritava, eu fazia um inferno aqui dentro, eu batia essa porta, vazava, voltava só no outro dia *grilada*”. Roberta relata os transtornos morais, consequência do uso de drogas: “Eu xingava meu pai e minha mãe, eu batia a porta eu brigava com as minhas irmãs por pouca coisa”.

Roberta tem um forte sentimento de gratidão pelos pais, acredita que eles literalmente salvaram sua vida, fazendo-a a superar a degradação psicológica, afetiva, cognitiva e física

que viveu: “se não fosse minha mãe e meu pai capaz que eu não estava viva, porque eu tenho um metro e sessenta e cinco e pesava quarenta quilos quando fui internada; eu estava horrível”.

Para Roberta, o tratamento na *fazenda* tornou-se um marco em sua vida, e possibilitou melhorar o relacionamento entre os membros da família. Roberta comenta: “Nossa, melhorou 100% aqui em casa”. As relações familiares anteriores à internação de Roberta estavam completamente desgastadas. A jovem sentia-se excluída da convivência familiar, o que lhe causava sofrimento. Roberta assim se expressa: “Minha mãe não conversava comigo, meu pai me ignorava, minhas irmãs não tavam nem aí para mim”. Assinala que seu modo de agir também mudou para melhor e atualmente consegue escutar a mãe e compreender os motivos de sua preocupação, em evitar comportamentos que levem aos acontecimentos ocorridos no passado, e ainda muitos presentes na lembrança de toda família. Roberta assim se expressa: “Mesmo sabendo que eu tava errada, discutia; hoje não, fico caladinha, eu sei que tô errada, deixo ela falar”. Após o período de internação, Roberta percebeu mudanças na forma de sua família conduzir sua educação, em especial, sua mãe que exerce maior controle sobre a jovem e se dedica mais: “Ela me deixa sair, sabendo aonde eu vou com quem eu tô, me busca de madrugada. Coisa que ela não fazia nunca”.

Atualmente, o diálogo ocorre com maior frequência, mas assuntos relacionados ao uso de drogas são evitados, para que não ocorram acusações, conflitos e polêmicas “Em relação à droga, a gente não conversa muito para não voltar”. Roberta fala de sua opção sexual pelo mesmo sexo. Manifesta certo orgulho por essa opção, parece tratar-se de uma conquista pessoal, pois sente-se aceita pelo grupo familiar, a despeito de expor suas diferenças: “Eu sou homossexual, minha mãe conversa comigo como se fosse normal, alias é normal para mim, e para todo mundo aqui em casa é normal”.

As drogas e a experiência de recuperação na *fazenda*

Na ocasião da primeira entrevista fazia um ano e seis meses que Roberta havia deixado a *fazenda*. A Fazenda Senhor Jesus II é um internato feminino para *tratamento terapêutico* da dependência química, pertencente a uma organização não-governamental – Núcleo de Apoio ao Toxicômano e Alcoólatra (Nata) – ligada à Igreja Católica e mantida por doações e trabalhos de voluntários, em geral, familiares de drogaditas. O tratamento, segundo os critérios da organização, tem duração de nove meses, e Roberta ali permaneceu internada por cinco meses. Depois, passou seis meses na casa de uma tia, na cidade de Anápolis-Go. Relata que não se sentia segura o suficiente para retornar a Goiânia, pois corria o risco de

voltar a usar drogas: “Eu internei, eu fiquei cinco meses (...), saí da clínica antes do tempo, fui para Anápolis porque eu não queria voltar para cá por que tava com medo de voltar, sei lá, voltar a usar drogas, fiquei uns seis meses”.

Esses cuidados não foram suficientes para evitar uma recaída, que aconteceu ainda em Anápolis, e Roberta conta como se sentiu insegura, e que solicitou ajuda da tia: “Eu saí da clínica, passou seis meses, eu fumei um *brow*, nossa eu fiquei muito louca! Nossa eu arrependi tanto! Chorei, contei para minha tia, ela chorou junto comigo”.

Roberta relata que sua vida anterior ao tratamento na *fazenda* estava completamente desorganizada. Havia sido expulsa da escola, o relacionamento que mantinha com uma outra jovem havia alguns meses chegara ao fim, e sua família, sobretudo, a coagia a fazer o tratamento. “Aconteceu um monte de coisas, não aí eu não agüentei, meu pai já tava falando; ‘Você não quer ajuda? Eu te ajudo, eu te coloco num lugar’, aí eu aceitei”. Roberta diz que não percebia os riscos a que estava exposta com seu consumo de drogas e que desafiava o perigo constantemente:

Não tinha medo de nada, saía daqui de casa três horas da manhã e ia aqui na favela de Campinas buscar drogas. Entrava lá, o povo tudo armado e eu nem aí, tava lá, conhecia todo mundo. Um dia eles me roubaram, vim embora de short porque levaram minha calça, tive que andar na rua de madrugada de calcinha, indo embora de bicicleta, nessas bocas, já me bateram, já rodei altas vezes com os homens, já gastei muito dinheiro com polícia para eles não me levar.

No discurso da jovem, são constantes as menções aos prejuízos financeiros que causou à família e a uma amiga muito próxima, para adquirir drogas. Roberta evidencia um certo prazer ao relatar ter vendido quase todos os móveis e eletrodomésticos do apartamento da amiga, também dependente, para comprar drogas: “A gente *cheirou* os móveis do apartamento dela inteirinho. *Cheirou tudo*, ficou um colchão, e as roupas dela amontoadas e a geladeira, só. A gente *cheirou tudo*, televisão vídeo-cassete, cama, guarda-roupa, fogão, gás, bujão, máquina de lavar roupa, tudo”.

Roberta relata que o pai da amiga assumiu os gastos e os prejuízos da filha, remobiliou o apartamento, além de comprar-lhe uma loja comercial e um carro: “Mas o pai dela deu outro, o pai dela tem dinheiro, o pai dela deu um Audi para ela e uma loja no *Banana Shopping* e mais quatro mil reais. Em um mês, a gente conseguiu gastar quatro mil reais, só com boate, bebida e cocaína, maconha e mais maconha”. Roberta mostra-se arrependida com

o término da amizade, o que acredita poderia ter sido evitado o dinheiro gasto com drogas tivesse sido usado para abrir uma pequena empresa, o que significaria a sua independência financeira, ou para mesmo comprar um carro com a venda dos móveis.

Ao falar das quantias em dinheiro gastas com o consumo de drogas, Roberta demonstra algum arrependimento, declarando que atualmente não agiria dessa maneira:

“Meu pai tinha acaba de me dar a bicicleta, faltava duas prestações de duzentos reais, a bicicleta era caríssima, e eu fui lá e vendi ela por 250, o preço de nem uma prestação e faltava duas para ele pagar, coitado, mas hoje eu arrependo de tudo que eu fiz, nossa!”.

No dia da internação, Roberta, relutante, ingeriu uma grande quantidade de drogas e, por isso, chegou à *fazenda* muito agitada e agressiva, recusando-se a seguir as normas da instituição. No dia seguinte, quando o efeito da droga havia passado e se instaurou a depressão, Roberta cedeu e acatou o regulamento da *fazenda*: “Aí no outro dia que eles conseguiram que eu já estava em depressão foi totalmente diferente, só chorei o dia inteiro, deixei eles olharem tudo, olharam em mim tudo para ver tinha nada, só no outro dia”.

A disciplina na *fazenda* é rigorosa: “Sabe tem horário para tudo”. O descumprimento de qualquer regra implica expulsão do local. A permanência no local só acontece se o regulamento for obedecido: “É só falar eu quero ir embora, eles abrem o portão e deixam você ir, porque eles sabem que se eles não deixarem você ir o que eles vão ter lá dentro. Por que lá tudo é proibido”.

O relato de Roberta revela aspectos positivos do período de internação – voltou a cuidar de sua higiene pessoal, aprendeu a ter disciplina, a fazer trabalhos manuais e tarefas domésticas cotidianas, como lavar e passar sua própria roupa: “Foi bom, eu aprendi a fazer muita coisa, tipo lavar roupa, fazer comida, tem que aprender tudo, fazer tapete, fazer ponto cruz, fazer crochê, tricot, bijuterias”.

Ficar na *fazenda* permitiu a Roberta relacionar-se com pessoas, possibilitou-lhe um crescimento como ser humano, aprendendo a lidar com as diferenças e a respeitar o outro: “Aprendi a convivência com outras pessoas, que eu não conhecia que eu queria distância, eu tive que agüentar”.

A jovem avalia a sua passagem pela *fazenda* como um momento de sofrimento e de conquistas pessoais. A distância levou-a perceber a importância de seus pais para sua formação e a refletir sobre sua conduta de filha. Roberta assim se expressa: “Suportar ainda

muitas coisas de vontade de ir embora saudades da minha mãe do meu pai, fiquei lá foi muito bom”. Roberta tinha o intento de abandonar o uso de drogas, o que constituiu estímulo para continuar na *fazenda*, apesar de não concordar completamente com o regulamento do local: “Por que eu queria parar de usar droga”. Roberta tomou consciência das conseqüências negativas da droga em sua vida e a necessidade de fazer um tratamento terapêutico para começar a viver sem as drogas: “Por que tava me prejudicando muito, fisicamente, psicologicamente, familiarmente, sei lá tudo, tudo tava me prejudicando, tudo! Dando trela de droga, estava descontrolada”. Roberta assinala sentir prazer em usar droga e pondera sobre as conseqüências desastrosas para a vida do jovem que se torna dependente:

Droga é a melhor coisa que existe na face da terra (...), mas as conseqüências. É que destrói. Por que é muito bom, você fuma um, ficar tranqüila, relaxada, relaxa muita bem. Cheirar então, você dança a noite inteira, fica, conversa. Não tem vergonha de nada, é o valentão, não tem medo de nada. LSD também você fica muito ligado, dando trela, muito bom, só que e aí passa o efeito, e você compra mais você entra em depressão, não compensa.

Escola

A vida escolar de Roberta acontece em instituições particulares, o que assinala com orgulho, pois significa *status* social e demonstração de poder aquisitivo. A jovem diz não se lembrar de acontecimentos significativos quando cursava a primeira fase do ensino fundamental. Os relatos estão associados a transgressões cometidas por ela e sua turma, quando, por exemplo, furtaram cinquenta livros da biblioteca da escola em que estudava para comprar drogas, e seu pai teve que ressarcir a escola dos prejuízos: “Eu roubei uns cinquenta livros no meu colégio, meu pai teve que pagar os livros tudinho, porque o colégio ia dar parte na polícia”. Roberta evidencia os danos causados pelo consumo de drogas na sua vida escolar, como por exemplo, a transferência do colégio em que estudava: “Estudava no Maria Júlia, aí eu fui expulsa”. Aspecto relevante da vida social, sobretudo, para os jovens, é o sentimento de pertencimento ao grupo, e Roberta sofre por sentir-se excluída do ambiente escolar: “Todo mundo no colégio sabia que eu era drogada, virava a cara para mim, todo mundo distanciava”. O consumo de drogas levou Roberta a deixar os estudos, e ficar um ano e meio sem estudar: “O tempo que eu fiquei sem estudar era a época que eu cheirava, eu não tinha tempo para nada mesmo, só na cocaína”.

Ao falar do seu comportamento em sala de aula, Roberta declara sem constrangimento: “Eu durmo a aula inteira por que eu já sei de tudo, eles vão explicar da vontade de ensinar por que os professores falam errado”. Apesar de sua atitude descomprometida, a jovem acredita ser uma boa aluna: “Até que eu sou estudiosa, inteligente, mas escrever mesmo eu não escrevo”. As incoerências permeiam o discurso da jovem. Na mesma entrevista declara: “Só presto atenção na aula, meu caderno é todinho em branco”. Roberta considera a escola como agente de confirmação de *status* pessoal. Ingressar em uma universidade é aspiração da jovem percebida na declaração: “Eu quase passei para Radialismo na Federal [Universidade Federal de Goiás] agora, eu fiz oito pontos, faltou dois pontos para mim passar, e era 12 por vaga, eh! Eu quase passei”.

Quanto ao relacionamento com os colegas, Roberta assinala: “Converso com todo mundo da sala, eu faço amizade muito rápido, e também desfaço muito rápido”. Roberta quer mostrar-se sem máscaras, por inteiro, não parece estar preocupada em passar uma imagem de jovem que segue as convenções sociais. A jovem parece buscar incessantemente ser aceita como ela é.

Roberta considera que Química é a disciplina de que mais gosta, porém, não oferece maiores explicações sobre sua escolha. Declara que faltam três níveis para concluir o curso de Inglês em uma escola especializada, o que lhe habilitará lecionar a disciplina já que percebe sua aptidão pela língua estrangeira: “Só que eu não terminei o curso, fiz até o livro 7, falta o livro 8 e 9, e três livros para mim ser professora”.

A jovem ainda não definiu o curso de nível superior que pretende realizar, mas tem convicção de que deve entrar em uma universidade: “Vou fazer o curso inteirinho, vou prestar para Psicologia. Se não estiver bom, eu vou prestar de novo, aí eu vou prestar para Jornalismo, aí se não tiver bom também, sei lá, eu presto para Turismo, alguma coisa diferente”.

Roberta declara que tem maior facilidade por disciplinas da área de exatas, mas pretende realizar o exame vestibular para cursos da área de humanas. A jovem parece associar o gosto por algumas disciplina da área de exatas com as profissões que mais utilizam esses conhecimentos. A jovem acredita que as suas escolhas são incompatíveis com a sua aptidão, ainda que tendo consciência de que as profissões relacionadas à área de exatas não são compatíveis com o seu agir e sentir: “Eu acho que eu sou totalmente do contra sabe? Eu gosto de Química, Física, Matemática e eu não quero nada de Engenharia, Química, Física, não tem nada a ver comigo eu não me imagino em uma cadeira, fazendo, eu quero é outras coisas, sentar e conversar com alguém”.

Roberta define-se como uma jovem que tem boa relação interpessoal, motivo que a leva a cogitar a profissão de radialista: “Porque eu sou, sei lá, comunicativa. Eu gosto dessas coisas de televisão, rádio, fotografia também, curso de fotografia”. A escolha da carreira profissional que irá seguir por longos anos na sua vida parece deixar Roberta confusa, e nesse aspecto, parece concordar com a maioria dos jovens de sua faixa etária que está vivendo a situação de escolha da profissão: “Na verdade, eu nem sei ainda o que eu quero, eu queria mesmo era Radialismo, agora não tem, eu queria Psicologia, sei lá, Jornalismo, alguma coisa assim não tem não tem nada a ver com Psicologia e Jornalismo”.

Roberta considera que as campanhas de prevenção não podem desconsiderar a sensação de prazer causadas pelo uso de drogas, e que o fator de relevância na prevenção são as conseqüências desastrosas da dependência para a vida do drogadito, cujo aspecto deve ser mostrado por meio de depoimentos de jovens que usaram drogas:

Acho que tinha que mostrar o que é droga. Não é chegar lá e falar há droga é ruim não sei o que, droga, não presta, porque não é verdade. Droga é bom, é bom usar droga. É uma sensação boa, sabe você estar drogado, mas acho que tinha que falar do depois. Tipo mostrar, sei lá, levar alguém para dar depoimento que já usou droga, que ficou ate pior do que eu (...).

Ao usar a expressão “Tudo começa é no colégio, sempre tem um que dá a idéia, aí os que quer né vai lá”, Roberta evidencia a importância de a escola ter um projeto de prevenção estruturado, refletido e contínuo.

Trabalho

A dinâmica familiar ocorre envolvida no trabalho da casa lotérica. A atividade é percebida como um *negócio*, desenvolvido há duas décadas pelo pai, mãe e avó paterna: “Minha mãe tem loteria faz 22 anos. A gente tinha três, mas hoje só tem duas, uma da minha vó e uma da minha mãe. Antes meu pai tinha uma, aí, não tava dando conta porque era serviço demais, aí meu pai vendeu a dele”.

Roberta destaca com orgulho o ganho financeiro que a loteria fornece à família, mas, em razão da movimentação com quantias altas em dinheiro, as casas lotéricas têm sido alvo de constantes assaltos, o que deixa a família toda tensa, o que se justifica, também pelo acontecimento trágico que ocorreu com a mãe de Roberta. Às vésperas do nascimento dos gêmeos, há vinte anos atrás, a loteria foi assaltada e o choque provocou a morte dos fetos.

Esse acontecimento foi relatado pela mãe da jovem, evidenciando que o *negócio* familiar envolve riscos de vida que a família tem convivido durante esse período, o que motivou o pai de Roberta a buscar uma outra maneira de sobrevivência, nos EUA. Também, o negócio é bastante instável, com queda de lucros em alguns meses.

A jovem trabalhou por um curto período de tempo na loteria da mãe antes de ir para *fazenda*. Relata que foi uma fase muito difícil da sua vida, quando a dependência estava instaurada, e o seu envolvimento com a droga a impedia de desenvolver qualquer atividade e o seu agir era motivado pela procura de drogas: “Mas eu não fazia nada, dormia o tempo inteiro lá dentro, roubava o dinheiro da minha mãe, o que eu queria era farra”. Quando voltou a morar com sua família, Roberta encarou o trabalho com outra postura, com ênfase às suas conquistas, exercendo atividades em que é necessário o compromisso com o trabalho. Roberta acredita que isto se deve ao fato da mãe ter confiança na jovem: “ Já aprendi tudo fazer, de mega sena até o depósito, eu sei fazer”.

Em outro relato, Roberta fala da soma alta em dinheiro movimentada pela casa lotérica, e evidencia prazer em mencionar as quantias em dinheiro, apesar do risco que envolve trabalhar com altos valores: “Tem dia que tem sessenta mil reais na loteria. Tem lógica, sessenta mil reais? Só que agora, agora está até melhorando, porque o carro forte passa lá e pega o dinheiro, antes não passava a gente é que fazia o depósito”.

Lazer e grupo de pares e as dificuldades de recuperação

A jovem conta sua predileção por atividades noturnas, como conversas em bares, dançar em boate e o consumo de bebidas alcoólicas. Entretanto, a mãe realiza um monitoramento de suas atividades, buscando estabelecer horários e verificar as amizades da filha: “Eu adoro sair à noite, adoro sair para dançar, ir para boate, para bar, sentar, por que eu parei de usar drogas, mas eu bebo, não é todo dia, igual um alcoólatra. Minha mãe nem entende isso, hoje minha mãe é encucada comigo, é com isso”. Relata que, atualmente, diverte-se diferentemente do período em que usava drogas, que desfrutava melhor a noite para dançar, conversar com os amigos: “Adoro sair com os meus amigos, fazer farra, curtir, não do jeito que eu curtia antes, é muito melhor, porque antes, três, quatro horas da manhã, já não dava conta de nada, meu corpo não agüentava. Hoje eu vou a noite inteira, dançando, conversando”.

Ao participar de atividades de lazer, Roberta mostra seu descompromisso com regras, com limites que a mãe tenta estabelecer:

Sexta-feira, fui para Pirenópolis, só que eu falei para minha mãe que ia voltar domingo de Pirenópolis, só que eu voltei sábado e fiquei aqui na casa de uma amiga minha. Eu hibernei, fiquei até segunda-feira na casa da menina, minha mãe grilou, agora eu estou trabalhando de manhã, tô de castigo, das oito às seis.

O clima de dúvidas e desconfiança que a família vive, e em especial, a mãe, é percebido no relato de Roberta, ao explicar o fato de a mãe ter encontrado cocaína em meio aos seus pertences, durante revista que fez nos objetos, logo após seu retorno do programa de final de semana prolongado.

Perto do Goiânia Shopping tô tomando umas com amigos, de repente chega um cara das antigas, ele era amigo meu de época de droga de cocaína ele ‘tô vendendo da branca mais não tô vendendo brow, se você quiser eu tenho aqui’. Eu falei ‘não quero não’, e ele, ‘não mas vamos acender essa pontinha aqui’, aí ele enrolou o negócio e me deu. Guardei dentro da bolsa, guardei essa pontinha, e ficou uns seis meses dentro da minha bolsa, boto fé que nem prestava, minha mãe vai e acha essa pontinha, nossa senhora, ela destruiu a casa.

Esse acontecimento evidencia o assédio de amigos que não conseguiram abandonar o consumo de drogas sobre os que estão em recuperação. Roberta parece que consegue resistir à drogas, mas guardou a droga na bolsa, ficando evidente a pressão e a importância do grupo de pares na vida do drogadito.

Em outro relato, Roberta conta a sua dificuldade de resistir ao uso de drogas, e a facilidade de encontrar a droga nos bares, sempre presentes em seu lazer:

Acho que se eu ver uma carreira de cocaína eu fico louca, dá até dor de estomago, dá vontade, dá diarréia na hora de tanto que eu fico desorientada, eu vi uma vez num banheiro, eu fui no banheiro por um acaso, as meninas cheirando dentro do banheiro eu fiquei louca! Saí de dentro do banheiro e falei ; ‘meu Deus, eu tenho que ir embora, senão eu vou voltar lá.

A jovem relata com orgulho a sua influência positiva na recuperação de uma amiga que fazia uso de psicotrópicos e cuja dependência estava instaurada: “eu até tirei uma amiga minha de droga, que mora aqui chama Daiane, ela tava indo para o mesmo lado que eu boto fé que ela tava pior ainda, ela tava”.

Vestuário

Roberta assinala que, após a experiência na fazenda, mudou certos hábitos, como por exemplo, maiores cuidados com a higiene pessoal, o que, anteriormente, quase não existia, evidenciando o grau de degradação moral e psicológica que a dependência química conduz os indivíduos: “Assim, o jeito de vestir é o mesmo, mas agora a aparência é outra porque eu não estava importando com tomar banho, lavar o cabelo, essas coisas eu não importava muito não. Hoje eu sou nojentíssima, nossa!”.

O relato da jovem denota que suas preferências de vestuário não diferem dos jovens de sua classe social e faixa etária: “Eu compro na Psicodelic. Tem muita roupa bonitinha lá na C&A, na feira, nesses lugares assim. Não gosto muito de shopping, não. Shopping dá muita paciência”.

Perspectiva de futuro

Sobre a perspectiva de futuro, Roberta diz que pretende fazer um curso superior, mas não tem clareza na escolha. Também fala da sua vontade de administrar a casa lotérica, e que a família tem planos de se mudar para os EUA, onde o pai já está trabalhando como motorista de caminhão. Roberta quer ficar morando em Goiânia, fato que lhe possibilitaria administrar a casa lotérica, mas a mãe não permite, pela falta de segurança de se trabalhar no ramo que envolve grande movimento de dinheiro.

Atualmente, Roberta está em processo de recuperação, tem o acompanhamento de uma psicóloga e é capaz de avaliar sua situação, perceber os riscos de suas ações, o que permite inferir que algum limite foi internalizado, pois passou a sentir gratidão pelos pais e, atualmente, tem medo de perdê-los: “Eu tenho medo de muita coisa, de ficar sem minha mãe, sem meu pai, eu antes não estava nem aí, eu podia morrer que eu não tava nem aí, nossa hoje qualquer coisinha que acontece, eu fico louca!”.

O Jovem Carlos

O jovem Carlos tem vinte anos, mora com a família em um bairro situado na periferia de Goiânia. É o filho do meio de uma família composta por pai, mãe e três filhos. Fazem parte da família dois netos do casal – um filho de Carlos com três anos e uma sobrinha, também com três anos, filha do irmão mais velho.

A família tem uma dinâmica em que o pai é o provedor, e a mãe se dedica integralmente à família. Os dois irmãos de Carlos estão trabalhando e, nos últimos meses, ajudam nas despesas da casa. Carlos encontra-se em situação de desemprego há mais de um ano. A família conta, ainda, com a renda complementar dos aluguéis de duas salas comerciais construídas ao lado da residência da família. Carlos desenvolve um trabalho voluntário em um programa de atendimento à família e ao jovem dependente químico, *Amor Exigente* (AE). Ocupa a função de coordenador do grupo de jovens em recuperação da farmacodependência.

Carlos foi aprovado no último vestibular da Universidade Paulista (Unip) para o curso de Psicologia. O progenitor do jovem exerce a profissão de mestre-de-obras e não concluiu a primeira fase do ensino fundamental, e sua mãe chegou a cursar o primeiro ano do curso de Direito.

A família, as drogas e as experiências de recuperação

Nos relatos de Carlos, o consumo de drogas está associado ao relacionamento familiar. A família tem um funcionamento em que os filhos não conseguem sua individuação. Carlos e seu irmão mais velho educam seus filhos na casa dos pais. Nas lembranças de Carlos, estão fatos inusitados, como por exemplo, o acontecimento na época em que esse estava em tratamento na *Fazenda Senhor Jesus*, uma organização não-governamental ligada à Igreja Católica, que atende a jovens do gênero masculino, e na qual Carlos passou nove meses. A mãe do jovem, em dia de visita, comunicou a Carlos que havia levado para morar em sua casa a namorada dele. O jovem diz:

Quando eu fui pra fazenda, que eu me internei, eu me lembro que minha mãe chegou lá um dia e disse que tinha adotado uma irmã pra mim, e eu estranhei e ela pegou e falou assim – ‘Eu levei a Eloise lá pra casa’ que era a minha ex mulher, mãe do meu filho, só que mesmo assim, ela tentou que eu tivesse uma convivência com ela de irmão realmente, porque ela não tem filha mulher. Ela dormia no quarto e eu na sala, a partir do momento que ela ficou grávida, não tinha jeito de proibir, nós fomos ter uma vida de casal. A minha mãe agia, assim, porque não queria acordar e me ver no quarto com ela.

Ao ter alta da *fazenda*, Carlos retornou para a convivência familiar e, no mês seguinte, sua namorada engravidou-se. O jovem denomina a namorada de *minha ex-mulher*, a

qual permaneceu na casa com a família por mais três anos: “Eu fiquei com a Eloise um pouco mais de três anos”.

O relacionamento entre Carlos e seu pai parece difícil. Carlos queixa-se sobre o modo de agir do pai, considera-o ausente de casa, quase não tendo participado da educação dos filhos. É autoritário, impondo regras e limites por meio de coações. Essa explicação é utilizada como argumento para justificar a sua posição de sentir medo, mas não respeito. Carlos declara: “Ele sempre preocupou com os negócios, trabalho, quando chegava final de semana, era o jogo em beira campo. Não tinha tempo pra família, a maioria das vezes, ele me punha medo, não era respeito”. Carlos critica os pais, de uma maneira geral, por acreditarem que estão dialogando com os filhos, quando ocorre um monólogo, em que só o pai fala.

Segundo Carlos, os diálogos na sua família inexistem. Certa vez, o pai procurou o filho para ter uma conversa, com o objetivo de alertá-lo sobre os riscos que o consumo de drogas causam para a vida. Ao perceber a preocupação do pai, o jovem sentiu-se motivado a comprovar a veracidade ou não do fato. Carlos assim se expressa:

A minha família nunca teve hábito de conversar comigo sobre sexo, sobre drogas, sobre política, sobre nada. Então, uma vez que meu pai chegou pra mim para *falar* que droga era ruim, que não prestava, que fazia isso, que fazia aquilo, ele despertou a curiosidade pra saber porque a droga era ruim.

O consumo de drogas teve início quando Carlos estava com dez anos e permaneceu até seus 15 anos. No seu grupo familiar, o irmão mais novo continua a usar drogas, mesmo depois do tratamento na *fazenda*. Duas tias maternas e um primo, também fazem uso de drogas. É um grupo cuja faixa etária varia entre dez e 12 anos, portanto a diferença entre um e outro era no máximo de dois anos. Carlos declara: “Eu só usava drogas com pessoas da minha família, onde estava envolvido meu irmão caçula, um primo e duas irmãs da minha mãe”.

O jovem evidencia conhecer os efeitos provocados pelo consumo de drogas no organismo, e que as consumiu por um período relativamente extenso – cinco anos de uso intenso. Em razão de sua experiência pessoal, e pelo trabalho voluntário com jovens em recuperação do grupo do AE, entende que o diálogo com o drogadito é difícil, por causa das alterações do seu estado psíquico: “O diálogo independente da família é muito difícil. O dependente geralmente não dá espaço”.

O jovem tem a crença de que a dependência química é uma doença congênita, evidenciando a influência do AE na sua formação. Com esta compreensão, ele teria herdado de sua família a dependência química, o que justifica a existência de vários drogaditos entre seus familiares. Carlos relata que sua mãe experimentou e seu pai usou drogas, e, atualmente, consomem bebida alcoólica. O jovem declara: “Minha mãe já experimentou e não gostou, meu pai já usou, apesar de que hoje eles são alcoólatras”.

Carlos assinala que a família não percebia o consumo de drogas dentro de casa, mesmo sendo feita por vários indivíduos. O jovem relata:

Foi muito difícil deles perceberem, demorou muito tempo, pelo seguinte; tanto eu como meu irmão e os meus primos. Então, quando nós começamos a usar drogas, na percepção deles nós estávamos na fase de entrar em adolescência depois na juventude. E é uma fase que leva o jovem a procurar festa, sair de casa a se integrar na sociedade. Nos reuníamos, eu meus primos, meu irmão íamos pra uma festa, eles achavam que era coisa de amizade.

“Eu consegui esconder da minha mãe do meu pai quatro anos”, afirma Carlos, e que conseguiu evitar que a família percebesse que consumia drogas pelo seu modo de agir discreto. Não vestia roupas que poderiam caracterizar o consumo de drogas e mantinha suas atividades cotidianas, enfim, não tinha um estilo de vida peculiar dos drogaditos:

Porque tem dependente de droga que usa, digamos, roupa propriamente do dependente que é bermudão e toca. É cor escandalosa e cheia de badulaqueira pelo corpo. Eu já era mais discreto, eu era do tipo de dependente que eu me vestia como um filhinho de papai da sociedade goiana.

Carlos avalia o vínculo entre ele e seus pais, contando o seu agir inconstante, com agressões e afetividade. O jovem assim se expressa: “Os meus pais sempre lutaram muito comigo, eu sempre fui o filho mais ignorante, mais explosivo, mais nervoso, mas também o mais carinhoso”.

Por ter iniciado o consumo ainda com dez anos de idade e consumido drogas por um período de cinco anos, cometeu diversas transgressões, como roubo, seqüestro e porte de arma. Carlos atingiu *o fundo do poço*, e nesse período, sua família mobilizou-se e buscou ajuda no grupo do AE.

Por intercessão do coordenador do grupo de jovens do AE, Carlos conseguiu a liberdade condicional, com a condição de fazer o tratamento na Fazenda Senhor Jesus. Carlos foi para a *fazenda*, por uma imposição da justiça, e não se adaptou formalmente. O jovem declara: “Lá eu lutei contra, tentei resistir contra a fazenda, contra a me adaptar a idéia do prazer da droga”. Mas acabou por aceitar o tratamento da *fazenda* e diz: “E lá dentro me conscientizei, a espiritualidade, o poder superior de algumas pessoas de poder tá tocando a gente, tentando mostrar a realidade, e foi por aí que eu comecei”.

Carlos percebe os vários e diferentes aspectos que compõem o agir do drogadito. De uma maneira geral, a busca pela droga denota a necessidade de manifestar a sua onipotência, o seu pensamento ambíguo, a fuga da realidade, a crença de que a droga possibilita a liberdade. A percepção imediatista da realidade conduz o jovem drogadito a acreditar que só existe prazer ao consumir drogas, e não compreende que são momentâneos os prazeres que a droga lhe proporciona, os quais se transformam em armadilha para a juventude atual.

Em mundo globalizado, os jovens vivem em um país de altos índices de desemprego, com a degradação crescente do meio-ambiente, em que as relações interpessoais estão se distanciando da solidariedade, da compreensão e respeito mútuos. Carlos ressalta os supostos efeitos positivos da droga: “Droga seja, ela qual for, ela desinibe a pessoa. Essa pessoa é vergonhosa, chega um certo tempo que ela já não tem mais vergonha. A droga põe o dependente que era caldinho a colocar suas opiniões”. A apologia à droga termina quando se verifica que a forma do drogadito expressar suas opiniões é muitas vezes agressiva, impedindo o diálogo, e por conseqüência, torna-se uma conversa inócua: “Tanto é que a opinião do dependente ela é aberta, ela é escancarada, rasgada, ela não é aquela questão de um diálogo da maneira que ele tá sentindo, ele chega e expõe, se a sociedade não souber entender, é onde começa a fase de discriminação”

Carlos confirma que usava drogas para esquecer os eventuais problemas da existência humana: “Que nós usamos falar – ‘eu vou esquecer de problema’ – só que passou o efeito, o problema volta, é uma ilusão por dependente achar que fumou acabou o problema. Mas, é uma forma que nós usamos pra poder esquecer é uma fuga, é uma fuga a droga”. Também, confirma o aumento da agressividade do usuário de drogas: “Independente de estar sobre o efeito ou não, porque, a partir do momento que eu comecei a usar drogas, com certeza, a minha tendência é ser um pouco mais violento”.

Carlos assinala que o uso constante e freqüente de drogas propicia ao drogadito uma sensação de liberdade não-experimentada por ele anteriormente, e ele se sente independente

das imposições de sua família, sobretudo, no aspecto de aceitação de disciplina, regras e limites.

Carlos declara que a convivência no grupo de drogaditos é perpassada pela competição. Existe uma necessidade de auto-afirmação, um exibicionismo que impede uma relação de companheirismo, o que não significa, porém, que os jovens de um mesmo grupo delatem para os pais ou polícia o consumo de drogas dos colegas. O relacionamento com muita competitividade evidencia outro aspecto da drogadição – a impotência do jovem perante a existência humana, mostrada por meio da onipotência. Uma sociedade que prioriza os valores materiais e, portanto, efêmeros, produz no jovem a necessidade de *aparentar ser o que realmente não é*, em essência. Carlos afirma: “É achar que é o bom, o problema nosso é esse, é achar que é melhor que todo mundo, agora não preciso mais de ninguém, eu consigo fazer sozinho”.

Carlos comenta como era fascinante correr riscos, o que o fazia sentir vivo e, se por acaso o consumo de drogas vier a ser regulamentado, não há motivação para consumi-la. O jovem confia que com o prolongamento do tempo de uso de drogas, os seus efeitos são diminuídos, e o usuário sente bem menos a sensação de correr riscos. Para Carlos, reduz-se a *adrenalina*, momento em que o jovem busca outras aventuras, contravenções mais arriscadas, como seqüestro e roubos a mão armada:

Mas, logo quando eu comecei a roubar ainda eu usava, roubava, comecei dentro de casa. Mas, chegou um certo ponto que não tinha mais adrenalina tinha acabado, então, tinha que busca fora ... foi a onde eu comecei a roubar supermercado, eu comecei a passar pra outras coisas mais grandes. Já cheguei a roubar carro, fui preso com 15 anos de idade por assalto a mão armada e seqüestro, com 15 anos de idade, eu não, num me esqueço disso também.

Carlos revela sua permanente reflexão sobre o significado da vida, e, com vinte anos, apresenta ampla vivência que lhe possibilitou seu desenvolvimento pessoal. Ao falar sobre as dificuldades de abandonar o uso de drogas, Carlos assim se expressa:

Eu falo que parar de usar droga é menos difícil que a questão dos defeitos de caráter que, eu vou conviver com eles o resto da minha vida, mentira, preguiça, comodismo, não querer trabalhar, não assumir responsabilidades, não querer enfrentar problemas. Ficar ali só no cantinho só usando é defeito de caráter grande. Orgulho, egoísmo,

então por isso que eu digo que é mais difícil largar os defeitos de caráter que a própria droga.

Na concepção de Carlos, o uso de drogas acontece em razão de falhas de formação moral dos indivíduos. A maioria dos drogaditos, segundo Carlos, não consegue viver sem algo que amenize a realidade, e o uso de psicotrópicos causa alterações que possibilitam alguns momentos no mundo idealizado.

Há três anos, desde que saiu da *fazenda*, Carlos desempenha a função de coordenador do grupo de jovens *Nova Esperança*, do AE. Eleito pelo grupo, o jovem evidencia satisfação em exercer esta função e a faz com dedicação. O discurso de Carlos sobre as drogas denota a influência dos preceitos transmitidos pelo grupo do AE na sua formação. A crença de que ele é portador de uma doença é um aspecto dessa forte influência, e em sua vida, o pouco lazer e o grupo de amigos giram em torno do AE.

Carlos também considera que a droga não é ruim, as consequências para a vida do drogadito é que são nocivas:

Então, o que acontece a droga em si ela não é ruim. O efeito dela não é ruim, porque ela dá alucinação, ela faz você viajar. Eu sou contra o processo de prevenção ser usada a fala de que droga é ruim. Droga não é ruim, ela tem que ser vista sem máscara, droga é bom. Mas, o ruim dela são suas consequências.

O jovem acredita que o drogadito comete roubos, a partir do momento que a família descobre o uso de drogas pelo filho e começa a *regular* o dinheiro. Então, o jovem não tem outra saída para obter a droga senão por meio de transgressões:

E se a família souber, ela não vai dar mais dinheiro, ela não vai mais facilitar. Então, o que vai levar esta pessoa a atrair seu consumo de droga, ou ele vai roubar, ou ela vai ter que conseguir trabalhar e usar pra poder manter o seu vício, ou ele vai servir de aviãozinho.

‘Carlos mostra-se decidido a não voltar a usar substâncias psicoativas, evidenciado na declaração: “Se eu tiver uma recaída e, se tiver no inferno, eu abraço o capeta, e aí eu vou usar até morrer, não quero mais saber de recuperação”. O jovem assinala as experiências por

que passou com envolvimento em atos delinqüentes, e só com o trabalho realizado na *fazenda* pôde perceber que sua vida estava se degradando.

Parei de usar quando foi preso, e minha mãe já estava deprimida, através do grupo fomos mandados para a fazenda. Lá tentei resistir contra a fazenda, mas lá me conscientizei. A espiritualidade o poder superior de algumas pessoas de estar tocando a gente, de estar mostrando a realidade.

Trabalho

O jovem Carlos vive com muita angústia a experiência da procura de emprego, em um mercado de trabalho cujas vagas são escassas, e por esta razão, também as exigências de qualificação da mão-de-obra são redobradas. O precedente uso de drogas agrava a sua situação. Carlos relata a procura por emprego desde que concluiu o tratamento na *fazenda*:

Logo que eu saí da fazenda, eu passei por um momento difícil de discriminação, eu ia num lugar arrumar um serviço, e muitas das vezes, a pessoa te pergunta se você já usou drogas, já bebeu, ou bebe, a pessoa virava e falava - 'olha, seja verdadeiro'. Por duas vezes, eu tentei ser verdadeiro, e não deu certo, porque a pessoa fala que pode confiar, mas ela nunca confia e tem muito também - 'ah, faz a ficha depois a gente te liga' e nunca liga.

Carlos conseguiu uma colocação em uma das lojas de uma rede de supermercado, na função de caixa, por meio de um acordo firmado entre um dos sócios da rede e o Frei Hans, o coordenador de uma *fazenda* de recuperação masculina, localizada no município de Campinas, estado de São Paulo. A referida *fazenda* produz gêneros alimentícios que são comercializados também pela rede de supermercados. O empresário foi seminarista, época em que estabeleceu amizade com Frei Hans, razão da colaboração da rede de supermercado com a organização não-governamental dirigida por Frei Hans.

Mesmo com essas condições, o jovem foi despedido do emprego, não conseguindo outra colocação desde então. Carlos queixa-se que o uso de drogas no passado deixou estigmas, que a sociedade não lhe dá uma oportunidade para mostrar que está recuperado. O jovem declara:

Então, eu trabalhei, há pouco tempo atrás num supermercado, o Bretas, que tem um contrato com uma fazenda terapêutica, Frei Hans, e eu entrei nesse contrato, trabalhei

lá por nove meses, até a minha encarregada implicar comigo, porque ela ficou sabendo que eu usava drogas, porque a gerência da loja sabia do meu caso todo, não dito por mim, mas justamente por causa do contrato, eles tiveram que ficar sabendo, e ela acabou conseguindo. Quando foi trocado a gerência da loja, me mandou embora, então, agora em fevereiro, dia 2 de fevereiro, já [fez] um ano que eu não consigo mais arrumar emprego, eu tô lutando, to correndo atrás.

Carlos considera a sua persistência e perseverança como uma *pirraça*, uma teimosia. Não as percebe como algo positivo, que o conduz a superar seus próprios limites. Na expressão de Carlos: “Quando eu coloco uma coisa na cabeça, eu tenho que ir até a hora que eu vejo que o meu limite acabou”.

O jovem faz trabalhos domésticos em sua casa:

Cozinheiro, arrumo casa, tem dia que eu faxino casa, porque eu não to trabalhando fora uma coisa que mesmo trabalhando fora ou não, eu gosto de tá fazendo, porque a partir do momento que eu parei de usar droga, eu me tornei muito exigente, principalmente comigo, eu gosto das coisas bem arrumadas.

Os relatos de Carlos evidenciam dois momentos de sua vida bastante diferenciados – um quando fazia uso de drogas, e o atual, que o jovem denomina *estar limpo*, ou seja, não faz uso de drogas. Quando ajuda a mãe nas tarefas cotidianas da casa, o faz com prazer, porque se sente bem com a casa organizada e limpa, o que anteriormente não acontecia. Carlos conta que, ao arrumar a casa para mãe, por exemplo, havia a intenção de agradá-la para ocultar o consumo de drogas, ou, talvez, por se sentir culpado, o que o jovem percebe como uma manipulação: “Antigamente, eu limpava casa, ou cozinhava, ou lavava vasilha, pra manipular minha mãe, porque, na maioria das vezes, eu chegava sob efeito de drogas, então, eu lavava alguma coisa pra poder despistar”. A importância da *fazenda* em sua recuperação, com o aprendizado da disciplina e realização de trabalhos domésticos, evidencia-se na declaração: “Só que eu fui pegando o gosto quando eu me internei por ser uma fazenda só de homens, nos tínhamos que aprender a lavar roupa, então aprendi a gostar, agora de cozinhar sou apaixonado”.

O progenitor de Carlos tem a função de provedor da família e, segundo relatos do jovem, não permitia que a mãe ou os filhos trabalhassem:

Eu não tinha o costume de trabalhar, meu pai não deixava, não aceitava porque ele investia o máximo na gente, pra gente estudar, e ser alguém na vida, e mesmo na idade de 15, 16, 17 anos, se eu trabalhasse, eu não teria muita opção pra tá estudando, que é uma coisa que exige muito tempo, não adianta só estudar no colégio.

Carlos fazia alguns *bicos* com o pai, no período anterior à sua passagem pela *fazenda*, ajudando-o no bar que montara em uma das salas construídas ao lado da residência da família. O jovem não considera como um trabalho a ajuda prestada ao pai: “Antes [do período de internação na *fazenda*] eu não havia trabalhado, eu não tinha o costume de trabalhar, meu pai não deixava ele investiu o máximo na gente para estudar”.

A vida do jovem apresenta algumas singularidades, talvez em razão do consumo de drogas. Por exemplo, logo que terminou o tratamento na *fazenda*, Carlos conseguiu uma vaga de garçom em um restaurante, permaneceu empregado até o dia em que um cliente do estabelecimento o reconheceu e denunciou para o proprietário o uso anterior de drogas feito pelo jovem.

Nesse momento, Carlos buscava reestruturar sua vida, foi a época de usufruir o seu salário comprando objetos de uso pessoal: roupas, calçados, CDs e outros. O jovem conta: “Depois que eu parei de usar droga, esse emprego de 45 dias, que foi quando eu saí da fazenda, comecei a comprar minhas coisas, a comprar roupa, calçado, porque você entra na fase juvenil, então exige muito, porque todo jovem tinha que andar bem arrumado”. Nesta época, a sua namorada engravidou-se, e o jovem passou a ter despesas com a gravidez e, depois, com o bebê. Mesmo com a ajuda do pai, o salário do jovem não cobria as despesas com uma criança: “Meu salário ia todo pra ele e não dava, eu ganhava duzentos reais, uma criança, um bebê, gasta bem mais do que isso”.

Não restou outra opção para Carlos, após a demissão do emprego, senão o trabalho voluntário de coordenador do grupo de jovens do AE, que ele realiza com grande empenho e dedicação:

Eu comecei com esse trabalho voluntário há mais ou menos três anos e meio atrás, logo quando eu saí da fazenda, e eu comecei com NA, Narcóticos Anônimos, aonde eu fundei um grupo, que infelizmente, um ano depois ele teve que ser fechado, e logo depois disso eu comecei como vice-coordenador, do Grupo Nova Esperança, de jovens, da matriz daqui de Goiânia, primeiro grupo aberto. De vice-coordenador eu fui eleito pelo grupo, coordenador geral, e isso tá fazendo agora dia 13 de março, tá fazendo três anos que eu tô lá, minha função e de coordenador.

Carlos demonstra orgulho ao relatar que uma de suas funções como coordenador do grupo é esclarecer que a drogadição é considerada uma doença, segundo os pressupostos teóricos, nos quais o AE pauta a sua atuação:

Eu tenho que tá explicando minha doença também, é uma coisa que eu gosto de fazer, eu invisto, eu vou em cursos, eu participo de cursos, eu tô me preparando pra um curso agora em Londrina, um Congresso Nacional. Porque eu tô fazendo de graça, você não recebe dinheiro, mas outras coisas você recebe demais.

Entretanto, a situação de desemprego angustia Carlos:

Eu tenho que tá fazendo alguma coisa, porque eu não dou conta de ficar parado, me incomoda, eu não me sinto bem, chega uma hora que a casa fica pequena, minha mãe também conversa demais da conta, então, mãe é a coisa melhor do mundo, mas é a mais chata que tem, também.

Carlos não trabalha como seus irmãos o fazem. O pai não tem medido esforços para assegurar ao jovem oportunidade de estudar. Por ocasião da primeira entrevista, Carlos preparava-se para os exames vestibulares, e relata:

Lá em casa quem trabalha é meu irmão mais velho e o caçula, só que quem sustenta a casa mesmo é meu pai,. A partir do momento que começou a mudar a situação, a compra que é feita em casa todo mês, quem paga são os dois irmãos o mais velho e o mais novo. Eu não tô trabalhando, porque até na fase de preparação pro vestibular exigiam muito, eu tô terminando o segundo grau [ensino médio], eu não fiz nenhum cursinho, já prestei vestibular de cara, então eu tinha que tirar, praticamente 24 horas do dia exclusivo pra tá estudando, preparar pro vestibular, então foi uma fase também que ele [pai] me pediu pra poder esperar, e que eu deixasse o serviço de mão, não continuar procurando até passar no vestibular.

Escola

Ao ingressar em universidade particular pelo concurso do exame vestibular do ano de 2002, a expectativa de Carlos era que o curso de Psicologia permitiria seu regresso no mercado de trabalho, em uma posição mais privilegiada, em termos de remuneração e função.

Também, possibilitaria a recuperação de sua auto-imagem – ser aceito e respeitado pela sociedade, o que, nesse momento, parece ser a grande busca do jovem:

Acredito que é uma das coisas mais importantes hoje na parte social na vida de um ser humano, eu creio que os estudos tá entre o segundo, terceiro lugar, umas das coisas mais exigidas hoje, você vai arrumar um serviço você tem que ter grau de escolaridade.

Na perspectiva de Carlos, o estudo lhe permitira *ser alguém na vida*, razão que o motiva estudar. Carlos confessa, porém, não gostar de estudar. O jovem argumenta:

Porque eu não gosto de estudar, eu tenho pavor de Matemática, Inglês, Português, eu estudo praticamente quase obrigado, porque se eu não estudar, eu não vou ser ninguém na vida, o que me leva a estudar, o que me estimula a estudar é isso.

As lembranças da primeira fase do ensino fundamental, em sua maioria, são de transgressões praticadas por ele, as quais denotam que se tratava de uma criança que brincava, conversava e que, muitas vezes, brigava com algum colega. Um aluno que, às vezes, incomodava o professor com sua participação ativa. O jovem tem uma autopercepção amarga, sempre se rotulando com adjetivos negativos: “Eu dava muito trabalho, Eu tinha acompanhamento de psicólogo, quase todos os dias, porque eu dava muito trabalho. Eu não era normal. Todo mundo falava que eu não era normal, então, desde criança, eu tinha acompanhamento psicológico”. A fala anterior de Carlos mostra o quanto ele introjetou os rótulos recebidos configurando uma auto-imagem negativa, desqualificando-se.

Algumas recordações da primeira fase do ensino fundamental evidenciam que, apesar dos aspectos negativos do agir do jovem, havia uma qualidade – a criatividade – que, tudo indica, não estava sendo encaminhada de maneira a aproveitar o potencial criativo do jovem quando criança. Carlos assim assinala: “Eu dava trabalho, mas era criativo, por isto eu ficava num canto isolado das pessoas”.

O jovem relata um acontecimento em sua vida escolar, que impressiona pela crueldade com que Carlos foi castigado, mostrando que a escola ainda utiliza métodos antiproducentes para educar seus alunos:

Lembro que uma professora me colocou de castigo, em pé e de braço esticado e colocou os alunos, um por um para passar me dando um tapa no rosto. Porque eu havia dado um tapa no rosto de uma menina.

Sua vida escolar, em sua maioria, ocorreu na rede de ensino particular. Somente a quinta e sexta séries foram cursadas em escola do ensino público, período em que Carlos iniciou o consumo de drogas: "Eu fiz a quinta série, já tinha começado a usar droga, dei muito trabalho nesse colégio também". As lembranças deste período são associadas ao uso de drogas, às discussões em sala de aula com professores, às transgressões cometidas em companhia dos primos: "Até chegar discutir com o professor, bater porta, pulava muro, aprontava com todo mundo, polícia ia bater lá na porta me procurando, isso eu era menino, tinha 11 anos e não era só eu, tinha primos, a gente tava sempre em turma". A partir da sexta série, em outra escola pública, o jovem começou a fazer parte de grupos fora da família. Carlos relata:

Lá eu também dava trabalho, fumava dentro da sala, fumava maconha dentro da sala, não tava nem aí, dei muitos problemas, saía na porta usando, chegou uma certa época que ninguém mexia comigo, que tinha medo, eu andava nesse colégio no meio de turma, então ninguém mexia comigo, eu tinha começado a me enturmar. Eu comecei a sexta série, no começo do ano, e, em abril, eu fui preso, foi quando eu fui preso, fiquei um mês preso e fui pra fazenda.

Ao concluir o tratamento na fazenda, Carlos retomou os estudos, realizando o supletivo da segunda fase do ensino fundamental, o primeiro ano do ensino médio e, em seis meses, começou a se preparar para o exame vestibular.

Carlos pretende fazer o curso de Psicologia, mas a universidade em que foi aprovado no exame vestibular é particular, com altas mensalidades. Seu pai tem a renda restrita ao compromisso com a família, adicionada com a despesa com os dois netos que moram em sua residência. Carlos manifesta sua angústia:

Porque meu pai não dá conta de pagar a faculdade só, e eu não fico em casa parado, eu já fui na OVG vê se eu arrumo bolsa, eu não sou do tipo de pessoa que quer as coisas, que planeja o futuro, mas fica em casa sentado no sofá, com a perna esticada numa mesinha e assistindo televisão, eu vou atrás.

Sobre a perspectiva da prevenção, Carlos tece críticas: “Na escola geralmente os educadores chegam a ter medo, a única coisa que vi de prevenção na colégio é cartazes pregados. Não se escuta professores falar sobre isto”. Aprofundando suas críticas ao ensino de uma maneira geral. Carlos comenta:

A educação só de livros, só matéria, deveriam se preocupar com as questões sociais. Deveriam entender essas pessoas, ao invés de ficar com medo, porque dependente não é bicho. Infelizmente o ser humano só fala depois que já aconteceu. Não existe prevenção com quem nunca usou.

Lazer e preferências musicais

As preferências musicais, nos relatos de Carlos, referem-se a dois tipos distintos de gênero musical. Aparecem as preferências do período em que fazia uso drogas, em que predominavam as músicas de conjuntos de *rock* e que ainda permanecem, e as do atual momento, em que o jovem afirma ser fã incondicional de forró e músicas evangélicas. Quanto ao lazer, o jovem considera que, na sua vida, quase não existem atividades de lazer e que não gosta de praticar esportes:

Eu não tenho muito lazer, porque eu não gosto de estar praticando esporte, que é um lazer que é bom também. O que eu gosto mesmo de fazer é escutar música, assistir televisão, mais esse tipo de coisa. E o tipo de música que eu gosto, por incrível que pareça, é forró, eu sou apaixonado, eu gosto de música dessas bandas assim, digamos, mais revolucionárias, Planet Hemp, porque tem algumas músicas que serve como mensagens, mas o meu forte mesmo é forró.

Carlos considera que as letras de algumas músicas de grupos de *rock* que consomem drogas estão alertando para os riscos que envolvem a dependência de drogas, e também, constituem forma de protesto contra a sociedade, tida como hipócrita, ao negar os problemas que existem e rotular os drogaditos como sujeitos incapacitados, ou até mesmo doentes. Carlos não se dá conta de que o próprio grupo do AE os considera doentes e que essa é uma maneira mais amena de tratar o fenômeno complexo da drogadição:

Porque essas músicas do Planet Hemp, Cirurgia Moral, elas envolve muito drogas, e tem horas que a sociedade critica, mas se você for parar e analisar a música, muitas das vezes, ela não tá estimulando a pessoa a usar drogas, ela tá alertando pra não usar,

tem músicas deles que realmente estimulam, mas tem músicas deles que é tipo abrir os olhos das pessoas, tá mostrando a realidade do mundo como tá, e a sociedade acaba discriminando, porque, quando você começa a mostrar a realidade da sociedade, o bicho pega.

A experiência do AE e a questão religiosa

Os preceitos religiosos do AE são constitutivos de sua formação como sujeito. Ele aceita os pressupostos teóricos filosóficos no AE sem se opor, sem questionar a sua veracidade, suas inconsistências, seus dogmas. Na *fazenda* e no seu trabalho voluntário no grupo de jovens do AE, Carlos conseguiu sentir-se aceito e respeitado, portanto, não faz contestações, e o sentimento que predomina nele é o da gratidão pelo AE, por ter salvo a sua vida:

A mudança, o papel nela na minha mudança foi o principal, porque, apesar de eu ter lutado pra não parar de usar droga, porque eu fui pra fazenda obrigado, eu lutei um bom tempo pra não parar, até eu me conscientizar que eu tinha que parar, eu sentia que Deus não largava do meu pé. Ele ficava no meu pé o tempo inteiro, e usando também pessoas pra tá me ajudando, eu não estaria bem hoje, há quase cinco anos. O alicerce espiritual foi o principal, porque, em primeiro lugar, eu sempre coloco Deus, seja feita a vontade Dele, o que ele achar que é o melhor pra mim.

A influência dos valores transmitidos pelo AE evidencia-se ao explicar o conceito de *poder superior*, aceito pelo grupo do AE:

O meu poder superior é Deus, lá no grupo, nós costumamos dizer nós somos um grupo ecumênico. Não nos interessa a religião da pessoa, o importante é que cada um tenha um poder superior, acho religião importante, mas acho mais importante pra mim, e a espiritualidade, e buscar Deus.

A avó paterna de Carlos era evangélica, e seus pais, segundo o jovem, não são adeptos de nenhuma religião. Carlos assim relata: “Minha avó era evangélica – Assembléia de Deus. Mas meu pai e minha mãe não freqüentam a Igreja”.

Perspectiva de futuro

Carlos realmente tem como projeto de vida cursar a universidade, especificamente o curso de Psicologia, e para tanto, tem laçado mão de todas as possibilidades. Conseguir um emprego aparece como um de suas prioridades: “Meu sonho no momento é fazer faculdade, e me formar. E seria bom também arrumar um bom emprego”. Acredita que tem aptidão para exercer a profissão de psicólogo, pela sua atuação como coordenador do grupo de jovens do AE. Na visão do jovem, o trabalho voluntário permite-lhe atuar na área de maneira leiga, mas ele pretende adquirir conhecimentos científicos:

Eu faço no trabalho voluntário, nele eu praticamente sou um psicólogo, eu só não tenho diploma, mas o trabalho que eu faço já é de psicólogo, muitas vezes não diretamente, no grupo, mas fora em palestras, de fazer abordagens, de conversar com dependentes, eu tenho esse sonho de fazer esse curso, de ser psicólogo.

O jovem relata, também, suas angústias diante de um futuro sobre o qual ele próprio tem dúvidas quanto à realização de seus projetos – se conseguirá concluir o curso de Psicologia e conquistar a sua independência financeira. Carlos assim se expressa:

Eu falei, me formar, poder planejar meu futuro, e ser feliz, ter um pouco de paz interior, porque hoje em dia eu não tenho muita paz, porque as dificuldades são muitas, os problemas, são muitos, então eu acho que me formando, começando a me controlar, minha vida financeira, a me sustentar como ser humano, como eu preciso. Aí, eu vou me sentir melhor, vou ser mais independente, e uma coisa que eu planejo pra mim, ser mais independente, não por orgulho, mas é uma coisa pessoal, que eu tenho certeza que eu vou me sentir melhor, de saber o que eu posso fazer o que eu não posso, que hora que eu devo chegar em casa, que hora que eu não devo, porque eu respeito muito porque eu respeito muito a casa dos meus pais, mas além desses objetivos e ser feliz, não que eu não seja, eu sou muito feliz, mas, ser feliz cada vez mais.

A perspectiva de futuro do jovem Carlos evidencia que a juventude apresenta aspectos comuns, e a individuação, a busca pela independência financeira conquistada por meio da profissionalização assumem esse posicionamento. Ao falar dos seus planos para o futuro, aparece uma desobediência aos preceitos filosóficos do AE:

Embora o AE [diz] que a gente deve viver só por hoje, a gente acaba planejando o futuro. Eu não peço a Deus para ser pobre ou rico, para ser milionário, só penso em uma vida digna e honrada. Eu passei no vestibular da Unip, fiz matrícula até sem ter dinheiro.

Carlos revela que seu maior medo é perder seus familiares, em especial o filho e a mãe. Relata que ao entardecer, por volta das seis horas, ele é acometido de uma profunda angústia, e momento, pelo medo da própria morte :

Eu tenho muito medo de morrer, eu tenho muito medo ainda mais, de perder meu filho, ou minha mãe, antes de mim. Que é uma coisa que eu não sei porque, só cabe a Deus, só ele que sabe , mas é claro, eu tinha que ter medo de tá vivo.

Carlos assinala que o aumento da violência e do consumo de drogas o aflige, lhe causa medo: “Porque, violência anda tão, grande, anda expandindo com uma certa facilidade, a droga anda tão a olhos nus aí, a vista né, que eu tinha que ter medo de tá vivo, de andar na rua e poder levar um tiro”.

Jovem Hélio

Hélio tem uma história de vida com algumas especificidades, que não são diferentes de milhares de jovens de origem pobre, cuja mãe se engravida do namorado, o qual não assume a paternidade. A mãe, então, entregou a educação do filho a uma de suas duas irmãs, que é casada, com três filhos. Hélio tem 19 anos. No momento, mora na *casa-dia*, no qual realiza um trabalho voluntário em que exerce a função de coordenador.

A *casa-dia* é uma instituição não-governamental fundada por um grupo de pessoas da sociedade civil, com o objetivo de proporcionar tratamento terapêutico, como atividades de artes, aos jovens drogaditos. A casa atende a jovens dos gêneros masculino e feminino, concomitantemente, durante o dia todo. À noite, a maioria dos jovens vai para sua residência e retorna na manhã seguinte.

Após o encerramento das atividades, por volta das 18 horas, Hélio frequenta a escola, retornando para dormir na *casa-dia*. Permanece na casa nos finais de semana, saindo para visitar seus familiares ou para alguma atividade de lazer com os amigos.

As relações familiares

Hélio morou com uma tia materna a partir dos dois anos de idade. O jovem declara que, quando criança, a família lhe explicava que sua mãe havia entregue a sua educação a uma de suas tias, por dificuldades financeiras. Hélio chega a concluir, por meio de deduções, e após escutar as histórias da família, que sua mãe havia optado entre ele e um companheiro. Hélio evidencia sofrimento ao relatar o acontecimento:

Ela casou com um rapaz (...) Porque o pessoal lá de casa me falava (...) Ela me falava que não me criou, porque não tinha condições pra me criar. Mas aí, eu descobrindo tudo, um pouquinho aqui, um pouquinho ali, que não é que ela não tinha condições de me criar. É que ela tinha arrumado uma outra pessoa. Ela foi e não quis assim...

A mãe do jovem teve um relacionamento após o nascimento do filho, e o companheiro não permitiu que a criança viesse a conviver com o casal. O jovem fala sobre o ex-companheiro de sua mãe: “Ele falou assim: ‘olha, se for pra mim ficar com você, eu não aceito que você leve o Hélio’. Aí, no caso, ela me deixou com a minha mãe de criação”.

Tempos depois, a mãe de Hélio constituiu família com um outro companheiro, com quem teve um casal de filhos. Na fase atual, Carlos assinala que conseguiu superar esse fato negativo de sua história de vida e declara: “Foi uma opção dela. Mas eu não a crucifico por causa disso. Acho que foi uma decisão dela”. O jovem evidencia gratidão pela tia-mãe e por sua família, que o acolheu e lhe deu educação: “E com as pessoas que eu fui criado, foi uma coisa muito boa que aconteceu na minha vida. São umas pessoas muito especiais”.

A outra tia materna contribuiu para a formação de Hélio, ajudando nas despesas com a escola, com assistência médica e com orientações. O jovem denota grande gratidão por essa tia, declarando:

Ela é irmã da minha mãe, tia Cleide. Ela sempre me dava de tudo. Ela é uma pessoa muito carinhosa comigo. Muito carinhosa mesmo. Me dava, por exemplo, alimentação. Negócio de saúde, ela que ia atrás, Educação. Todas essas coisas, ela que ia atrás. Ela foi uma pessoa que também me ajudou muito na minha educação. Ela e minha mãe. Minha mãe, eu digo, minha mãe de criação. Que é uma outra tia minha também.

“O povo até brinca: ‘lá vem o menino que tem três mães’. Eu acho até interessante”, afirma o jovem. Apesar de ter três mães, falta do pai é latente, o sentimento de rejeição permanece não-dito. Helio não conheceu o pai biológico e declara: “Sabe, meu pai eu não conheci. O nome dele é Jefferson, nunca procurei ir atrás. Como se diz, ele namorava minha mãe, aquele negócio e tudo, e além de não assumir, ele sumiu no mato...”.

Helio morou com a tia-mãe até os 14 anos. Relata que, na sua casa, não havia diálogo, e tenta justificar essa ausência, argumentando que sua tia-mãe também recebeu uma educação severa e rígida e, ao educá-lo, repetiu a formação recebida. Afirma que sofreu muitas agressões físicas da tia-mãe: “Quando eu fazia coisa errada ela me batia, às vezes, por exemplo, era só chegar e conversar não, tudo apanhava, e foi indo, não tinha muita conversa muito diálogo”. Atualmente, a convivência entre Hélio e sua tia-mãe melhorou, existe diálogo, troca de afetos, ele sente que ela se interessa por ele, como ter cuidados com a sua saúde e bem-estar em geral. Hélio percebe que ela sente saudades dele e ele também diz ter saudades dela, o que, no período de uso de drogas, não acontecia. Hélio, atualmente, faz confidências à tia-mãe sobre seus relacionamentos, solicita sua opinião sobre determinada jovem com quem tenciona namorar. O jovem declara: “Hoje, eu ligo, a gente conversa, deito assim no sofá no colo dela, a gente conversa, quem disse que antes seu tinha coragem de fazer isso? Uma, porque eu não tinha coragem, outra porque eu usava droga e, se eu fizesse isso perto dela, ela ia sentir aquele cheiro de droga”. Nas lembranças de Hélio sobre os relacionamentos familiares permanece a amizade com o primo-irmão, filho mais velho da família, o qual ocupou o lugar do tio (marido da tia-mãe). Quando seu tio faleceu, Helio tinha nove anos: “Porque depois que o meu pai de criação faleceu, ele [o primo-irmão] começou a tomar conta. Assim, começou a ajudar em casa, e tudo. Mas ele era um jovem meio bagunceiro...”. O primo-irmão assume função de proteção da família, embora Hélio o considere *bagunceiro*.

Havia uma convivência de cumplicidade com o irmão-primo, a fala do jovem revela: “Ele me levava pras festas, essas coisas, e eu gostava. A gente tem uma afinidade melhor. Assim, o jeito que eu vivo hoje, ele levou uma vida também assim. Mais ou menos igual a minha”. Hélio tem em seu primo um referencial, e talvez o seu consumo de drogas seja também compreendido pela influência dessa amizade com o primo-irmão, que fez uso de drogas na juventude. Atualmente, Wesley, o primo-irmão, está com 32 anos e consome álcool socialmente. Hélio confia: “Chegou a usar, [drogas], mas não se tornou dependente. Usava no final de semana, hoje (...) Até hoje bebe uma cerveja, bebe álcool”. Helio enfatiza

que o primo-irmão o aconselhou a deixar o uso de drogas, citando o seu próprio exemplo de vida:

Inclusive, quando ele descobriu que eu tava usando, ele até me dava conselhos: 'você larga disso, eu sei como é que é essa vida, não vale a pena'. Mas, como se diz, eu não dei ouvidos a ele. Essa droga era mais forte.

Quanto aos demais irmãos, Helio assinala que tem bom relacionamento com todos, com o casal de irmãos, filhos de sua mãe biológica, e com os dois primos, com quem cresceu junto, e que atualmente estão casados. Na expressão de Hélio: “tanto com os meus irmãos de criação, quanto meus irmãos biológicos mesmo, meus irmãos legítimos. Dou muito bem com eles, às vezes têm desavenças... Coisa de irmãos. Acho que é uma coisa normal. Mas a gente se dá muito bem”.

Helio não vive na residência com a tia-mãe, entretanto, declara que atualmente percebe a importância do convívio familiar: “Acho que agora eu tô buscando me interagir melhor com a minha família. Sabe, buscar aquele melhor convívio”.

O consumo de drogas e as experiências de recuperação

A história do consumo de drogas de Hélio apresenta algumas singularidades, como não ter se tornado agressivo com o uso frequente de psicotrópicos. Conseguiu concluir o ensino médio sem interromper os estudos, e respeitava os horários de chegar em casa à noite, estabelecidos pela família, e raramente dormia fora de casa. Hélio traça um paralelo entre seu modo de agir e do primo:

Ele era mais de briga, sair pra gandaia. Procurei também levar um pouco dessa vida, mas não tanto igual a ele. Ele parou de estudar na quinta série, e eu terminei o segundo grau [ensino médio]. Ele saía de casa, ficava, dormia na rua, essas coisas eu nunca pude fazer isso. Era muito difícil mesmo fazer isso, eu já respeitava os meus pais, mais que ele.

Hélio iniciou o consumo por volta dos oito ou nove anos, o que ele próprio considera muito precoce. Inicialmente, usou drogas ditas lícitas, álcool e tabaco, até consumir drogas ilícitas, como a maconha e a cocaína. Na expressão de Hélio: “Eu comecei a usar droga, já bebia desde os oito, nove anos de idade. Com nove anos de idade, eu tive minha primeira

ressaca de vinho, passei mal desmaiei. Com nove, dez anos de idade, eu comecei a fumar cigarro, comecei a me envolver com droga muito cedo”.

A família do jovem tomou consciência de que Hélio estava usando drogas, quando ele foi apreendido como portador de drogas. O caso de Hélio é mais um em que a família evita tomar contato com o problema e só o aceita quando a dependência assume proporções maiores, até com envolvimento da polícia. Hélio declara: “A minha família toda percebeu isso quando eu fui preso. Eu fui preso com 14 anos, com drogas. O pessoal foi descobrir porque teve que ir lá na Delegacia do Menor, me retirar, assinar um termo de responsabilidade”.

Após a prisão, o jovem manteve-se em abstinência por um período de dois meses, levando a família a acreditar que ele estava recuperado, o que evidencia o desconhecimento dos familiares de Hélio sobre os aspectos da drogadição: “Depois que eu fui preso, fiquei mais ou menos uns dois meses sem usar. E eles acharam que eu tinha largado. Aí ficou por isso mesmo”. Seus familiares perceberam que Hélio não havia deixado de usar drogas apenas mais tarde: “Depois de muito tempo, depois de um ano, um ano e pouco, que eles viram que eu tava usando de novo”

Hélio esteve em tratamento na *Fazenda Senhor Jesus*. O seu discurso evidencia a influência dos preceitos seguidos pela organização não-governamental sobre a sua formação. O jovem declara: “Tô limpo, há um ano”. Acredita que a dependência química é permanente, e qual deve estar sempre em alerta para não ter recaída. Segundo Hélio, existem dois grupos de dependência química: os drogaditos em *ativa*, que estão consumindo drogas, e o grupo dos dependentes que estão em recuperação e não mais usam substâncias psicoativas. Ressalta que a recuperação é um trabalho constante e permanente para a vida toda. Hélio assim se expressa:

Larguei. Graças a Deus. Um ano que eu tô limpo. Eu sou um dependente químico, até eu morrer eu vou ser um dependente químico, só que em recuperação. Tem aquele dependente que tá em ativa e tem dependente que tá em recuperação.

Hélio acredita que a dependência química é uma doença incurável, e portanto ele deve ter estar sempre em alerta para não haver reincidência do uso de drogas. Declara:

Mas, hoje eu sou um dependente em recuperação. A cada dia, eu tô buscando a recuperação da minha vida. Tô buscando não usar drogas, e tô buscando modificar os

meus comportamentos prejudiciais, os comportamentos compulsivos. Acho que isso é uma recuperação a cada dia da minha vida.

Hélio associa o consumo de drogas a aspectos da personalidade, e que a recuperação está ligada a mudanças de comportamentos, considerados falhas de caráter, que devem ser transformados. O jovem relata as possíveis causas do seu uso de substâncias psicoativas.

A pessoa não começa a usar drogas por usar, mais porque ela tem sérios problemas emocionais e sentimentais desde de criança. Ela tem um vazio, que ela vai satisfazer na droga, na comida, no chocolate. Ela procura um alívio do sofrimento, que no meu caso foi isto, eu busquei um alívio para o sofrimento na droga. Eu tinha, assim, aquela busca de aprovação pelos outros. Eu queria me sentir notado.

A fantasia de que a droga tem o poder de facilitar conseguir dinheiro, arrumar namorada, ser aceito pelo grupo de pares, envolvia os pensamentos de Hélio. O jovem assim se expressa: “O meu colega é maloqueiro, usa drogas, tem dinheiro, as meninas, tudo gosta dele, isto quer dizer o que? Se ele é assim, por causa da droga, eu também, vou ser”.

Hélio analisa o consumo de álcool e tabaco do primo-irmão Wesly com muito rigor, acreditando não se tratar de um uso social: “Hoje, ele é dependente de álcool, bebe cerveja (...). Porque eles acham que bebe socialmente, mas acho que quando a gente vai ver mesmo o jeito que ele bebe, lógico que não é socialmente”. O rigor em analisar o modo de agir do primo-irmão pode ser um reflexo das orientações obtidas na *fazenda*.

O jovem tece críticas à divisão do consumo em drogas lícitas e ilícitas. Segundo ele, a divisão justifica a aceitação pela sociedade das drogas ditas como lícitas, mas os prejuízos à saúde são igualmente desastrosos em ambos os casos:

Lícita, ele acha, como se diz, que não tem problemas. Ele bebe cerveja e fuma cigarro, sem entrar na recuperação ele falava pra mim: ‘larga de usar droga, você só bebe uma cerveja’. Falei: ‘não, mais isso aí é droga’. E ele: ‘mais não é igual às outras. É só beber com a gente...’. Eu falei: ‘não, eu quero procurar um... largar é de tudo’.

O jovem entende que o uso de drogas modifica o comportamento dos indivíduos, e que seu envolvimento não o tornou agressivo, mas indiferente à família, chegando a dela distanciar-se. Assinala que sentia uma profunda mágoa de sua tia-mãe pelas agressões físicas

cometidas durante sua infância. “Na época da droga, eu sentia era raiva da minha mãe, senti ressentimentos por ela. E nosso relacionamento se distanciou com a droga, distanciou”.

Ressalta que, atualmente, o relacionamento está melhor que antes do uso de drogas: “Hoje sem a droga tá mais próximo do que antes da droga, acho que a melhor fase”. Hélio considera que vive um momento de grandes conquistas pessoais, pois o tratamento possibilitou-lhe um desenvolvimento emocional e psicológico muito rápido, que o fez recompensado pela vida com a recuperação do uso de drogas.

Hélio relata as mudanças na sua qualidade de vida, em todos os aspectos, os relacionamentos com seus familiares, as conquistas pessoais por meio do autoconhecimento, percebendo-se como um sujeito produtivo, e conseqüentemente, melhorando sua auto-imagem. Hélio declara: “Hoje eu aprendo a cada dia a me dar, enfrentar a vida de cara limpa, enfrentar os meus problemas, as coisas boas e ruins de cara limpa sem ter que me esconder atrás de droga, algum tipo de droga. Porque antes eu escondia”.

Trabalho

Na história de vida de Hélio, o trabalho precoce foi necessário a partir desde 12 anos de idade e o que ocorreu em atividades que lhe proporcionassem algum rendimento para suas despesas pessoais, como a venda de guloseimas em semáforos da cidade. Hélio, consciente de sua condição social, afirma: “Eu comecei a trabalhar mesmo, acho que com 12 anos. Porque minha família é de classe baixa. E às vezes, eu trabalhava, não pra ajudar em casa. Trabalhava pra eu ter o meu dinheiro, essas coisas. E às vezes, pegava, vendia picolé”. Aos 14 anos, Hélio conseguiu trabalho regulamentado, por meio de uma organização não-governamental. O relato de Hélio evidencia a sua satisfação em poder realizar trabalho legalizado:

E com 14 anos que realmente eu comecei a trabalhar mesmo. Que eu trabalhei pela Organização Pró-Cerrado, carteira assinada. A empresa que eu realmente entrei no mercado de trabalho, a Pró-Cerrado.

Hélio trabalhou durante três anos em dois órgãos diferentes, exercendo, respectivamente, as funções de auxiliar de técnico em informática e de auxiliar em serviços de escritório. Hélio declara:

Bom, eu trabalhei em dois órgãos, pela Fundação Pró-Cerrado. Eu trabalhei no Tribunal de Contas e no Ministério da Fazenda. No Tribunal de Contas, eu trabalhava na área de informática, que é manutenção dos computadores, manutenção dos programas, na área de processamento de dados. E lá fazia de tudo, desmontava computador, consertava, ajudava funcionários do tribunal com problemas no computador, essas coisas todas. No Ministério da Fazenda, eu trabalhava um pouco com isso e com escritório. É digitação de ofício, memorando e outras coisas.

Hélio trabalhava quatro horas diárias, o que lhe possibilitava estudar. Quando tinha algum tempo para o lazer, ouvia músicas de sua preferência ou saía com o grupo de amigos e, à noite, fazia curso de informática:

Nessa época, quando eu trabalhava naquela Fundação Pró-Cerrado, eu trabalhava quatro horas. Eu, no caso, estudava de manhã e trabalhava à tarde. Tinha a noite livre, no caso, eu fiz um curso de informática. Ou às vezes, eu deixava pra ouvir música, ficar em casa.

Quando seu rendimento aumentou, Hélio passou a contribuir para o orçamento familiar, de acordo com suas possibilidades, pois ele se auto-sustentava. Hélio declara:

Às vezes, pagava uma conta de água e ajudava nas compras do mês. Mas a maioria dele acho que 85%, 90% era pra mim me sustentar. Tipo no caso de roupa, alimentação, essas outras coisas. E o salário, assim, não era bom, porque eu trabalhava quatro horas por dia, recebia meio salário. Mas eu acho, assim, já era de grande valia, porque não tinha muitas coisas com gasto. Gastava tudo com roupa, vale-transporte, essas coisas mais urgentes.

Na intenção de preparar-se para o exame vestibular da Universidade Federal de Goiás, Hélio pediu demissão da instituição. O relato de Hélio evidencia sua frustração por não ter alcançado o seu intento:

Eu já queria fazer o quê? Fazer o terceiro ano, fazer um curso preparatório pra vestibular, e já entrar na faculdade. Passar na Federal [Universidade Federal de Goiás] e entrar na faculdade. E aí (...) eu não dei conta de concluir esse objetivo meu, não é, de fazer... Eu só terminei o segundo grau [ensino médio] e comecei a fazer cursinho.

Hélio retomou o trabalho em duas empresas da área de informática durante um curto período. Por questões administrativas das empresas, o jovem foi demitido, e, entre um emprego e outro, Helio fez *bico*, digitando trabalhos. Hélio assinala:

Eu trabalhava com programação de computador. Trabalhei nessa empresa durante uns três a quatro meses. Essa empresa veio a falência. Aí depois disso eu trabalhei com um amigo meu, em casa mesmo, digitando trabalho. Depois eu trabalhei numa empresa de informática, na manutenção, e na assistência técnica em computadores. empresa mudou de dono, eles demitiram todos os funcionários.

Hélio estava trabalhando em um bar, quando foi para o tratamento na *Fazenda Senhor Jesus*:

Depois eu trabalhei num bar chamado (...) eu trabalhei três meses. E depois desse tempo, há, uns meses atrás, eu fiquei sem trabalhar porque eu tava cuidando de mim, eu procurei afastar um pouco de emprego.

Recentemente, Hélio começou a atuar como voluntário no Centro de Recuperação de Dependentes de Drogas e Álcool (Cerdda), exercendo a função de coordenador da *casa-dia*: “Agora eu retornei a trabalhar. Eu tô coordenando essa casa de recuperação, já tem um mês e três ou quatro dias”. Recebe uma ajuda de custo no valor de um salário mínimo, em razão de sua dedicação exclusiva à *casa-dia*. Explica que Cerdda é uma comunidade especializada na recuperação de dependentes de álcool e drogas, fundada por um grupo de pessoas há um ano, e que recebe jovens de ambos os sexos, para acompanhamento terapêutico, realizado por psicólogos e arteterapeutas, com atividades, orientações espirituais e outras, durante o dia. Hélio é responsável pela administração da casa, como manter a ordem do estabelecimento. Mostra como é o funcionamento da casa-dia e destaca alguns princípios seguidos pela instituição:

O trabalho é muito bom, e a pessoa vai, se alimenta lá, trabalha. O tripé da nossa recuperação é espiritualidade, trabalho e disciplina. Eu acho que isso não é só tripé de uma recuperação, isso é o tripé de um ser humano. Você trabalha a espiritualidade, leva disciplina. Porque não só na casa de recuperação, mas eu acho que no dia-a-dia

da nossa casa mesmo, no convívio familiar, tem as nossas disciplinas, tem as obrigações.

Os relatos de Hélio evidenciam que o jovem é adepto dos procedimentos utilizados, dos preceitos filosóficos e religiosos da instituição:

E lá, a gente trabalha isso com o dependente, porque o dependente chega, ele não tem disciplina, às vezes, ele não tem espiritualidade. Ele chega com a droga que dá uma distorção na vida dele todinha. E lá, a gente começa a trabalhar isso. Vai pouco a pouco até ele começar a pegar.

O jovem declara que suas atividades na *casa-dia* lhe possibilitam o desenvolvimento pessoal. Conforme ajuda o outro a se conhecer melhor, toma consciência de aspectos subjetivos que lhe possibilitam refletir sobre seus posicionamentos perante a vida. Hélio declara: “Eu tô ajudando as pessoas e tô me ajudando também, principalmente. Eu tô aprendendo. Cada dia que passa, que eu trabalho com essas pessoas, eu tô aprendendo coisas pra minha vida”.

Hélio afirma sua intenção de constituir uma família, de passar os ensinamentos para seus descendentes (filhos), ou seja, o jovem denota ter um projeto de vida: “É que eu posso passar pra outras pessoas, e quem sabe, daqui a alguns anos pros meus filhos, neto ou seja, a descendência”.

Escola

A família de Hélio não tinha condições financeiras, mas buscou escolas conveniadas, e as escolhas aconteceram por critérios que lhe assegurassem um ensino de melhor qualidade. Seus relatos denotam que as duas tias estavam atentas à qualidade do ensino ministrado na escola escolhida por Hélio para estudar: “Elas procuraram ver quem são os professores, como que são as qualificações dos professores. Se o colégio tinha um ensino bom a oferecer, se o colégio era perto de casa”. A tia materna, citada em depoimentos anteriores, pagou a escola durante todos os anos em que Hélio estudou em colégio conveniado e, depois, o curso preparatório para os exames vestibulares.

Nas lembranças da época que cursou segunda fase do ensino fundamental e o ensino médio, figuram alguns professores que foram significativos na sua formação. O jovem cita quatro, que tiveram para ele especial importância. Hélio conta: “Tive vários professores, eu

sempre gostei dos meus professores. Alguns eram meio chatos, mas eu gostava deles. Tem quatro professores que eu lembro com mais (...) que tenho mais saudade”. Hélio considera esses quatro como especiais, pelo vínculo positivo do relacionamento com eles, pois estavam atentos a aspectos emocionais e psicológicos, buscavam o diálogo com o jovem que necessitava de atenção, em razão de condições familiares e econômicas.

Hélio assinala que não teve reprovação em sua vida escolar e, em sua auto-avaliação, foi um bom aluno até a idade de nove anos, pois não havia obtido uma nota abaixo de sete. Este período coincide com a sua primeira embriaguez alcoólica: “Até a quarta série eu era um ótimo aluno. Tirava 9, 9.5, 8. Minha nota menor era 7. Aí, eu entrei na segunda fase do ensino fundamental e comecei a cair”. No ensino médio, a situação de Hélio complicou-se: “Aí, no segundo grau eu perdi o trabalho, veio os problemas de adolescência, eu comecei a ter um rendimento escolar baixo. Sempre eu fazia recuperação, fazia recuperação das matérias, mas passava”.

Atualmente, Hélio pretende realizar os exames vestibulares para Ciência da Computação, ou Engenharia. Hélio concluiu o ensino médio, fez cursinho preparatório para o exame vestibular, mas não conseguiu se classificar, situação que o jovem justifica por falta de condições financeiras para pagar a inscrição.

Hélio tece críticas às palestras que ouviu sobre prevenção contra o uso de drogas, considerando que as abordagens são centradas nos efeitos das drogas e muitas vezes, e o efeito varia de sujeito para sujeito. Nestas palestras, segundo ele, são usadas linguagens técnicas, distantes da realidade do jovem e que não são eficazes para evitar o consumo de drogas. Hélio critica:

Eu acho que pra mim não era muito boa. Por exemplo, eles falavam dos efeitos de determinadas drogas. Eles falavam lá: ‘maconha, causa isso e aquilo’. Eles falavam num linguajar da medicina, que pré-adolescente fica difícil dele (...) acreditar.

Também, as palestras eram proferidas por profissionais na faixa etária entre trinta e quarenta anos, o que os distanciava dos jovens, que não se sentiam seguros com a informação transmitida. Eles tiravam as dúvidas com Hélio, porque sabiam que ele fazia uso de droga e era capaz de verificar a veracidade das informações. Hélio assinala:

Tinha amigos meus de sala que sabia que eu usava droga, (...) Ele começava a falar ‘é isso, é aquilo’ o outro aspecto que Hélio comenta quanto à prevenção, o que é muito

polêmico, é o fato de os palestrantes não terem feito uso de drogas, e, portanto não terem conhecimento do uso de drogas.

Hélio comenta: “Levava pessoa um pouco mais velha, por volta dos trinta, quarenta, cinquenta anos, pra mim, eu via aquilo que eles não tinham experiência com drogas”. Relata um acontecimento que presenciou durante uma palestra para argumentar sua opinião: “Inclusive teve um lá que foi dar palestra, ele começou a falar e os meninos começaram a fazer muita pergunta pra ele, e ele acabou... como se diz, embaralhando”.

Hélio considera que a prevenção deva ser realizada por jovens em recuperação do uso de drogas, e explica seu posicionamento:

Porque a pessoa que é dependente, ela tem uma experiência a mais que a pessoa que não é dependente. Porque ela já usou, ela sabe o que causa. Ela sentiu na pele. Porque se pessoas, por exemplo, vai falar com adolescente, pessoa tem que ser adolescentes. Porque ela tá no meio. Ela convive com (...).

Outro aspecto do relato de Hélio são as mudanças rápidas que ocorrem no consumo de drogas, como a idade cada vez menor para o início da adição, o aumento do número de jovens do gênero feminino no consumo de drogas, o tipo de droga consumida, a forma como o consumo é realizado entre os jovens. Hélio assim se expressa:

Hoje que eu tô sem usar, desde quando eu comecei a usar até hoje tem cinco ou seis anos mudou muita coisa, é pessoas novas usando, hoje eu vejo um monte de meninos de 11, 12, 13 anos usando. Também, quando eu comecei a usar drogas, não tinha muitas meninas que usavam drogas, hoje, tem várias meninas usando drogas.

Com a concepção de que o fenômeno da drogadição envolve diferentes aspectos, como o individual, o familiar e o social, uma medida preventiva utilizada no seu grupo de trabalho é a busca pela qualidade de vida. Na visão de mundo de Hélio, a droga é mais um elemento de deterioração do indivíduo como um cidadão cumpridor de seus deveres e direitos, das relações familiares e sociais. Argumenta:

Que hoje em dia, essa questão droga, eu acho que não tá relacionado só a droga, está relacionado ao comportamento da pessoa. A gente prega uma busca de qualidade de

vida. E com essa qualidade de vida, eu tenho certeza, que ela não vai querer se envolver com droga, ou qualquer tipo de entorpecente.

Visão religiosa

A *casa-dia* tem filosofia similar ao do grupo *Amor Exigente*, portanto, seu ponto central é a difusão da crença no *poder espiritual*. Hélio explica o que é espiritualidade:

A pessoa pode ser católica, evangélica, espírita, não importa a religião da pessoa. Que ela tenha um poder superior. Por exemplo, eu vejo o poder superior como Deus, Jesus Cristo. Outras pessoas podem ver do modo delas. E assim, a gente prega. Que ela possa acreditar no poder superior, e que aquele poder superior pode ajudar ela, a modificar a vida, a transformar a vida dela. Mas a gente não indica nenhuma religião pras pessoas.

Hélio assinala que existe respeito pela religião dos participantes, que não pode haver nenhum tipo de pregação para induzir os colegas a trocar de religião, que sua opção é pessoal e deve ser respeitada. Cita seu exemplo como um caso em que a mudança de religião se deu por uma escolha pessoal. Havia algum tempo que jovem não sentia que a religião que recebera na infância, ensinada pela família, estava preenchendo suas expectativas. Esse motivo levou-o a mudar de credo religioso. Hélio relata:

Porque, eu era católico, mas eu não me sentia bem, não me sentia totalmente realizado. Aí uma vez a pessoa me falou: ‘olha, eu sou evangélico, você quer conhecer minha religião?’ Eu pensei: ‘bom, não vai me fazer mal nenhum, conheci a igreja dessa pessoa, e hoje eu me converti, sou evangélico’.

O *poder superior* parece ser o ponto central da metodologia aplicada pela instituição na recuperação dos drogaditos. Na expressão de Hélio: “Eu acho que ele [drogadito] vai ver, quando ele [drogadito] começar a pegar a recuperação, ela vai ver que ela precisa de um poder superior”. A ênfase do *poder superior* evidencia a necessidade de acreditar em algo mais forte que a dependência química, para ajudá-lo a recuperar-se. A declaração a seguir esclarece esse aspecto:

Assim, o nome já diz, um poder superior. Um poder acima dele. Um poder acima dele, quer dizer ele tem como modificar aquela pessoa que busque (...) que essa pessoa busque a ajuda desse poder superior. O meu poder superior é Deus....

Perspectiva de futuro

O jovem tem clareza do que almeja para seu futuro:

Eu pretendo me realizar profissionalmente, trabalhar em uma área que eu gosto, trabalhar com informática, quero me realizar nessa área, e quero continuar trabalhando na área da dependência. Quero casar ter meus filhos, ter a minha casa ter a minha família, levar uma vida boa e oferecer uma vida boa, para quem está perto de mim.

Hélio aborda aspectos de sua auto-imagem, evidenciando duas fases de sua vida bem distintas: uma primeira, quando usava drogas e, por isso, tinha um modo de pensar e de agir diferente da segunda fase, a situação de alguém que está se recuperando da dependência química, orientado pelos preceitos da Fazenda Senhor Jesus. Hélio assim se expressa:

Eu luto muito pela minha realização, tanto profissional, quanto sentimental e emocional . O Hélio agora hoje, ele como se diz ele tem dois olhares sobre a vida. O Hélio antes era muito imediatista, eu queria aquela coisa eu queria para ontem. Hoje não, o Hélio já trabalha o imediatismo dele. Hoje, eu já trabalho o meu imediatismo. Eu trabalho já a minha indecisão.

A importância de enfrentar os problemas da existência humana, sem a necessidade de refugiar-se nas drogas, é percebida por Hélio como fator principal de sua recuperação. O jovem confidencia: “Estar de cara limpa, às vezes, pode machucar. Mas eu acho que eu tenho que trabalhar isso. Na vida pode acontecer coisas ruins, e pode acontecer coisas boas e tem que estar preparado para as duas”.

Hélio diz sentir um grande medo de voltar a usar drogas, e fala da violência em que vive a sociedade atual: “A violência, eu tenho um pouco de medo do mundo, eu tenho medo às vezes, por exemplo me dá vontade de usar droga. As pessoas até assustam quando eu falo de voltar a usar. Que dá vontade dá, mas eu não posso voltar a usar, eu não posso voltar a usar droga”. Hélio conclui que o medo possibilita sentir os limites necessários para evitar comportamentos de riscos: “Mas um pouco de medo ajuda a pessoa, a viver bem, mas eu tenho sim, eu tenho um pouco de medo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre a temática da juventude sinalizam a necessidade de investigar empiricamente quem são os jovens atualmente. Na esteira dessa preocupação, este trabalho propôs-se a investigar, mediante depoimentos de seis jovens estudantes que transpuseram ou não o mundo das drogas chamadas ilícitas, quem são estes jovens, que aspectos demarcam sua vida cotidiana, que significados atribuem a ela, que papéis as agências socializadoras desempenham na constituição do ser jovem, e por fim, que anseios e perceptivas permeiam sua vidas no universo sócio-cultural em que vivem.

Visto que o fenômeno da drogadição é complexo e multifacetado, considerou-se pertinente examinar os aspectos que contribuem para formação do jovem, tomando-o como sujeito social, portador de desejos, pertencente a uma classe social, a um gênero, morando em uma determinada região geográfica, e por conseguinte, vivendo condições sociais diferentes que concorrem para formar a singularidade de cada sujeito.

Este intento implicou estudar três jovens que não haviam experimentado substâncias psicoativas, exceto álcool e tabaco, para averiguar fatores de interdição ao consumo de drogas, e três jovens que estavam em processo de tratamento da dependência química, com o propósito de conhecer os fatores que os estimularam a adentrar o consumo de drogas e realizar tentativas de superação da condição de dependentes.

O propósito de penetrar no universo conceitual dos sujeitos para entender como eles constroem o seu cotidiano e sob quais parâmetros se ancoram ou não no consumo de drogas concretizou-se. Verificou-se que nos fatores que levam os jovens a consumirem drogas estão presentes aspectos da personalidade do jovem, familiar e do contexto social mais amplo. Abordar as questões das drogas sob a dimensão relacional consiste em perceber o ato de drogar-se percebido como o resultado das qualidades das relações afetivas e sociais abrangentes, assumindo o significado de sintoma; por conseguinte, o uso de drogas não representa um problema em si, mas uma busca de soluções diante das dificuldades do contexto das relações familiares e sociais. Implica considerar que as possíveis razões que propiciam o uso de drogas por jovens não são unicasais, mas que existe uma gama de fatores que contribuem para essa situação.

Neste sentido, jovem usuário de drogas não é percebido como um doente ou um delinqüente. Conceber o drogadito como um sujeito que busca soluções para as questões pessoais, familiares e sociais, enfim um cidadão, implica realizar uma prevenção ao uso

indevido de drogas, com base em um modelo em que a ênfase não está na droga, mas nas qualidades das relações afetivas e sociais dos jovens estudantes, levando-os a se perceberem como cidadãos participativos da sociedade, capazes de construir seus projetos de vida.

A princípio, supunha-se que os jovens usuários de drogas compunham subgrupos com identidade própria, com código lingüístico, gestual e vestuário diferenciado, formando um estilo de vida. Os depoimentos evidenciaram que os seis jovens participam de segmentos diferentes, possuem visões de mundo específicas, dilemas e perspectivas de futuro próprias. Existe uma maneira de *ser* jovem, que não resulta em um estilo de vida diferenciado do jovem que experimentou drogas.

Os depoimentos sinalizaram a existência de modelos de comportamentos provenientes das agências socializadoras que passam a ordenar a percepção e o modo de agir do jovem, compondo um *modo de ser jovem*. Cada jovem é singular no seu modo de pensar e representativo de modelos culturais diversos.

As análises dos depoimentos dos jovens assinalaram a necessidade de compreender a juventude como um período da vida marcado por especificidades que devem ser respeitadas, especialmente quando as questões se relacionam ao consumo de substâncias psicoativas. Ressalta-se que os depoimentos dos jovens foram colhidos seguindo o citado roteiro; no entanto, emergiram categorias diferentes dos propostos pelo roteiro, em virtude da história de vida dos jovens, o que comprova a singularidade de cada sujeito. Confirmou-se o conceito da categoria juventude como um período da vida em que estão presentes uma diversidade de acontecimentos concretos, como aspectos sociais, culturais, de gênero, religiosos, geográficos e outros.

Verificou-se, ainda aspectos convergentes nos depoimentos dos seis jovens como a busca pela autonomia, as críticas aos familiares, à escola e a Igreja pelas incoerências entre o discurso e sua prática. Os jovens têm como projeto de vida realizar um curso de nível superior, criticam ainda as agências socializadoras, por não abordarem assuntos do cotidiano do jovem como a droga, sexo e política. A pesquisa revelou a importância dessas agências na formação do jovem, e que elas contribuem para a formação do sujeito por meio do *habitus*.

Um aspecto comum encontrado nos depoimentos dos três jovens do segundo grupo, diz respeito à apreensão quanto às possíveis recaídas ao consumo de drogas.

Algumas divergências foram encontradas, estão em maior grau entre os dois grupos. Os jovens em processo de recuperação têm história de vida perpassada pelo uso, no passado, de substâncias psicoativas, do qual decorrem transgressões a regras e a leis.

Elisa mostra a singularidade do seu modo de ser por ter uma história de vida que, segundo crença do senso comum, a levaria a consumir drogas. Entretanto, ocorre o inverso – a jovem não faz uso de substâncias psicotrópicas, como também revela sua indisposição em relação aos tios maternos, que são usuários de drogas. Os relatos da jovem evidenciam um desejo de ter uma história de vida diferente de seus familiares, o que encaminha para a reflexão de elementos sociais que levam à interdição ao uso de substâncias psicoativas. Em sua família, a avó ocupa a função de protetora e provedora, uma figura feminina forte e parece ter elegido Elisa para desempenhar a função de *salvadora* da imagem da família – uma família que se afasta dos padrões considerados *normais* pela sociedade em geral, com o uso de drogas dos tios e mesmo da irmã, e dos vários companheiros da mãe. A avó, no sentido apresentado por Bourdieu (1983), exerce o papel de referência simbólica, pois é portadora de autoridade pedagógica.

Elisa é figura representativa de um segmento de jovens que idealiza uma vida com qualidade, com desejo de ter acesso aos bens e serviços públicos, que pretende constituir uma família, ter uma profissão em nível universitário, com salário compensador; segundo a jovem, ter uma vida com *dignidade*.

Bruno mostra seu modo de pensar singular quando consegue resistir e experimentar drogas, apesar de declarar sua grande curiosidade em sentir os efeitos que a droga causa no organismo – *as viagens*. Seus relatos evidenciam o medo de tornar-se um dependente químico e seu desejo em estar sempre agradando seus familiares. O jovem, ao participar de grupos de teatro na escola, teve experiências interessantes na sua maneira de refletir sobre a vida. Outro aspecto significativo e singular da história de vida desse jovem é que ele vive paradoxalmente a participação em atividades religiosas como membro ativo da Igreja Católica e atividades teatrais que possibilitam refletir sobre dimensões mais amplas da vida individual e social. Essas duas agências socializadoras são fundamentais na constituição do jovem como sujeito social, em especial o teatro, que atua como um espaço de liberdade das pressões sociais sentidas pelo jovem, sobretudo na família.

Por outro lado, Bruno é representativo do segmento de jovens para os quais o sentimento de *pertencimento* à família ocorre pela participação dos eventos da família extensa e das atividades da igreja, as quais exercem a função de desenvolver no jovem a *responsabilidade filial*, segundo Bruno, o de *querer agradar a todos*.

No caso de Ângela, o modo de ser jovem é diferenciado em relação ao modelo cultural veiculado pela mídia. A jovem declara textualmente que não faz uso de qualquer tipo de droga, mesmo álcool e tabaco, por querer se diferenciar dos demais jovens. Relata que fez

uso de bebida alcoólica, entretanto não se sentiu bem. A jovem parece fazer uma inversão de papéis, e age com autoridade sobre a conduta dos pais e da irmã. Outro aspecto singular no depoimento da jovem é ser a única participante do grupo de jovens do AE que faz parte das atividades de prevenção sem ter familiares que estão em tratamento por dependência química.

Entretanto, é figura representativa de um segmento de jovens vinculado às práticas e aos discursos de recuperação da instituição à qual é vinculada. Ângela restringe suas atividades sociais praticamente à participação nas atividades do grupo de jovem da igreja que frequenta desde a infância, juntamente com sua família. A religião tem função estruturante na subjetividade da jovem, e possivelmente atua como um mecanismo de interdição ao uso de drogas.

Roberta tem seu modo de pensar singular pelo fato da sua família ter função estruturante em sua constituição como sujeito e não conseguir conter o consumo de drogas da jovem. Passou pelo tratamento em uma fazenda que atende a drogaditos do gênero feminino e cuja base religiosa se fundamenta nas doutrinas da Igreja Católica, mas não se converteu ao catolicismo. Atualmente declara não consumir drogas. Em seus relatos, deixa claro as dificuldades que encontra em resistir ao impulso de usar droga, em virtude da facilidade que tem de consegui-la e a pressão que os amigos usuários fazem sobre ela, que está em processo de recuperação.

A jovem é representativa de um segmento de jovens em tratamento pela dependência química. No período em que usou drogas se tornou agressiva, não frequentou regularmente a escola, e não media esforços para conseguir drogas, cometendo várias transgressões, bem como causou prejuízos financeiros à família. Roberta pertence a uma família nuclear com poderes aquisitivos razoáveis e relações de afeto e sociabilidade que lhe proporcionaram condições para estudar e ter parâmetros de adequação à vida social. Entretanto, a forma de aceitação de sexualidade, tanto por ela quanto por seus familiares, provavelmente contribuíram para a vivência de inúmeros conflitos que não foram suficientemente elaborados, o que facilitou a sua inserção ao consumo de drogas. Os limites para sua recuperação parecem tênues, embora as reflexões sobre as experiências vivida sinalizem uma certa *consciência* dos dilemas vividos.

Carlos é um jovem singular, em razão da experiência de vida, resultado dos sofrimentos originados pelo consumo de drogas iniciado precocemente. Revela uma certa incapacidade de reestruturação de sua vida pessoal e de romper seus próprios limites para conseguir alcançar os objetivos propostos por ele próprio.

Atualmente, em processo de recuperação, expressa um modo de conceber a vida influenciado pelos preceitos filosóficos da organização não-governamental na qual desenvolve um trabalho voluntário, norteado por valores religiosos e morais rígidos. Verifica-se, no modo de pensar desse jovem a eficácia, pelo menos momentânea, da organização na sua formação, no seu *modo de ser jovem*.

A singularidade do modo de pensar que Hélio apresenta está na sua capacidade de ressignificar fatos traumáticos de sua história de vida, como a dupla rejeição da mãe e do pai. Mesmo fazendo uso de drogas, não interrompeu os estudos, tampouco tornou-se agressivo ou cometeu atos de transgressão legais.

Sua paternidade não é esclarecida pela mãe. Educado por uma tia materna, começou a trabalhar na infância, e iniciou o uso de drogas entre oito a nove anos de idade. A história de vida desse jovem evidencia que, mesmo estudando e trabalhando nos limites do espaço social em que viveu, a falta do pai biológico não conseguiu ser suprida pelo tio (marido da tia materna) ou pelo primo-irmão e favoreceu o consumo de drogas.

A concepção de família preconizada pelas instituições e mídia toma como verdade e transforma em modelo a família cuja autoridade masculina está no topo das relações, que segue uma hierarquia e na qual o pai é o provedor e investido de poder. As famílias seriam consideradas *incompletas e desestruturadas* quando se afastam do modelo idealizado. Os depoimentos sinalizam que as chamadas famílias *desestruturadas* necessariamente não favorecem o consumo de drogas, como no caso da jovem Elisa, que se supunha ter uma disponibilidade maior ao consumo de drogas em razão de fatores de *desajustes* familiares, e no entanto, isso não acontece, exceto com álcool e tabaco. Os depoimentos da jovem Roberta evidenciam que a sua família se aproxima do modelo imposto pelas instituições e pela mídia, o que não foi suficiente para protegê-la do consumo de drogas.

Nesta perspectiva, o fenômeno da drogadição pode ser definido como o encontro de uma pessoa com o produto, em um contexto sócio-cultural. Pesquisas de Bastos e Carlini-Cotrim (1998) comprovam que a prevenção realizada com o foco nos efeitos que as substâncias psicoativas causam no organismo têm resultado contrário, ou seja, leva o jovem a experimentar drogas, pois o motivam a testar a veracidades das informações, geralmente transmitidas por adultos que sequer experimentaram drogas, e segundo depoimentos de Carlos e Hélio, essas pessoas não são consideradas pelos jovens como credenciadas para abordar tal assunto.

Portanto, abordagens que tratam o assunto de maneira indireta, por meio de projetos em que o jovem se sinta cidadão responsável por contribuir para a construção de um mundo

melhor, realizada com base no enfrentamento da realidade, na quebra de tabus, reconhecendo situações de risco e levando o educando a fazer opção pela vida, poderão ser um caminho para realizar a prevenção ao uso de drogas com resultados factíveis. Cabe levantar a questão: o professor tem formação técnica e pessoal para realizar um trabalho de prevenção como esse enfoque? Qual a representação social dos professores sobre uso de drogas?

A escola, nas sociedades modernas, tem papel preponderante na formação da criança e do jovem, que a família lhe atribui, dentre as demandas da sociedade. Os depoimentos relevam que a escola deve abordar com maior frequência temas do cotidiano dos jovens, tais como política, sexo, droga e outros. São assuntos significativos para a juventude e que possibilitam ao aluno perceber-se como cidadão participante de uma sociedade, propiciando o desenvolvimento de valores éticos e sociais.

Os seis jovens relatam, ainda, seu descontentamento com a maneira de a escola abordar temas do seu dia-a-dia, evidenciando quase um descaso com as dificuldades sentidas pelos jovens nesse momento em que ainda necessitam de orientação para uma melhor condução de suas vidas. Parece que a escola não dá importância a aspectos fundamentais na condição de sujeito social. Talvez, faça-se necessário um questionamento sobre como a escola percebe o jovem. Os professores parecem conceber a juventude como um período da vida em que não existe a necessidade de abordar temas que contribuirão para a sua formação. Os depoimentos do jovem Bruno evidenciam o quanto a escola de qualidade possibilita ao jovem elaboração de aspectos subjetivos do sujeito, que, em última análise contribuirão para a sua formação como cidadão, e indiretamente, na prevenção ao uso de drogas.

Toda ação educativa não é neutra, e a prevenção ao uso de droga, tem no seu bojo uma concepção de ser humano e de sociedade que é a estrutura fundante da ação.

Acredita-se que a prevenção trará resultados positivos, “aquela baseada no respeito ao outro, no incentivo ao exercício da escolha, na tolerância às diferenças, na ênfase ao crescimento emocional e cognitivo do educando” (Carlini-Cotrim, 2000, p. 71).

O fenômeno da drogadição entre os jovens é complexo e multifacetado e nele estão imbricados fatores sociais, psicológicos, históricos, antropológicos e biológicos. Sua abordagem exige uma reflexão sobre a função social da escola, a adequação da formação do professor às demandas dos jovens e de suas famílias. Portanto, a escola deve colocar-se mais próxima da família e da comunidade, a fim de que ambas realizem um trabalho em parceria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, W. H.. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *In*: SPOSITO, M. (org.) Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*. ANPED. São Paulo, n. 5/6 p.25-36, 1997.

BASTOS, F. I. & CARLINI-COTRIM, B. O consumo de substancia psicoativas entre os jovens brasileiros: dados, danos & algumas propostas.*In*: BRASIL. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD). *Jovens acontecendo na trilha das Políticas Públicas*. Brasília: CNPD, 1998. v. 2.

BAUMKARTEN, S. A drogadição e o consumo de merla na adolescência. *Inter-Ação*, Goiânia, v. 1, n. 27, p. 47- 74, jan /jun. 2002.

BOGDA, R. C. & BIKIEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOLOGNA, J. E. Drogas estranhando o óbvio. *In*: SPOSITO, Marília Pontes (org). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. *In*: BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Trad. de Jeni Vaitsm. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BUCHER, R. *Drogas e sociedade nos tempos da Aids*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

CANESIN, M. T. *et al*. Contribuições conceituais sobre juventude, família e escola. *Educativa*. Goiânia, v.1, n. 1, p.57-78, jan./jun. 2002.

_____, M. T. *Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e educação*. Goiânia: Ed. Da UCG, 2001.

CARLINI-COTRIM, B. Drogas estranhando o óbvio. *In*: SPOSITO, Marília Pontes (org.) *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.

CARVALHO, M. C. B. O lugar da família na política social. *In:* CARVALHO, M. C. B. (org.). *A família contemporânea em debate*. 3. ed. São Paulo: Educ; Cortez, 2000.

CENTRO BRASILEIRO DE INFORMAÇÕES SOBRE DROGAS PSICOTRÓPICAS. *IV Levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras*. São Paulo, UFSP, Cebrid, 1997. GALDULRÓZ, J.C. F., NOTO, A R.& CARLINI, E. A..

CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sula, 2001.

COHEN, A. K. A delinquência como subcultura. *In:* BRITO, Sulamita de. *Sociologia da juventude*, a vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, v. 3.

DAYRELL, J. T. O jovem como sujeito social. Grupo de Trabalho 3: Movimentos Sociais e Educação. Anped, Goiânia, 2002.

_____. A escola como espaço cultural. *In:* _____ *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996 p. 137-161.

EISENSTADT, S. N. Grupos informais e organizações juvenis nas sociedades modernas. *In:* *Sociologia da juventude: os movimentos juvenis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, v. 4. p.13-29

GUIMARÃES, E. *Escola, galeras e narcotráfico*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

IANNI, O. O jovem radical. *In:* _____ *Sociologia da juventude: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro:Zahar, 1968. v.1.

LAPASSADE, G. Os rebeldes sem causa. *In:* BRITO, Sulamita de. *Sociologia da juventude: a vida coletiva juvenil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v.3.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna, *In:* _____ *Sociologia da juventude: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. v.1.

PERLAVA, A.T. O jovem como modelo cultural. *In: SPOSITO. M. (org.) Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. ANPED. São Paulo, n 5/6. p. 15-24, 1997.*

REIS, J. R. T, Família emoção e ideologia. *In: LANE, S. T. M.. ; CODO, w. (Orgs.). Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.*

VELHO, G. Dimensão cultural e política do mundo das drogas. *In: INEM, Acselrad. Gilbeta & Clara Lúcia (org). Drogas: uma visão contemporânea. Rio de Janeiro: Imago, 1993.*

_____. *Nobres & anjos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.*

_____. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.*

_____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.*

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.*

SARTI, C. A.. Família e individualidade: um problema moderno. *In: CARVALHO, M. C. B. (org.). A família contemporânea em debate. 3 ed. São Paulo: Educ; Cortez , 2000.*

SPOSITO, M. P. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social. São Paulo, v.5, n1/2, p. 161-178, nov. 1994.*

_____, M. P. Estudos sobre juventude em educação. *In: PERALVA, A: SPOSITO, M (Org.) Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. São Paulo, n.5/6, p.37-52, 1997.*

SYMANSKSI, H.. Teoria e “teorias” de família. *In: CARVALHO, M. C. B.. (org.). A família contemporânea em debate. 3 ed. São Paulo: Educ; Cortez , 2000.*

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AQUINO, M. T. C.de. Toxicomania ontem e hoje: proposta de intervenção. Reunião de audiência pública para debater com a sociedade a prevenção, o tratamento, a fiscalização, o controle e a repressão de tráfico ilícito e do uso indevido de entorpecentes e drogas afins. Conselho Federal de Medicina/Câmara dos Deputados (Comissão de Seguridade Social e Família). Brasília, . 17jun. 1993.

ALMEIDA, C. R. S. de. *Drogas: uma abordagem educacional*. São Paulo: Olho d'água, 2000.

ALENCAR, R. L. B. *Educação e prevenção do abuso de drogas, modelo escolar de educação primária*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1992. p. 57-66. (Série Prevenção,1 – monografias do cedsu).

AMORIM, N. M. O uso de prevenção de drogas: alguns subsídios para prevenção educativa, 1994 Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação (FE) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.

ANDRADE, C. D. de. *Reunião: 10 livros de poesias*. Introdução de Antonio Houaiss. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

ANDRÉ, S. A. & VICENTIN, M. C. G. A droga, o adolescente e a escola: concorrentes ou convergentes? In: GROPPA, A . J. (org.). *Drogas na escola alternativas teóricas e práticas*, São Paulo: Summus Editorial, 1998.

ARATANGY, L. R. *Doces Venenos: conversas e desconversas sobre drogas*. São Paulo: Olhos d'água. 2000.

BEZERRA, V. C. & LINHARES, A. C. B. *A família e o uso de drogas*. [(Juventude, Saúde e Desenvolvimento. Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, Área de Saúde do Adolescente e do Jovem)]. Brasília, ago. de 1999. v. 1.

BRASIL. Secretaria Nacional Antidrogas. *Maconha: informação para os adolescentes*. Brasília: Senad,, 2000..(Serie Diálogo)

_____. *Maconha: o que os pais devem saber*. Brasília:Senad,, 2000. (Serie Diálogo).

_____. *Álcool o que você precisa saber*. Brasília. Senad, 2000. (Serie Diálogo).

BUZZI, C. Transgressão, desvio e droga. *Revista Brasileira de Educação*. Anped. São Paulo, v. 5, maio/jun/jul/ago, v. 6 set/out/nov/dez.1997. p. 56 – 61. (Número especial – Juventude e contemporaneidade).

CARDOSO, R. (org.). *A aventura antropológica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARLINI-COTRIM, B. *A escola e as drogas: realidade brasileira e contexto internacional*. São Paulo, 1992. Teste (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica – (PUC – SP), São Paulo.

_____ *Drogas: mitos e verdades*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.

_____ Dados sobre o consumo de drogas por adolescentes no Brasil..*Revista ABP – APAI*, São Paulo, v. 9, nº 3, p. 99-102, 1987.

_____ & ROSEMBERG, F. Drogas: prevenção no cotidiano escolar. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 20, n. 20, p 43-52, jan. 1990.

_____ & _____. Os livros didáticos e o ensino para a saúde: o caso das drogas psicotrópicas. *Revista Saúde Pública*. São Paulo, v. 25, n. 25, p. 299-305, jan. 1991.

CARLINI, E.A; _____ et al. *O uso de drogas por estudantes de 1ª e 2ª graus da rede estadual em dez capitais, em 1987*. Ministério d Saúde e Ministério da Justiça. Consumo de drogas psicotrópicas no BRASIL em 1987, 5:09-84,1989.

CATANI, A M. A sociologia de Pierre Bourdieu. (Ou como um autor se torna indispensável ao nosso regime de leitura).: *Educação & Sociedade: Revista Quadrimestral de Ciência da Educação*, Cedes. Campinas, ano 23, nº 78.p. 23-34, abr. 2002.

CRUZ, A. R. *Educação e prevenção do abuso de drogas*.Rio de Janeiro: Ed Universitária, Santa Úrsula, 1992, p. 29-44. (monografias do Cedusu – série prevenção, 1).

_____. *Educação e prevenção do abuso de drogas*.Rio de Janeiro: Ed Universitária, Santa Úrsula, 1992, p. 45-55. (monografias do Cedusu – série prevenção, 1).

GAMMER, C. & CABIÉ, M. C. *L'Adolescence, crise familiale*. Paris; Éres, 1992.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Família e escola, essa convivência é o maior barato!* Goiânia, 2000.

_____. *Maçonaria contra as drogas – um projeto em favor da vida*. Brasília, 2000.

_____. *Qual o seu plano de ação? Maçonaria contra as drogas*. Goiânia, 2000.

_____. *Regulamento do projeto; Maçonaria contras as drogas*. Goiânia 1998.

LEITE, M. C. Aspectos básicos da síndrome de dependência de substâncias psicoativas. Brasília:Previdência da Republica, Gabinete de Segurança Institucional, Secretaria Nacional Antidrogas, 1999. 26p (serie Diálogo; 3)

LUZ, A. A. da. *Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades*, 2002 Tese (doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo .

KALINA, E.. Drogadição hoje, individuo e sociedade. In: _____ *A terapia e prática da psicoterapia familiar do adito* Porto Alegre: Artes Médicas, 1999, cap. 3.

KLIISYS, P. *Qual é o barato?.* São Paulo: Publisher Brasil, 1999.

MARQUES, M. O. S. Escola, noturna e jovens. *In: SPOSITO. M. (org.). Juventude e contemporaneidade. Revista Brasileira de Educação. ANPED. São Paulo, n 5/6. p. 63-75, 1997.*

MENEZES, M. S. C. de.. *O que é amor-exigente? Resposta para pais e filhos. 25 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.*

MINAYO, M. C. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo, Hucitec, 1992.*

_____ *et al. Fala galera: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Gramond, 1999.*

SANTOS, E. L. I. dos. *De rejeição e Onipresença: uma análise de textos-histórias sobre as drogas elaboradas por jovens estudantes de uma escola pública, 2000. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC –SP), São Paulo.*

SEIIDL, Eliane Maria Fleury (org). *Prevenção ao uso indevido de drogas: diga SIM à vida. Brasília: Cead/ UnB; Senad/SGI/PR, 1999.*

SILVEIRA, D. X. *Um guia para a família. Brasília: Previdência da Republica, Casa Militar, Secretaria Nacional Antidrogas, 2000.*

SOARES, C.B. *Adolescentes e Aids: avaliando a prevenção e levantando necessidades, 1997. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo.*

SUDBRAK, M. F. O.. *A prática de redes sociais: metodologia de prevenção das drogas e dst/aids. Boletim Epidemiológico AIDS. Ministério da Saúde. Brasília, ano 9, n.6, 1997.*

_____. *Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda. In: MACEDO, R. M. (org.). Família e comunidade. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 136.1997 (Coletânea da Anpepp)..*

_____. Da falta do pai a busca da lei – o significado da passagem ao ato delinqüente no contexto familiar e institucional. *Psicologia:Teoria e Pesquisa*. Brasília, v.8, p. 447-457,:1992. Suplemento especial.

_____. Multiplicadores para a prevenção das drogas e dst/aids: possibilidades de participação comunitária através da prática de redes. *Participação*. Brasília, n.2, p 18-23, dez. 1997.

_____; SEIDL, E. M. F. & EGG, R. N. Situação de risco na adolescência – uma análise da dependência química no contexto sócio-familiar. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTIFICA DA UnB, 4. *Anis* Brasília, 1998.p.23-36.

ZALUAR, A . (org.). *Drogas e cidadania: repressão ou redução de riscos*. São Paulo: Brasiliense, 1998.